

ONZE DE ABRIL: O DIA DA AUDÁCIA

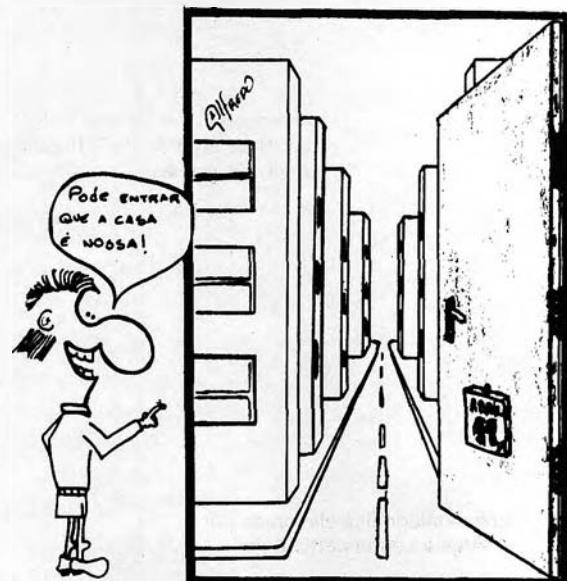


A ocupação do conjunto residencial Onze de Abril pelos trabalhadores sem teto em Alvorada, RS

KARDEX	(<input checked="" type="checkbox"/>)
PP-DOC	(<input type="checkbox"/>)
AME	(<input type="checkbox"/>)
MC/I-DOC	(<input type="checkbox"/>)

ONZE DE ABRIL: O DIA DA AUDÁCIA

A ocupação do conjunto residencial Onze de Abril,
pelos trabalhadores sem teto, em Alvorada/RS



CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Programa de Assessoria
à Pastoral Protestante

Rio de Janeiro
1987

CEDI Centro Ecumênico
de Documentação e Informação

Rua Cosme Velho, 98, fundos
Telefone: (021) 205-5197
22241 - Rio de Janeiro - RJ

Av. Higienópolis, 983
Telefone: (011) 825-5544
01238 - São Paulo - SP

Conselho de Publicações

Anivaldo Padilha
Ary da Costa Pinto
Carlos Cunha
Carlos Alberto Ricardo
Heloísa de Souza Martins
Henrique Pereira Jr.
Jether Pereira Ramalho
Jorge Luiz C. Jardineiro
Marcus Vinícius G. Borges
Neide Esterci
Sérgio Alli
Vera Maria M. Ribeiro

Copidesque
Carlos Cunha

Programação visual
Anita Slade

Arte final
Cooperartes

Editores desta publicação
Rodrigues, 41, aposentado
Ailton, 19, comerciário
Alfredo, 18, comerciário
Antônio, 23, metalúrgico
Antônio Inácio, 27 artesão
Carlos Augusto, 24, pintor letrista
Clair, 25, vendedora
Elizabete, 30, auxiliar de enfermagem
Elói, 28, vendedor
Emílio, 40, professor
Benítez, 23, metalúrgico
Mauro, 24, parqueteiro
Miguel, 49, marítimo aposentado
Paulo César, 28, vendedor
Pedro, 21, autônomo
Sérgio, 30, artesão
Zilah, 52, dona de casa
Dalva, 39, vendedora
Jorge, 27, metalúrgico
Henrique, 29, construção civil
Neusa, 45, costureira
Neusa, 26, comerciária
Mário Jorge, 25, autônomo
Júlio, 32, motorista
Concilio, 24, artesão
Vera, 45, auxiliar de enfermagem
Altair, 38, motorista
Dorvalino, 24, autônomo

Desenhos
Alfredo (morador de Campos Verdes)

Fotos
Elton Vergara Nunes e Manoel Aguiar

Entrevistas
Elton Vergara Nunes

Redação final
Emílio

Endereço para contato com os ocupantes
Rua São Miguel, 106 CEP 91.700
Porto Alegre/RS Fone: (0152) 36.5308

Os editores dedicam este trabalho às 2.040 famílias, que no dia 11 de abril de 1987, tiveram toda a audácia e toda a paciência necessária.

Ficha catalográfica elaborada por
Virgílio Lourencetti Júnior

Onze de abril: o dia da audácia : a ocupação do conjunto
residencial Onze de abril, pelos trabalhadores sem teto,
em Alvorada-RS. / Emílio...et al. — Rio de Janeiro : CEDI.
Programa de Assessoria à Pastoral Protestante, 1987.
78 p. : il. ; 27 cm.

1. Movimentos Sociais. 2. Ocupação Habitacional Urbana.
3. Pastoral. I. Emílio.

CDD — 322.102.816.
CDU — 571.8:323.22(816.5)"1987".

SUMÁRIO

- 5 APRESENTAÇÃO
- 7 UMA COLCHA DE RETALHOS
- 9 O PALCO DA LUTA
- 11 CAPÍTULO I
A ALVORADA DAS OCUPAÇÕES
- 12 Deu 11 na cabeça
Como a imprensa gaúcha noticiou as invasões
- 23 A ocupação se espalha
Outras ocupações
- 29 Cadê a notícia? O gato comeu
Uma reportagem que não pôde sair
- 31 Pé-de-Cabra: a imprensa do povo
A "imprensa" organizada pelos invasores
- 39 CAPÍTULO II
O ONZE FALA
Quatro entrevistas com famílias inteiras e grupos de moradores (evitaram-se as lideranças) que relatam suas vidas e lutas
- 40 Conversa em família
- 43 Depois que entra o chimarrão, não sai mais...
- 46 Chimarreando, tchê!
- 50 Aí eu liguei a tevê...
- 53 CAPÍTULO III
O ONZE SE ORGANIZA
- 54 Central de Informações (CI): um serviço ao povo
A CI nos primeiros dias
- 57 A força para o Onze
Ato público em que se misturam falas de lideranças, de ocupantes e políticos, falas de apoio
- 63 Eu sou Igreja e me ponho à disposição
Seminário realizado pelo Programa de Assessoria à Pastoral Protestante com líderes do Onze; sobre como se deu e como se dá a luta; possibilidades das igrejas locais se envolverem
- 71 CAPÍTULO IV
O ONZE TEM FUTURO
Os projetos das lideranças para darem prosseguimento às lutas do Conjunto
- 72 Saúde
- 74 Educação e lazer
- 74 Iluminação/calçamento/transporte/segurança
- 77 CONCLUSÃO

APRESENTAÇÃO

Para compartilhar experiências de grupos organizados, o trabalho de organização de outros, as ânsias, revoltas e conquistas populares, o Núcleo Sul do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI) publica mais este Caderno 18 (o 16 também foi uma experiência de pastoral de periferia no Sul).

Trata-se de uma produção coletiva solicitada pelas lideranças da ocupação que determinaram as linhas mestras da documentação. O Núcleo Sul executou estas tarefas. Finalizado este trabalho de coleta do material, reuniram-se os editores, todos ocupantes do Onze de Abril. Em dois dias de extenuados trabalhos puderam apresentar a história que foram construindo no seu dia-a-dia, na luta, na força e na fé.

Que esta experiência possa ser difundida entre todos os que estão construindo a história do povo brasileiro.

Igrejas cristãs são testemunhas da bênção divina: "...em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12.3). Esta bênção é nossa e a todos inclui. Que tenhamos terra, um local para viver, morar, criar os filhos em paz. O Onze de Abril é um sinal concreto, uma proposta que resolveu o problema habitacional de 10.500 pessoas.

Núcleo Sul do PP

UMA COLCHA DE RETALHOS

a título de introdução

Este caderno pretende contar na nossa linguagem a história do movimento de ocupação de 2.040 moradias da COHAB, no dia 11 de abril de 1987 em Alvorada — RS.

Falar, escrever e ler sobre o Onze de Abril é uma experiência que enriquece qualquer pessoa, especialmente nós que a vivemos. Qualquer trabalho sobre a ocupação deve recorrer à voz do povo, pois é ele quem pratica a solidariedade na luta e constrói sua organização para buscar novos avanços nas suas condições de vida.

Alvorada, grande Porto Alegre, cidade dormitório que foi ocupada, mas, isso só foi conseguido com muita luta, sofrimento e determinação. Não foram medidas horas de sono, esqueceram o estômago que reclamava alimentos, suportaram e venceram a estupidez da repressão policial, a alienação, os oportunistas, os traidores e a irresponsabilidade dos governantes.

Os dias são tensos, a pressão é grande e desgastante. As lideranças não diferem do resto. A luta cria a igualdade. Por isto dentro deste texto aparecem declarações parecidas. Essas repetições se devem ao fato de que temas como: saúde, educação, entre outros, são discussões constantes entre todos. Da liderança à base, da base à liderança.

A ocupação, ela própria, criou seus mecanismos de representação baseando-se não em modelos tradicionais de organização, mas na necessidade do povo. A organização criada no Onze de Abril, foi, na prática, a maneira de dizer: o saber não é privilégio de uma minoria, mas está na experiência e no conhecimento de todos. O povo não só aprendeu, sobretudo ensinou: SOMOS OS PRIMEIROS E NÃO SEREMOS OS ÚLTIMOS. As ocupações se espalharam. A luta por melhores condições de vida, por direitos elementares, encontrou nas famílias ocupantes do Onze de Abril, a perspectiva de transformar o sonho de amanhã, em realidade de hoje. Construindo uma organização onde o mais importante não é saber ler, escrever ou falar bonito, mas defender os interesses daqueles que têm na exploração o seu dia-a-dia, lutar, resistir e vencer pela justiça e pela igualdade.

Do direito à posse de moradias vazias ao direito de organizar-se para lutar por uma vida melhor. Assim nasce a Central de Informações (CI) com suas tarefas, das quais a mais importante era fazer funcionar a coordenadoria de quadras. Assim a coordenadoria de quadras leva e traz a opinião da base ao processo decisório de como e por que lutar.

No Onze de Abril, 2.040 famílias deram o primeiro passo concreto na luta contra a inescrupulosa e ineficaz política habitacional das autoridades brasileiras, que tratam o problema habitacional sempre como um caso de polícia. Era e é lei manter as casas prontas e fechadas, valorizando enquanto a maioria da população paga aluguel

ou mora amontoada em favelas, sem o mínimo de infra-estrutura e saneamento básico. As incessantes ocupações de áreas urbanas até enormes inadimplências do BNH são as consequências dos desmandos de um governo que representa a minoria privilegiada, que se apresenta através do êxodo rural e do desemprego cada vez maior na cidade. Nunca fora discutida e pensada uma política habitacional por quem realmente precisava. Grandes conjuntos desocupados e as condições de habitação cada vez mais degradantes. Uma realidade insustentável que encontrou no seio do povo das vilas de Alvorada e grande Porto Alegre uma resposta: a ocupação.

A ocupação mostrou do que o povo é capaz, quando empurrado pela miséria, pelo desleixo e mentiras. Tocando fundo nesta sociedade injusta e lutando contra a exploração da classe trabalhadora.

Saúde, educação etc... Tudo se tornou motivo de discussão e as opiniões dos ocupantes vêm à tona, no decorrer da leitura deste texto, levantando problemas e propondo encaminhamentos.

Onde nascem as discussões aparecem as diferenças. O Onze de Abril provou que, somente respeitando as opiniões diversas e caminhando unido para a luta, o povo aprende a evitar intrigas e fofocas que prejudicam a organização. Neste texto que se pode caracterizar como uma colcha de retalhos, os ocupantes mostram como é importante a confiança em suas próprias forças, não se iludindo com demagogias e falsas promessas, certos de que sua luta é a mesma para os explorados de todo o mundo.

Boa leitura!

Os Editores

O ONZE CANTA

Para a luta pela luz, ao som de “Se a canoa não virar”:

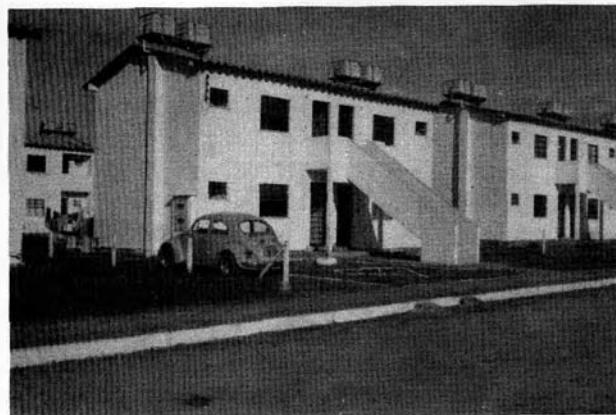
*Se o governo não ligar.
olê, olê, olá
Nós vai ligar*

Outra:

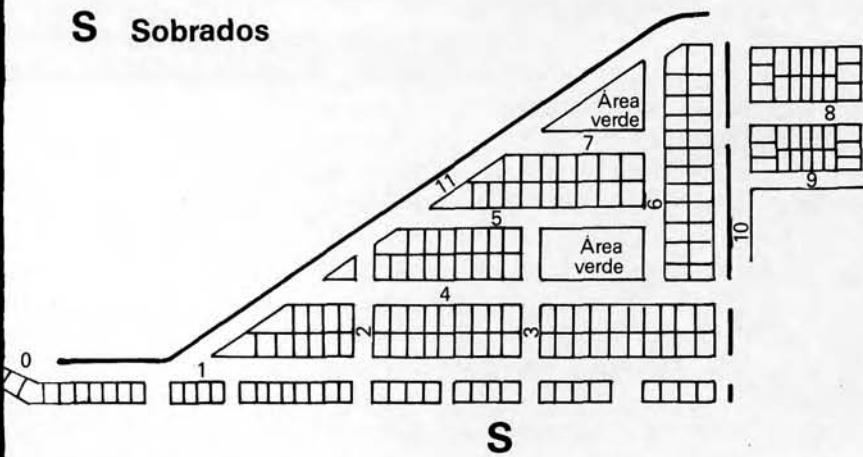
*Tá acabando o dia
queremos energia.*

O PALCO DA LUTA

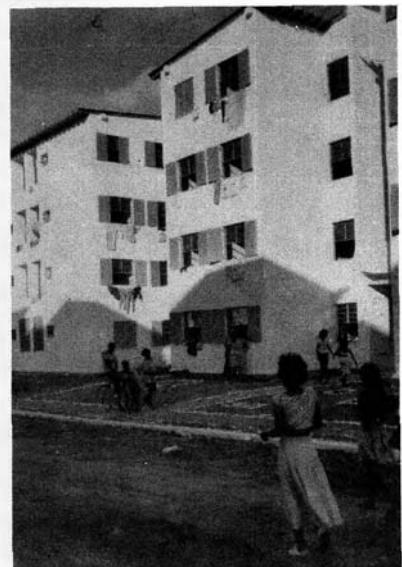
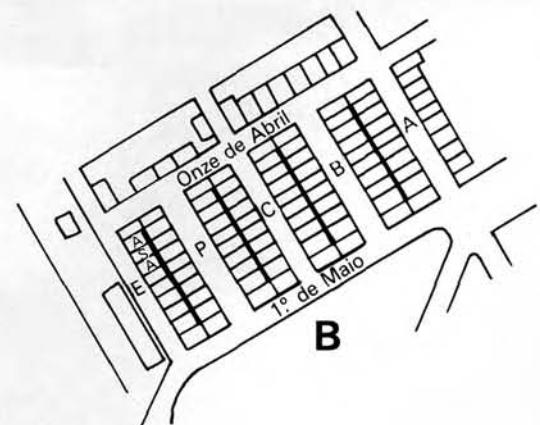
Neste espaço dez mil pessoas começaram a mudar suas vidas.



S Sobrados



- 0 Área Malvinas
- 1 Campos Verdes
- 2 João de Deus
- 3 Operário
- 4 Vitória
- 5 União do Povo
- 6 1º de Maio
- 7 Esperança
- 8 Povo Unido
- 9 Vitória do Povo
- 10 Liberdade
- 11 Emancipação



B Blocos

CAPÍTULO I

A ALVORADA DAS OCUPAÇÕES

Aqui estão reunidos alguns recortes da imprensa gaúcha selecionados pelos editores que também os comentam, quando necessário.

A primeira parte reúne os que se referem à luta do Onze de Abril.

Uma segunda parte reúne apenas manchetes sobre as ocupações que sucederam à “alvorada das ocupações”.

Uma terceira parte apresenta a gravação de uma entrevista concedida a um repórter do Correio do Povo em 26 de abril de 1987. Nada foi publicado.

Uma quarta parte apresenta a imprensa do povo mantida pelo Onze de Abril.

Dez mil tomam núcleo da Cohab em Alvorada

"Sentimos muita angústia e medo, depois, uma grande alegria", relata um dos invasores, Rubens Correia Neves, ao contar como foi a ocupação do núcleo habitacional Campos Verdes, no município de Alvorada. Ali, mais de 10 mil pessoas ocuparam na tarde de sábado os 2.140 apartamentos da COHAB que já estavam prontos há cerca de dois anos e não eram entregues à população. A todo momento chegam caminhões e carroças carregando a mudança dos novos moradores, na sua maioria pessoas sem condições de pagar aluguel. A Brigada Militar, com um efetivo de trinta homens, tenta evitar tumultos e resguardar o patrimônio. "Até o momento, tudo está tranquilo, os invasores têm colaborado conosco e sabem que estamos fazendo nosso serviço", disse o capitão Moacir de Paula e Silva, da 5ª Companhia da Polícia Militar.

"Esta ocupação tem por origem a necessidade que sentimos de termos uma casa para morar", justifica Neves, que antes morava na vila Salomé, próximo ao núcleo habitacional. "Queremos esclarecer a todos que não existe nada de político no nosso movimento. Aqui estão os representantes de uma classe que passa fome e recebe salário mínimo. Nos organizamos sozinhos, estamos nos reunindo há algum tempo, e os resultados dos encontros eram passados de um para outro. É muito injusto deturparem nossa mobilização", desabafa Neves.

SOLUÇÕES

Depois de efetivada a ocupação, os novos moradores da COHAB Campos Verdes procuram um contato com as autoridades para estipularem o pagamento mensal dos apartamentos. A sugestão dos posseiros é o pagamento de 8% sobre a renda familiar. Nilda dos Santos, 33 anos, considera justo o preço: "Não tínhamos condições de pagar aluguel, pois eles são alterados em bases bem superiores ao nosso rendimento mensal, que não ultrapassa Cr\$ 2 mil".

OCUPAÇÃO

"Foi uma verdadeira loucura tudo o que eu presenciei", conta o maquinista aposentado Pedro Duarte, 65 anos. Ele diz que, logo no início da tarde de sábado, milhares de pessoas invadiram a área da COHAB e, desesperados, tentavam achar uma casa vazia para ocupar. "Tive uma imensa vontade de chorar. Naquele momento senti a força da miséria e a expectativa de muita gente de conseguir um teto para se abrigar".

Em meio a gritos de "o povo unido jamais será vencido" e "vida nova", os invasores passaram a tarde de ontem em permanentes assembleias. Eles estão se organizando por ruas e setores. Pretendem formar uma única comissão, que ficará encarregada das negociações, principalmente, junto à área jurídica. "A vitória de nossa luta vai depender de nossa capacidade de organização e

conscientização", avalia Emílio Rodrigues, um dos coordenadores da organização dos moradores.

Hoje, uma comissão formada por representantes das três mil famílias invasoras entrará em contato com o secretário Sartori para iniciarem as negociações que buscam um consenso para o conflito. "Acredito que o governo vá se sensibilizar com o problema destas pessoas. A ocupação é legítima, ainda mais quando estamos no Ano Internacional da Moradia, que foi decretado pela ONU", argumenta o presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Augustino Velt.

Correio do Povo, 13/4/87

Em Alvorada, 600 famílias invadiram o núcleo da Cohab

E contam com o apoio do prefeito

Cansados de esperar uma resposta da Companhia de Habitação do Estado do Rio Grande do Sul (COHAB), quanto à entrega dos prédios, cerca de 600 famílias invadiram o núcleo da COHAB, em Alvorada, perto da Vila Campos Verdes, sábado, à tarde, ocupando parte dos 2.040 apartamentos, distribuídos em sobrados de quatro residências. Reunidos em grupos, mulheres, homens e crianças tentavam abrir as portas com pequenas ferramentas e solidariedade foi o que não faltou aos invasores. Alberi da Luz, 20 anos, paraplégico, conseguiu entrar num pequeno apartamento de um quarto, sala, cozinha, banheiro, auxiliado por um grupo de crianças. "Eu não tenho saída, estou na rua mesmo", dizia ele, que ganha Cr\$ 3.000,00 mensais, trabalhando com artesanato, e morava num dos caixões da Vila Salomé, perto do local.

A invasão começou às 13h30min, com apenas alguns grupos tentando entrar pelas janelas, mas logo começou a aparecer mais gente, e as pequenas ruas ficaram cheias de pessoas que procuravam um apartamento que ainda não estivesse ocupado. A revolta maior dos invasores era pelo fato destes prédios estarem prontos há mais de dois anos e vazios, enquanto moradores das vilas da periferia de Alvorada, além de outros de Canoas, Guaíba, São Leopoldo, Viamão e Cachoeirinha, esperavam que a COHAB os chamasse para adquirir a tão sonhada

casa própria. "Este é um movimento ordeiro, pessoas sem ter onde morar e com ações de despejo, que tentaram vários contatos com a COHAB e não receberam nenhuma resposta positiva", informou Emílio Rodrigues, residente numa das vilas de Alvorada.

Na metade da tarde, o núcleo da COHAB parecia um pequeno formigueiro, com famílias carregando colchões, mesas e até camas. Acompanhado da mulher, que amamentava um filho, Walter Pecchi dirigia-se para a nova moradia. Feliz por estar saindo de uma pequena casa na Vila Salomé, ele carregava uma cama, ajudado pelas filhas, que se encarregavam de transportar as cadeiras. "Eu tenho um salário de Cr\$ 5 mil e sustento oito pessoas. Atualmente não tinha onde morar, estava na casa da sogra e pretendo pagar uma mensalidade pelo apartamento que vou comprar", afirmou.

APOIO

O prefeito Léo Barcellos compareceu ao local e apoiou totalmente a atitude dos invasores. "Eu fui pego de surpresa, mas acho um ato normal, pois o povo está cansado de esperar", disse a uma multidão de novos moradores, que não perdeu a oportunidade de aplaudir. "Isso não é uma invasão, é uma ocupação e todos nós estamos dispostos a pagar pelos apartamentos", explicou Eva dos Santos Coelho, falando em nome dos invasores. Léo Barcellos comprometeu-se a entrar em contato com o presidente da COHAB, Adroaldo Conzatti, para solicitar a regularização da situação. Interpelado pela menina Luciane Pinheiro, de 16 anos, que lhe perguntou sobre a possibilidade de perder a nova mo-

radia, respondeu que não havia nada a temer. Luciane Pinheiro está noiva, inscrita na COHAB e pretende ficar no apartamento até casar.

A intenção de pagar pelos apartamentos ocupados era geral entre os invasores. Segundo o vice-presidente para a Região Metropolitana da FRACAB, João Couto, estas pessoas estavam há muito tempo esperando uma solução da COHAB. "O prefeito Léo Barcellos também vive anunciando que vai desapropriar a área, o que fez muitos reinscreverem-se, mas até agora nada foi providenciado e resultou nesta invasão", disse ele, ressaltando que a entidade auxiliará nas negociações entre os novos moradores e a estatal.

O deputado José Fortunatti e o presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Augustino Velt, presentes no local, informaram que uma comissão de deputados e entidades comunitárias será formada para apoiar os moradores. "Nesse momento não se discute a ilegalidade. Este é um ato legítimo e pretendemos evitar a violência por parte das autoridades", afirmou Fortunatti. Uma viatura da Brigada Militar compareceu ao local, às 15h30min, mas não interferiu no processo de invasão. "Viemos aqui para evitar o tumulto e brigas entre moradores, por uma mesma casa. O problema da invasão é com a Justiça", disse o tenente Jorge Augusto Torquato, que foi chamado pelo engenheiro Paulo Boldrini, da H. D. Construções, responsável pela obra. Este não quis dar informações à imprensa, nem mesmo os dados técnicos, limitando-se a observar o movimento.

Zero Hora, 13/4/87

Secretário manda desocupar

O secretário do Trabalho e Ação Social, José Ivo Sartori determinou a desocupação, a partir de hoje, dos 2.400 apartamentos invadidos do núcleo residencial Campos Verdes, em Alvorada. Sartori determinou, também, a abertura de inquérito policial para apurar as responsabilidades pela invasão, considerada por ele como um ato precipitado. Segundo o secretário, a desocupação é necessária para que a lista de preferências da COHAB seja cumprida e as unidades habitacionais entregues.

O prefeito de Alvorada, Léo Barcelos, lamentou o incidente, pois dois dias antes ele havia decidido declarar de utilidade pública vários loteamentos e conjuntos de moradias do município. A atitude está respaldada na dívida que as empresas construtoras têm para com a prefeitura.

Entretanto, a Associação Comunitária da Vila Campos Verdes, através de sua vice-presidente, Cleoni Gomes da Silva, acha que a administração de Alvorada não tem condições de arcar com os custos da desapropriação. Na opinião dela, a intenção de declarar os núcleos como de utilidade pública "pretende apenas pressionar as construtoras a pagarem seus débitos".

Os novos moradores, por sua vez, estão satisfeitos nos apartamentos com sala e três quartos, numa construção de boa qualidade e já com toda a infra-estrutura. O operário Manoel Araújo, que recebe mensalmente Cz\$ 1.800,00, garantiu que não tem condições de pagar um aluguel, por isso, "o remédio é ocupar e esperar para ver o que acontece".

Correio do Povo, 13/4/87

Sartori: Brigada vai evitar nova ocupação

O secretário do Trabalho, Ação Social e Ação Comunitária, José Ivo Sartori, lamentou ontem a ocupação do núcleo da COHAB em Alvorada, "justamente no momento em que a nova administração se esforça para resgatar o compromisso social assumido pela Companhia". Ele destacou que a preferência continua sendo das famílias que já foram sorteadas e que ainda não receberam os imóveis devido a complementação da infra-estrutura básica, como água e luz, que ainda não foram instaladas. Anunciou ainda que conta com o apoio logístico da Secretaria da Segurança, que mantém no local um pelotão da Brigada Militar para evitar novas invasões. E hoje deverá solicitar a realização de um inquérito policial para apurar as responsabilidades nesse episódio, em defesa dos interesses da COHAB.

Zero Hora, 13/4/87

Promessa é de permanecer no local

Dois dias depois da invasão dos 2.140 apartamentos da COHAB em Alvorada — perto da Vila Campos Verdes — o clima continua sendo de grande tensão e expectativa. Enquanto a Brigada Militar, equipada com cassetetes, gás lacrimogêneo e escudos, espera ordens superiores para iniciar a ação de despejo, os invasores se organizam para formar as comissões centrais e começar os contatos com autoridades, CEEE e CORSAN. Garantindo que não deixam o local, eles já pensam em reestruturar o núcleo com calçamentos, luz e água.

Apoiados pela FRACAB, Comissão de Direitos Humanos da Assem-

bléia e Central Única dos Trabalhadores, os moradores não pretendem deixar o local e estão otimistas. No entanto, respaldado pela lei que garante a ilegalidade da invasão, o secretário do Trabalho e Ação Social, José Ivo Sartori, já solicitou a ação da Brigada para impedir a entrada de móveis e utensílios.

Mesmo com as dificuldades e temendo a atuação do Batalhão de Choque, os moradores garantem que não abandonam os apartamentos. Antônio da Luz, responsável pela Central de Informações do núcleo da COHAB, diz que os invasores estavam cansados de solicitar uma atitude concreta das autoridades.

A maioria dos moradores veio de áreas verdes, onde levaram pequenos barracos e cujo preço do aluguel aumentou em mais de 1000%. Júlio Paim estava inscrito para ocupar um dos apartamentos. Quando soube da invasão dos vizinhos, resolveu também tomar posse de seu apartamento: "Ninguém vai nos tirar daqui. Vamos lutar até o fim pelo direito à moradia".

Correio do Povo, 14/4/86

Todos os apartamentos já foram ocupados

Ainda na manhã de ontem continuavam a chegar famílias à procura de uma unidade no Conjunto Residencial Campos Verdes, da COHAB, em Alvorada, invadido na tarde de sábado por moradores das vilas periféricas desse município. Porém, todos os 2.040 apartamentos estão ocupados por famílias que têm uma média de cinco integrantes, totalizando mais de dez mil pessoas dentro da área. Um efetivo do 1º Batalhão da Brigada Militar de Porto Alegre, com 30 homens, proibia a entrada de móveis e automóveis, "para evitar problemas se houver necessidade de retirar as pessoas", conforme informação do tenente Silanus Oliveira de Mello. Os policiais também cercaram as casas da Gueiru Construções, que ficam num terreno acima do Conjunto Residencial, e não foram invadidas. Até ontem, nenhum incidente havia ocorrido entre os moradores, afirmou o tenente.

Sem instalação de luz, água e esgoto, os novos moradores, reunidos em grupos, tentavam abrir os canos que passam dentro do Residencial para obterem água. Algumas famí-

lias já estão com suas casas montadas, com móveis e até cortinas. Segundo Gilberto Peroni, vice-presidente da FRACAB, todos estão dispostos a pagar pelas residências e já têm até uma proposta para apresentar ao presidente da COHAB: pagamento em cinco anos, em prestações que correspondam a 8% do salário mínimo.

Uma comissão de moradores foi formada para realizar uma triagem entre as pessoas que ocuparam os apartamentos, a fim de preservar a permanência somente daquelas que tenham realmente necessidade e não possuam casa própria.

DESAPROPRIAÇÃO

O prefeito de Alvorada, Léo Barcellos, do PDT, recebeu, na manhã de ontem, o termo de imissão de posse de 66 unidades do Parque Residencial Umbu, construído pela faliada Sulcon Engenharia, que possui uma dívida de 9 milhões e 100 mil cruzados com a Prefeitura, somente de Imposto Predial. A entrega do termo de posse foi possível devido à interferência da Associação Bene-

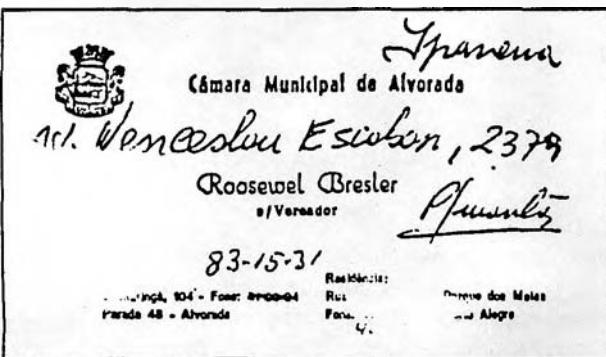
ficiente dos Oficiais de Justiça do RGS que solicitou que o mandato fosse cumprido por um oficial "ad-hoc", isto é, fora dos quadros do Judiciário, já que os servidores públicos estão paralisados desde a semana passada. "Isso foi feito para não prejudicar a comunidade, dada a relevância social desta questão, e teve a aprovação dos servidores de Alvorada", ressaltou o presidente, João Cabral Andreoli.

Na oportunidade, Léo Barcellos lamentou a invasão do núcleo da COHAB, mesmo tendo dado apoio num primeiro momento "já que é um fato consumado e temos, agora, que encontrar uma solução para estas famílias". Ele disse que ações como esta não são desejadas pela administração municipal, "porque estamos tentando desapropriar áreas pelas vias legais". As 66 casas desapropriadas da Sulcon Engenharia, assegurou ele, poderão ser destinadas para as pessoas que estão inscritas na COHAB.

Léo Barcellos criticou a iniciativa da COHAB em abrir um inquérito policial. "Temos que resolver a situação destas famílias e não vai adiantar procurar os responsáveis pela invasão", defendeu, salientando que "é triste que isso tenha acontecido no nosso município, já que estávamos desapropriando gradativamente". Sugeriu que seja feita uma triagem para permanência somente daqueles que realmente não tenham casa, já que os invasores estão dispostos a pagar.

Zero Hora, 14/4/87





Deputado Jorge Karan

Encaminhe o Sr. Jalmor de Figueiredo sobre a Habitação, trabalha em Alvorada, Soberana dos Móveis — nosso eleitor da 7^ª — (ass) Roosevelt

"Deputado Jorge Karan

Encaminhe o Sr. Jalmor de Figueiredo sobre a Habitação, trabalha em Alvorada, Soberana dos Móveis — nosso eleitor da 7^ª"

(ass) Roosewel Bresler

CHEGA DE ROLAR

Espremido cada vez mais para baixo na pirâmide social, o pobre, para conseguir uma moradia, tinha que enfrentar o terrível aluguel e não ter o que comer na mesa com a família, ou conviver com o medo de ser despejado.

Agora a coisa mudara, os ocupantes tinham a tão sonhada casa própria, um teto para seus filhos que teve de ser conquistado na marra. Arrombando portas. Sabiam que só assim, organizados, conscientes e com muita luta conseguiram permanecer no Conjunto "Onze de Abril". Finalmente tinham certeza de que chegara a hora de parar de rolar pelas vilas.

As declarações do companheiro Vilson Marlochi refletem o medo generalizado dos ocupantes nos primeiros momentos da ocupação. Aquela história: "Isto é da COHAB, a polícia vai nos tirar, vamos sair numa boa". Mas na medida em que os moradores foram tornando consciência, isto foi mudando, basta ver a declaração da companheira Iracema. Juntos com ela, todos decidimos lutar pelo nosso direito à moradia, conforme a Declaração dos Direitos Humanos (art. 17).

Na reportagem do Correio do Povo, o Sr. Conzatti e o Sr. Sartóri esquecem-se de que somos tão trabalhadores quanto os inscritos. Esquecem de mostrar os critérios duvidosos da COHAB para entregar as moradias. Conforme este cartão que conseguimos, vê-se que as casas da COHAB serviam para comprar votos, pelo apadrinhamento de cabos eleitorais.



Governo desaprova ação de invasores

"No decorrer das tratativas poderá haver ações de despejo, o que pode ser até por uma ação dos candidatos inscritos e selecionados para o núcleo, contra a COHAB." A afirmação é do presidente da COHAB, Adroaldo Conzatti, que adverte para a possibilidade de esta invasão virar um processo judicial durante vários anos, de onde não sairá ninguém beneficiado, mas trará prejuízo para todos. O grande problema a ser resolvido agora pela COHAB é a apresentação do direito adquirido pelos selecionados para o núcleo de Alvorada.

Ontem à tarde, um ônibus da SOUL levou uma comissão de cerca de 40 ocupantes do núcleo até o Centro Administrativo do Estado.

Impossibilitados de entrar no pátio do Centro Administrativo, mantiveram encontro com Sartori e Conzatti no portão que dá acesso ao centro, em frente ao parque Harmonia.

No encontro mantido entre as autoridades estaduais e membros do movimento de ocupação do núcleo da COHAB, os invasores pediram a ligação de água e luz e protestaram contra a atuação da Brigada Militar, que, além de manter uma grande força policial no local, desfila três a quatro vezes por dia dentro do núcleo, causando pânico às pessoas.

Correio do Povo, 14/4/87

A invasão dos conjuntos

Carrión Júnior

A cada dia que passa aumenta o número de invasões a conjuntos habitacionais, anomalia social e jurídica que resulta tanto das crescentes dificuldades de sobrevivência da população, quanto da agressão ao bom senso que o grande número de habitações vazias representa.

A maior parte das críticas dirige-se à situação extrema de invasões de propriedades, rompendo com a ordem jurídica existente. Aqui, contudo, muitas explicações deveriam ser dadas, em especial sobre o fato destes conjuntos terem sua origem em recursos dos próprios trabalhadores, repassados a instituições públicas ou ao setor privado, como também quanto ao fato de ser inexplicável a existência de unidades residenciais fechadas, algumas há vários anos, quando há um imenso déficit habitacional e incontáveis famílias sem a perspectiva de um teto.

No que se refere à COHAB, são mais de 10.000 moradias que estavam vagas, enquanto que, ao nível de agentes financeiros, este número é ainda maior. Independentemente dos pormenores sobre os processos, em andamento, de liquidações extrajudiciais de empresas financeiras, isto evidencia o descaso com que o setor público tratou, até aqui, esta questão tão premente quanto essencial para aqueles que moram em condições subumanas ou pagam aluguéis insuportáveis para seus níveis de renda.

O Dep. Carrión Júnior é membro do mesmo governo que desaprova a ocupação.

Urge agora buscarmos saídas, procurando evitar o agravamento deste quadro. Neste sentido, opinamos desde o primeiro momento pela transferência para a COHAB, em curíssimo prazo, dos imóveis desocupados e financiados pela Sulbrasil e pela Habitasul, procedendo-se às devidas compensações com a mediação do Banco Central.

Nos episódios recentes das invasões, felizmente, parece estar havendo demonstrações de bom senso por parte dos gestores dos órgãos públicos, seja do governo do estado com uma atuação construtiva e sem confrontos, seja do Banco Central, aceitando neste início de semana o encargo de abreviar os caminhos legais capazes de colocar estas unidades nas mãos das famílias.

O tempo é curto para tudo o que deve ser resolvido, mas se continuar a prevalecer a eqüidade e a sensatez, conseguiremos superar os impasses, pois tão ou mais difícil que aceitar invasões é explicar que mais de 20.000 moradias, financiadas com recursos públicos, permanecem abandonadas.

Correio do Povo, 29/4/87

Invasor torna habitável núcleo da Cohab

Desde quinta-feira os ocupantes do conjunto Campos Verdes, da COHAB, em Alvorada, contam com água que eles próprios trataram de providenciar. Juntaram dinheiro e, através de poucos canos com uma mangueira improvisada, levam água da rua para os reservatórios dos prédios. O clima é de paz, acrescido de esperança que têm em permanecer no local, e pela expectativa do encontro que acontecerá entre seus representantes e o diretor-presidente da companhia, Adroaldo Conzzati, na próxima terça-feira. Os invasores já organizaram um mutirão de limpeza. Ontem, cuidavam do terreno em volta, plantando árvores, com projetos de embelezar o local através de flores. Sentem a tranquilidade de terem um teto e muitos estão dispostos a reagir, se forem coagidos a sair do local.

MAIS LUTA

"O ambiente para a Páscoa é de muita luta", garantiu a costureira Iracema Lacerda, 47, que ainda não conseguiu levar sua máquina para dar continuidade ao trabalho. Em todos os conjuntos cartazes improvisados, lençóis e panos transformados em faixas, lembram a todo momento: "Queremos só morar. É um direito do povo. Somos povo e queremos morar dignamente."

A ESPERANÇA

A doméstica Vera Regina Oliveira, 29, comentava enquanto varria as escadas: "A luta do meu filho vai ter que valer a pena". Carlos Alexandre, 12, fica em casa cuidando dos dois

irmãos quando a mãe sai para trabalhar. A toda hora os moradores questionavam o que virá depois do feriadão. Vilson Viana Narlochi, comerciário, teme que o confronto aumente e acha que, se forem obrigados, todos devem sair pacificamente. Mas desde que transferidos a outro local. Outros, no entanto, não querem sair de jeito nenhum e prometem resistir.

Correio do Povo, 18/4/87

QUESTIONANDO A "VERDADE"

"A Policia de Choque vem aí e vai tirar todo mundo". Aos berros, um ocupante nervoso e ansioso corria pelas ruas, nos primeiros dias da luta. Era mais uma vítima do clima de insegurança gerado pelas manchetes bombásticas e maldosas.

Ao invés de limitar-se ao relato dos fatos, ocasionados pela política habitacional ineficaz do governo, a imprensa passou a defender o interesse dos grandes grupos econômicos. Os interesses dos ocupantes passavam de largo...

A leitura dos jornais passou a ser mais cuidadosa. O ocupante passou a ler também a parte mais política dos jornais, e não só as tradicionais páginas de esportes e policial.

Notícias como essas, geraram uma discussão sobre o efeito que causavam na ocupação, levaram-nos a questionar a credibilidade da grande imprensa e nos mostraram do lado de quem ela estava. Deixamos de aceitar como a mais pura verdade o que publicavam. Um salto de consciência que se revela na frase mais repetida na ocupação: "Não dá para acreditar em tudo o que a imprensa diz!"

Cinco dias para desocupar Campos Verdes

Os moradores que invadiram o conjunto residencial Campos Verdes (Alvorada), no último dia 11, têm cinco dias úteis, a contar de ontem, para deixar o local de forma pacífica e voluntária. A decisão é do juiz de Direito Luiz Otávio Mazerón Coimbra, manifestada na liminar concedida à ação de reintegração de posse solicitada pela COHAB. Não havendo desocupação, na segunda-feira próxima o juiz expedirá um mandado de execução da liminar, possibilidade que o oficial de Justiça, acompanhado de força militar, promova a desocupação, como explicou o advogado da COHAB, Alcino Vianna.

A COHAB pretende distribuir mil cópias da liminar aos invasores, para que estes tomem conhecimento da decisão. A invasão de conjuntos habitacionais é passível de detenção de seis meses a dois anos, conforme a lei, que não é aplicada em caso de saída espontânea. Em sua liminar, o juiz deixou clara a importância de negociações conciliatórias, deixando a execução coercitiva como "derradeiro recurso utilizável".

O juiz sugeriu que a prefeitura de Alvorada empreste caminhões para as mudanças, frisando que uma "desocupação coercitiva pode causar extenuante trauma na comunidade", expondo "mulheres e crianças a riscos desnecessários". Ele

também chamou a atenção para o "insuflamento do povo mais sofrido, usado como instrumento de política inconfessável".

Os inscritos acham que a liminar judicial terá pouco efeito entre os invasores, que, segundo eles próprios, estão "muito bem organizados", no que chamaram de "guerrilha urbana". Segundo Nerci Lira, 23 anos, inscrito, 20% dos contemplados concordam em receber outro local para morar, em caráter provisório.

24/4/87

Despejos suspensos. Derrota da Cohab

A 3^a Câmara do Tribunal de Alçada, através de sentença proferida ontem pelo juiz Sílvio Manoel de Castro Gamborgi, concedeu liminar ao mandado de segurança impetrado pelo Movimento de Justiça e Direitos Humanos, através da advogada Maria de Lourdes Freitas de Fontoura, sustando o cumprimento das liminares concedidas em primeira instância que determinava à COHAB a reintegração de posse dos núcleos habitacionais Guajuviras (Canoas) e Campos Verdes (Alvorada). Adroaldo Conzatti, diretor-pre-

sidente da COHAB, disse que pretende estudar o assunto, juntamente com o Departamento Jurídico da companhia. Dois caminhos poderão ser adotados pela COHAB: impetrar um agravo regimental, instrumento mais rápido, tendo por base o fato de a sentença ter sido dada apenas pelo juiz relator e não pelos três magistrados da 3^a Câmara, ou aguardar a apreciação do mérito da causa do mandado de segurança.

Zero Hora, 7/5/87

Moradores entregam documento a Sartori

Várias entidades, reunidas na Frente Gaúcha pela Garantia do Direito de Morar, juntamente com comissões de ocupantes dos núcleos residenciais Guajuviras (Canoas), Rubem Berta (Porto Alegre), Campos Verdes (Alvorada) e Granja Esperança (Cachoeirinha), reuniram-se ontem à tarde com o secretário do Trabalho e Ação Social, José Ivo Sartori. O principal objetivo da reunião foi entregar a Sartori um documento, composto de cinco pontos principais, no qual a Frente solicita algumas medidas ao Secretário.

Em virtude de outro encontro, José Ivo Sartori ouviu apenas dois pedidos, sendo representado pelo secretário-substituto, Rui Gonçalves. Os ocupantes pedem a imediata instalação de água, luz e sistema de esgoto nos núcleos residenciais, além da ativação de escolas, postos de saúde e do sistema de transporte coletivo. Sobre isso, Sartori marcou, para as 9 horas de hoje, reunião com a Frente Gaúcha pela Garantia do Direito de Morar e com a comissão dos ocupantes, quando será divulgada uma resposta oficial. Outro item pede a suspensão imediata "da repressão militar nos conjuntos, com a retirada deste aparato que constrange e inibe os trabalhadores que buscam defender seus direitos constitucionais". O Secretário do Trabalho e Ação Social afirmou que manterá contato com o titular da Segurança Pública, Waldir Walter, tentando solução para o pedido.

O terceiro ponto do documento propõe a participação das entidades populares numa espécie de sindicância ou Comissão de Inquérito, a fim de apurar "corrupções e enriquecimentos ilícitos com responsabiliza-

ção criminal, bem como, o levantamento técnico, por peritos, do valor real de cada imóvel desses conjuntos, considerando a péssima qualidade destas unidades habitacionais".

O quarto item da pauta de reivindicações solicita a participação efetiva da Frente Gaúcha pela Garantia do Direito de Morar na elaboração de projetos habitacionais populares, evitando a idealização de programas "de laboratório, distanciados da realidade".

Zero Hora, 7/5/87

Garantida a permanência no Campos Verdes

A Terceira Câmara Cível do Tribunal da Alçada, em sessão ontem pela manhã, negou o recurso de agravo regimental, interposto pela Companhia de Habitação do Estado (CO-HAB), para suspensão da liminar que assegurou o mandado de segurança para permanência dos invasores do Conjunto Residencial Cam-

pos Verdes, em Alvorada. Assim, fica garantida a permanência das 2040 famílias, que ocuparam as casas e sobrados no dia 11 de abril, até o julgamento final deste mandado de segurança, que ainda não possui data marcada.

Zero Hora, 21/5/87

**Primeira vitória:
aperitivo de outras**

Deputado denuncia clima de terror em Alvorada

A pedido dos moradores do Conjunto Residencial Campos Verdes (denominado de Onze de Abril pelos ocupantes) em Alvorada, a Comissão de Direitos Humanos e Defesa do Consumidor da Assembléia Legislativa realizou na manhã de ontem, uma reunião dentro do núcleo. Compareceram a deputada Hilda de Souza (PMDB), o representante da COHAB, Vinicius Galeazzi, diretor técnico, e Rui Gonçalves, pela Secretaria do Trabalho e Ação Social e Comunitária. Segundo Mário Madureira, presidente da comissão, os moradores clandestinos do Campos Verdes estão protestando porque indivíduos estranhos apresentaram-se como representantes e estabeleceram um verdadeiro clima de terror, dando ordens e dificultando as negociações dos que querem garantir o direito de ficar nas unidades.

A atitude da Comissão de Direitos Humanos e Defesa do Consumidor, de ir até o residencial, foi contestada pela Frente Gaúcha pela Garantia do Direito de Morar, através do presidente da FRACAB. "Eles estão fazendo isso isoladamente, com o apoio da COHAB, e pretendem estabelecer uma disputa de representatividade entre os ocupantes", disse ele. Mário Madureira desmentiu a acusação, dizendo que se estabeleceu nos núcleos ocupados uma disputa política, o que não é seu objetivo. "Queremos apenas resolver questões técnicas como a permanência ou não dos ocupantes e como isso se processará. O nosso objetivo é organizar aquele pessoal, com seus representantes autênticos", disse ele.

Zero Hora, 8/5/87

Politicagem

O que o Mário Madureira não diz é que ele foi convidado para participar do Ato Público no dia 25 de abril e não compareceu.

O que a "Zero Hora" não se deu o trabalho foi de ouvir os moradores que não concordavam com o oportunismo do deputado. A respeito deste caso leia o texto sobre o seminário: "Eu sou igreja..."



Invasores do Campos Verdes tomam gabinete da Assembléia

Cerca de 120 pessoas que invadiram o conjunto habitacional Campos Verdes, da COHAB, em Alvorada, foram à Assembléia Legislativa no início da noite de ontem. Os invasores queriam falar com o presidente da casa, deputado Alcir Lorenzon, para fazer um protesto oficial contra o deputado Mário Madureira. O parlamentar apresentou uma proposta à COHAB que busca o entendimento entre os moradores e a companhia por um período de seis meses. Após esse período seriam realizadas novas negociações.

Os invasores não aceitam tal proposta, por isso foram à Assembléia Legislativa onde o serviço de segurança tentou, sem sucesso, impedir sua entrada. Num primeiro momento eles se dirigiram até o plenário e ocuparam os lugares dos deputa-

dos. Em seguida, se deslocaram até o gabinete da presidência onde ficaram sabendo que Lorenzon estava em viagem pelo interior do Estado. Mesmo assim, os manifestantes fizeram o seu protesto.

Correio do Povo, 13/5/87

Aqui a resposta do Onze de Abril ao oportunismo e demagogia dos políticos que estiveram na oposição e mentirosamente diziam estar ao lado do povo. Este exemplo de como lutar contra a politicagem foi importante para nós e queremos compartilhá-lo com os leitores.

O que esta reportagem não diz é que deixamos muito claro um recado ao Dep. Madureira: "Sabemos o teu endereço e se insistires em fazer bagunça na nossa casa, nós vamos bagunçar lá na tua".

Ocupação — resposta concreta do povo à impossibilidade de morar dignamente

O direito de morar em nosso país vem sendo violado de forma brutal. O encarecimento absurdo dos aluguéis, aliado a uma crescente especulação imobiliária, restringe ao povo o direito de ter uma moradia, por mais modesta que seja. Contudo, acostumado a criar remédio caseiro para as doenças, o pobre já está dando respostas concretas a essa absoluta impossibilidade de morar — chaga que atinge o país de norte a sul. Entre essas respostas está a ocupação de conjuntos habitacionais, conforme ocorreu recentemente na Grande Porto Alegre.

O jornal evangélico

Foi com alegria que recebemos a visita dos repórteres do Jornal Evangélico. Algumas semanas após a ocupação, também recebemos a visita do CONIC. Isto nos alegrou muito. Precisamos fazer um reparo à reportagem: na verdade a ocupação não foi organizada pela Associação de Campos Verdes, ela apenas nos deu o seu apoio. Fomos nós, os ocupantes que organizamos a ocupação por nós mesmos.

Jornal Evangélico, 5 a 18 julho

A ocupação se espalha

Oito conjuntos já foram ocupados



Os diversos pontos da Grande Porto Alegre onde têm ocorrido as invasões

Correio do Povo, 28/4/87

Conjuntos	Local	Número de Unidades	Proprietário-Situação	Data / Ocupação
Campos Verdes	11.4.87 Alvorada	2.040	COHAB	
Guajuviras	19.4.87 Canoas	6.200	COHAB	Suspensa liminar de reintegração de posse à COHAB, pela 3ª Câmara do Tribunal da Alçada, em 5.5.87, a pedido do MDJH.
Rubem Berta	22.4.87 Zona Norte POA	4.992 3 mil ocupadas ilegalmente	COHAB	
Residencial Sarandi	19.4.87 Sarandi	109	DEMHAB	Ocupantes transferidos para a Chácara da Fumaça.
Granja Esperança	22.4.87 Cachoeirinha	1.706	Cooperativa Habitacional São Luiz	Ocupantes se cadastrando junto à Associação de Moradores de Cachoeirinha
Jardim Algarve	27.4.87 Alvorada		Construtoras Chalé HD F. Rein (falidas)	Ocupantes permanecem no local, negociando com liquidantes dos agentes financeiros, a compra das unidades.
Jardim Porto Alegre	27.4.87 Alvorada	331		
Parque dos Maias	9.5.87 Zona Norte POA	400	CEF	Decisão judicial determina retirada dos ocupantes em 11.05.87.

As ocupações de núcleos habitacionais começaram a acontecer, de uma forma mais acentuada, a partir do dia 11 de abril, com a tomada de 2040 apartamentos do Conjunto Campos Verdes, em Alvorada, da Companhia de Habitação do Estado (COHAB). Até agora, são oito os conjuntos ocupados, sendo que apenas um recebeu liminar favorável à retirada dos moradores clandestinos: o Parque dos Maias, construído pela falida Construtora Gueirino, tendo a Caixa Econômica Federal como síndico.

Zero Hora, 12/5/87

As casas vazias

Os levantamentos feitos pela Federação das Associações Comunitárias e de Bairros (FRACAB) mostram que apenas na Região Metropolitana de Porto Alegre existem 14.500 unidades habitacionais vazias, sem contar nesse número os apartamentos e casas já ocupados pelas invasões ocorridas a partir do dia 11.

Alvorada	5 mil unidades
Cachoeirinha	3 mil unidades
Gravataí	200 unidades
Sapucaia do Sul	1.000 unidades
São Leopoldo	500 unidades
Guaíba	1.800 unidades
Porto Alegre	3 mil unidades

Zero Hora, 23/4/87

Invasões começaram em 1984

Os movimentos de ocupação de conjuntos residenciais ociosos do Rio Grande do Sul não são recentes. Eles iniciaram em 1984. Porém, apenas em 87 eles se intensificaram numa ação mais maciça. A primeira ocupação, segundo o levantamento efetuado pela FRACAB, se deu em março de 1984, quando o núcleo Santa Rita, em Guaíba, pertencente à COHAB, teve suas mil casas tomadas. De acordo com Carlos Alberto Franck, presidente da federação, muitas dessas residências eram abandonadas pelos moradores anteriores, que se cansaram da falta de infra-estrutura no local.

Prosseguindo num caráter de ocupação "formiga", no mesmo ano foram ocupados os núcleos João Goulart, em Sapucaia do Sul, e Feitoria, em São Leopoldo, também pertencentes à companhia. Da iniciativa privada, Morada do Vale I e II (Cachoeirinha), Jardim Porto Alegre (Alvorada), uma parte do Jardim Algarve (Alvorada) e Jardim Aparecida (Alvorada).

Em 1985 a ação continuou. Naquele ano, com seis áreas invadidas na Grande Porto Alegre, chegou inclusive, a Pelotas — com o conjunto Fernando Osório, que teve 284 dos seus 1.504 apartamentos invadidos. A movimentação retomou a investida em 87, invadindo, até agora, sete conjuntos. Três pertencentes à COHAB, um ao DEMHAB e outros três à iniciativa privada.

Correio do Povo, 28/4/87

Invasões registradas desde 1984

Conjuntos	Local	Proprietário	Data da ocupação	Famílias	Situação
Campos Verdes Guajuviras	Alvorada	COHAB	11 de abril	10 mil	Indefinida
Tancredo Neves	Canoas	COHAB	17 de abril	600	Negociando assinatura dos contratos
Rubem Berta Granja Esperança	Porto Alegre Cachoeirinha	COHAB INOCOOP	21 de abril 21 de abril	200 Inicialmente 280. Após mais 1.400	Indefinida Indefinida
Parque dos Maias II	Porto Alegre	Guerino	9 de maio	600	Invasores no lado de fora do conjunto
Morada do Vale III	Gravataí	Guerino	16 de maio	130	Invasores no lado de fora do conjunto

Correio do Povo, 19/5/87



Ocupação popular do Guajuviras. Invasão policial.

Guajuviras

Conjunto invadido por 600 famílias

Sob forte chuva, 600 famílias invadiram o conjunto residencial Guajuviras, em Canoas, na madrugada de sábado. A ocupação das 5.950 casas e apartamentos, que já vinha sendo planejada há tempo, foi antecipada diante da possibilidade de o excedente da população, que tomou outros dois núcleos, se instalar no local.

Seiscentas famílias invadem bloco residencial em Canoas

Correio do Povo, 20/4/87

Brigada usa mil homens em Guajuviras

Correio do Povo, 22/4/87

Justiça tira Brigada de Guajuviras

Correio do Povo, 24/5/87

Conjunto Tancredo Neves

Conjunto do Sarandi também foi ocupado

Correio do Povo, 21/4/87

Aparentemente bem coordenadas, as invasões de núcleos habitacionais continuaram acontecendo, ontem, durante todo o dia. Na Grande Porto Alegre foram invadidos, desde o dia 11, o conjunto Guajuviras em Canoas, o Campos Verdes em Alvorada e o Granja Esperança em Cachoeirinha. Em Porto Alegre, os in-

vasores tomaram conta das unidades do conjunto habitacional Tancredo Neves em Sarandi e o Rubem Berta na Zona Norte da cidade. As casas e apartamentos foram construídos pela COHAB, INOCOOP e DEMHAB.

Zero Hora, 22/4/87

Demhab vai transferir ocupantes do Sarandi

Rubem Berta

Invadido conjunto Rubem Berta

Correio do Povo, 22/4/87

Ação rápida. E o Rubem Berta é tomado

Zero Hora, 22/4/87

Três repórteres do Jornal RS acompanharam a ocupação do núcleo Rubem Berta.

Foram necessárias quatro recomendações de amigos e parentes para chegar ao Chico e mesmo assim, não havia a menor simpatia nos seus olhos quando ele foi ao primeiro encontro. Nos bons tempos, "imprensa" era uma palavra mágica que abria todas as portas e ganhava todos os sorrisos. Agora, ela selava os lábios e esfria os olhos. O Chico se manteve mudo por dois dias, até que por insistência do irmão mais velho, que mora em Viamão, começou a falar. Para ele tudo começou

há três anos e meio, quando um vizinho do Jardim Leopoldo, lhe disse que as obras do Rubem Berta tinham parado.

Eu tinha me inscrito com o Pedro, que é padrinho do meu mais velho, na COHAB, e já tava levando como certo que me mudava no fim do ano. Todo o domingo pegava a mulher a subia até lá. Tava ficando bonito mesmo.

No dia seguinte, o Chico e o Pedro faltaram ao serviço e foram até o Núcleo Rubem Berta. Só restavam dois vigias que sabiam apenas que os operários tinham recebido a semana e sido dispensados. Mas para eles, o problema só podia ser tem-

porário porque a Construtora Marajá era "uma firma muito importante" e não abandonaria uma obra quase concluída. Mas o Chico teve um palpite que era o ponto final.

— Vieram até a ponta, pra pegar a estrada outra vez, quando o Pedro parou e falou: "O que a gente tinha era que ocupar logo essa porcaria". Aquilo ficou dentro de mim, porque era a pura verdade.

Mas durante três anos, ninguém mais usou a frase, nem mesmo depois da cervejinha no buteco da zona. O assunto estava entregue aos advogados.

RS, 9/10 de maio de 1987

Granja da Esperança

Conjunto de Cachoeirinha é ocupado

Zero Hora, 22/4/87

Em Cachoeirinha, ocorreu outra ocupação

Sem despertar suspeitas, caminhando isoladamente, cerca de 50 famílias conseguiram burlar ao longo da tarde de ontem a vigilância da Brigada Militar e ocupar parte do Conjunto Residencial Granja Esperança, na parada 57, em Cachoeirinha.

Correio do Povo, 22/4/87

**Jardins Algarve
e Porto Alegre**

Casas e apartamentos ocupados em Alvorada

Correio do Povo, 27/4/87

Casas do Algarve já estão mobiliadas

Correio do Povo, 28/4/87



Luiz Armando Vaz

Parque dos Maias



Luiz Armando Vaz

Parque dos Maias: seis blocos ocupados

Zero Hora, 10/5/87

Juiz concedeu *habeas* coletivo aos ocupantes

Zero Hora, 11/5/87

Mas brigadiões ainda esperavam ordens para desocupação

Morada do Vale

Nova invasão na Grande Porto Alegre

Correio do Povo, 18/5/87

Brigada expulsa invasor

Zero Hora, 18/5/87



Roberto Santos

Cadê a notícia? O gato comeu

Muitas vezes a imprensa nos traiu. Para provar fizemos o seguinte: o companheiro Pedro deu uma entrevista para uma jornalista e nós gravamos também. Nós queríamos comparar com o que seria publicado. Mas não saiu nada. Aqui está uma entrevista que os jornais não quiseram publicar. Aqui está o que o repórter fica sabendo e a imprensa esconde.



O QUE O REPÓRTER FICA SABENDO E A IMPRENSA ESCONDE

— A gente tem certeza que a solução daqui não passa pela justiça; passa pela força organizada, pelo povo organizado. Lutando pelo direito de moradia. Quanto ao processo de reintegração de posse da COHAB, nós temos a seguinte política: nós vamos combater isso de duas formas: Primeira, procurando tomar medidas para sustar a liminar, através do Movimento de Justiça e Direitos Humanos; Segunda e mais importante para nós é que seja criada uma CPI na Assembléia Legislativa para investigar os rombos que tem a COHAB, porque existe muita coisa por baixo da COHAB, e a gente pretende levantar esta lebre. Aqueles deputados que apóiam nos-

sa luta, que se comprometem conosco, o que eles podem dar é isso: fazendo essa CPI para a gente descobrir realmente os furos que tem a COHAB".

Pergunta: Mas a liminar está aí. Vocês vão ou não vão sair daqui?

— Ninguém vai sair daqui. O certo é isso: ninguém vai sair daqui, porque todo mundo precisa dessa moradia. Quem sair daqui é porque não precisa. Nós temos uma lista de mais de 500 famílias inscritas conosco na Central de Informações (CI), conforme forem desocupando os apartamentos, nós vamos colocando quem precisa. Como tu sabes os alugueis foram lá em cima. Quem é que está resolvendo esse problema habitacional? O governo é que não.

— Vocês estavam negociando, até o assentamento definitivo. Agora veio esta decisão...

— É o seguinte: na última reunião que a comissão de negociação teve com a COHAB, ela veio com uma proposta risível. Risível e ridícula. A mesma proposta que eles apresentaram para o Guajuviras, que foi simplesmente: "Quem ficaria aqui seriam os inscritos (COHAB inscrevia para sortear depois), e o pessoal daqui sairia". Nós rechaçamos esta proposta. Nós colocamos que nesta base nós não negociaríamos. Que a COHAB reconheça uma coisa: que todo mundo tem direito de ocupar isto aqui. Nós não queremos ser espoliados pela COHAB. Não adianta entrar, começar a pagar 1.500 cruzados, se sabemos que a maioria deste povo não tem condição de pagar 1.500. Nós queremos que a prestação seja de uma forma que todos que estão aqui consigam ficar.

— Então, agora, diante da decisão do juiz de despejá-los, vocês não vão sair?

— Ninguém sai. Nós estamos fazendo um trabalho, o Movimento de Justiça e Direitos Humanos vai sustar essa decisão e queremos a CPI da COHAB.

— E se botarem a Brigada Militar na jogada?

— Olha, isso aí... A resistência que nós queremos é uma resistência pacífica, por um direito vital do povo, que é a moradia. E depois eu acho o seguinte: o governo Simon veio com todo aquele discurso mudancista, será que ele vai empregar métodos da ditadura? Fica essa pergunta no ar. É uma pergun-

ta que nós deixamos para o Simon. Será que ele vai empregar o método Jânio Quadros?

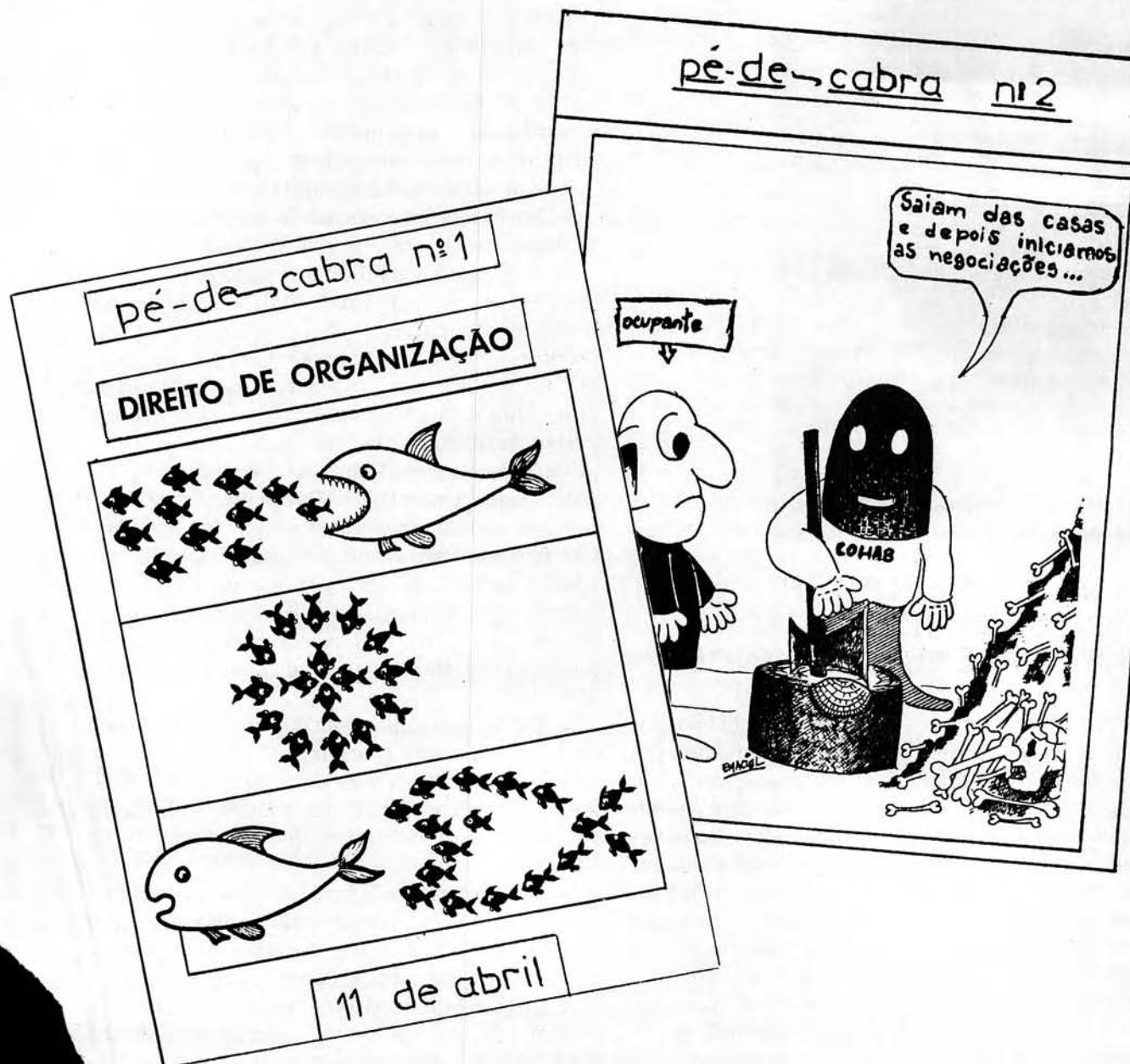
— **Mas acontece que eu fui no Guajuviras... eu nunca vi... é um campo de concentração...**

— O esquema é que a prefeitura de Canoas não apoiou, nem no início da ocupação. Isso quer dizer que já desencoraja o pessoal a se organizar. Mas daqui ninguém vai sair. E pode colocar o seguinte, uma

palavra de ordem que nós vamos trabalhar: “Não adianta liminar, mudança já”. Não a mudança da campanha eleitoral do Simon. É mudança já para o pessoal trazer os móveis para cá.

— **Mas os móveis já não estão todos aqui?**

— Não, tem alguns que não trouxeram ainda por não terem dinheiro.



Pé-de-Cabra

A imprensa do povo

O povo também criou a sua imprensa. Fraca em sua estrutura material, mas com a fortaleza da verdade. Aqui reproduzimos alguns dos jornais da ocupação, "Pé-de-Cabra", e outros folhetos da luta.

O "Pé-de-Cabra" (nº 3) foi escolhido para apresentar o pensamento da liderança do Onze de Abril. Na íntegra:

Companheiros, lembrem das propostas que a COHAB nos apresentou logo após a ocupação. Uma destas propostas é: saiam e depois negociamos. Juntas com esta sujeira tentaram nos intimidar com a presença ostensiva da Brigada Militar. O que não deu certo.

Seguindo esta proposta, veio uma segunda. Perceberam que estávamos bem organizados e nos propuseram um termo de ocupação com opção de compra, o que em uma linguagem simples, quer dizer: fiquem agora e saiam daqui a seis meses. Vale dizer: que este contrato apresentava algumas cláusulas muito interessantes para a COHAB, entre elas, aumentos trimestrais segundo as variações das OTNs estando portanto muito acima do nosso salário. E quem não pudesse pagar teria que sair.

A COHAB, parece que ainda não entendeu que nós não somos bobos, que estamos organizados e sabemos o que queremos; haja vista, que após nosso repúdio àqueles contratos acima mencionados, tão safados quanto quem os defendeu, já incluíam em suas cláusulas uma ordem de despejo. Nos acenam com um novo contrato, que na verdade não passa de uma tentativa infantil de nos enganar, pois só o que eles realmente mudaram foram os termos usados, enquanto, na síntese, o conteúdo permanece. Quer dizer, tentam nos vender um tomate podre. Não aceitamos. Aí, o que eles fazem? Cortam a parte estragada e tentam nos empurrar o mesmo tomate.

Companheiros, vamos mais uma vez mostrar a este governo, corrupto e atrelado, quanta força a nossa união nos dá. Somos capazes de dirigir nossas vidas e decidir o que é melhor para nós, bem melhor do que eles.

Demonstramos isso ao ocuparmos estes sobrados e blocos, e em seguida nos organizamos racional e politicamente.

Quando fizemos isto criamos um mundo à parte, ou seja: estabelecemos uma nova forma de poder.

Que poder é este? É o poder popular.

Por que poder popular?

Porque aqui realmente existe democracia (governo do povo), onde cada morador tem direito de voz e voto. Onde todos discutem e decidem sobre e todo e qualquer assunto.

Como isto acontece?

Isto acontece com o povo unido em um mesmo objetivo. No caso do Onze de Abril se deu da seguinte forma: ocupamos e sentimos a necessidade de organizarmo-nos para garantir a nossa permanência dentro do Núcleo.

Para agilizar o trabalho orgânico escolhemos um representante por quadra, que reunidos formam a Coordenadoria Geral.

Esta coordenadoria discute as fórmulas propostas, que são submetidas à Assembléia Geral de Moradores, que as aprovam ou não.

Quando estas propostas são aprovadas, o coordenador junto com os moradores de cada quadra coloca-as em prática.

Isto, companheiros, é o poder popular. É isto que a burguesia e este governo que a representa não querem reconhecer, sob pena de os trabalhadores se conscientizarem de que são capazes de controlar o Estado e os meios de produção.

Vamos mostrar a eles quem é o bobo.

Já temos nossa proposta e não vamos assinar contratos que não nos interessam.

A NOSSA PROPOSTA

Contribuir com 10% do salário mínimo, durante cinco anos, foi a proposta aprovada pelos moradores presentes.

Com esse dinheiro será formado um fundo para construir novas casas para trabalhadores, mas com o nosso controle, pois o governo já provou sua incompetência na questão do problema habitacional do País.

Os moradores do Núcleo Residencial 11 de Abril, não estão dispostos a largar novamente, dinheiro na mão da COHAB, ou de qualquer outro órgão criado para administrar o nosso dinheiro, tendo em vista a corrupção fartamente provada com documentos a que todos os moradores têm acesso.

Afinal, onde foi parar o dinheiro do nosso Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) de 22 anos.

ABAIXO OS GRILEIROS

Por trás de uma família necessitada pode estar um negociante sujo.

VIVA A OCUPAÇÃO

Nesta matéria ("Correio do Povo", 6/4/87), publicada apenas cinco dias antes da ocupação, o governo renovava suas promessas. O Onze de Abril começou a transformá-las em realidade. Demonstrando, com sua decisão e luta, o descrédito da política habitacional do governo.

Plano de habitação sai em 15 dias

Brasília — O ministro Deni Schwartz, do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, acredita que dentro de 15 dias o governo já poderá colocar em execução o programa de construção das 250 mil casas populares este ano, anunciado na Câmara Federal pelo ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Todo o pro-

grama, segundo Deni Schwartz, já está em fase final de elaboração e será executado dentro do novo perfil do Sistema Financeiro de Habitação (SFH), que deverá ser submetido, nos próximos dias, ao Banco Central, que, por sua vez, dará a palavra final com relação aos juros a serem aplicados às linhas de crédito

e financiamento para as pequenas e médias empresas produtoras de materiais de construção, também anunciado pelo ministro Funaro.

Com relação à construção das 250 mil casas populares neste ano, o ministro detalhou o programa, que terá um custo total de 37 bilhões de cruzados, da seguinte forma: 130 mil

serão feitas com recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS), cabendo às COHABs construir 80 mil casas, às cooperativas 20 mil casas e as 30 mil restantes pelo sistema de mutirão (autoconstrução).

Ainda, segundo o plano do Ministério do Desenvolvimento Urbano, caberá às caixas econômicas Federal e Estadual financiar a construção

de mais 70 mil casas, com valor médio de até três mil OTNs (Cz\$ 545.000,00). Já para aquelas populações que não têm condições de comprovar renda, principalmente as localizadas em favelas, o ministério pretende construir com recursos orçamentários próprios, junto com verbas das próprias prefeituras, num total de 1,3 bilhão de cruzados, 50 mil casas.

No tocante ao novo perfil do Sistema Financeiro de Habitação, o ministro Deni Schwartz informou que a idéia é acabar com os subsídios uniformes que todas as classes vinham recebendo por ocasião dos reajustes das prestações. Disse que isso foi uma característica que os governos vinham adotando até aqui e que acabou colocando o SFH na situação em que está.

10% PELO ONZE

Um folheto reproduzia a proposta submetida à Assembléia de 17 de maio. Aprovada, passou a ser a bandeira de luta dos ocupantes frente à intransigência da COHAB, até hoje. Mais um trabalho da precária imprensa do Onze de Abril:

A NOSSA PROPOSTA

Contribuir com 10% do salário mínimo, durante cinco anos.

Essa proposta de 10% não é para pagar os apartamentos que ocupamos; e sim, servirá como contribuição para a formação de um fundo. O qual possibilitará o financiamento de casas para trabalhadores de baixa renda. Pois já ocupamos por não termos onde morar; até poderíamos ter, mas no entanto não era nosso, e o aluguel era altíssimo, casa de parentes ou amigos. Desculpas não nos faltam. Além dos nossos salários serem baixíssimos, o custo de vida, por outro lado, é cada vez mais alto.

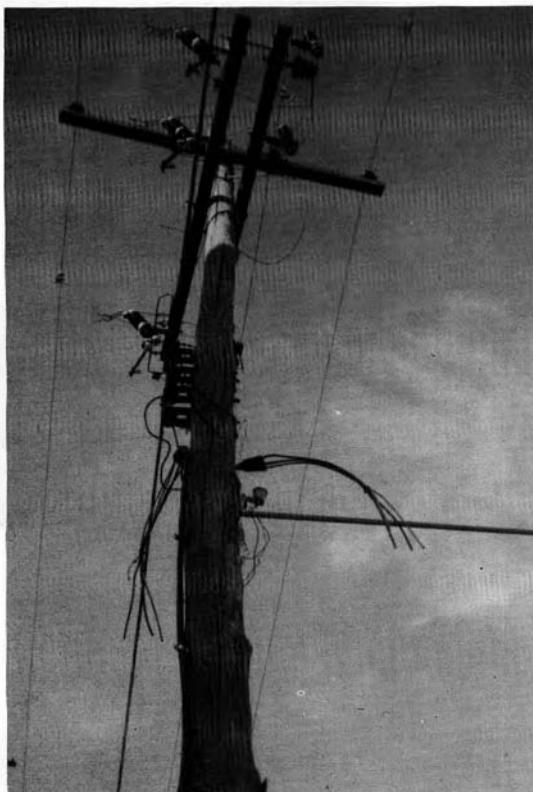
A péssima política econômica do Presidente da República, que não foi eleito por nós, nos levou a tomar atitudes de fazer justiça, já que o governo, só nos prometeu mentirosamente e depois não cumpre.

Os apartamentos ocupados por nós, já estavam sendo pagos com o nosso FGTS. O governo e os empresários do setor imobiliário aplicavam este nosso dinheiro em construções de núcleos tipo Onze de Abril, para no futuro nos vender a preços altos, dando preferência a trabalhadores especializados, de altos salários deixando de lado aquele trabalhador que ganha apenas o mínimo.

Essa política discriminatória por parte dos governantes nos levou a discutir melhor antes de efetuarmos qualquer pagamento pelos apartamentos que consideramos estarem sendo pagos há vinte e três anos.

Pensamos então em um fundo que possibilitará construção de casas para trabalhadores (com o controle dos trabalhadores), pois a COHAB, foi criada pelo governo para esses fins, e provou ser incapaz de realizar projetos e nos beneficiar.

Temos plena consciência da situação institucionalizada da injusta política sócio-econômica em que vivemos. Com essa proposta não estamos pensando somente em nós do Onze de Abril, mas sim em todos os trabalhadores que ainda não têm onde morar.



Antes e depois da luta.



A LUTA DA LUZ

Os ocupantes estavam sem luz. A Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) não os atendia de jeito nenhum. Numa reunião da Coordenação muito difícil, os moradores decidiram dar um prazo para que fossem atendidos. Caso contrário, fariam a ligação de qualquer jeito. No entanto a Coordenação enfrentava um grave problema. Os transformadores tinham sido retirados, como se vê na foto. Se fizessem a ligação, estourariam com a rede

elétrica. Os moradores da Vila Campos Verdes e Salomé ficariam às escuras. Os ocupantes poderiam perder o apoio desses trabalhadores.

Este folheto foi distribuído nessas vilas preparando-os para aguentarem a falta de luz em solidariedade à luta do Onze. Conseguiu-se esse apoio. Resultado: fizeram a ligação e o estouro foi maior que o esperado: um apagão geral. Um dia depois os caminhões da CEEE começaram a instalar a luz.

Uma vitória da Unidade e Solidariedade Operária.

CARTA ABERTA AOS MORADORES DAS VILAS CAMPOS VERDES E SALOMÉ

Companheiros trabalhadores, nós moradores do Onze de Abril estamos há quase dois meses sem luz. Tentamos de todas as formas conseguir através dos órgãos competentes, ou seja: CEEE de Alvorada, CEEE de Gravataí e Secretaria de Minas e Energia.

Todas estas tentativas foram inúteis, e só conseguimos ter mais clara a intransigência e a irresponsabilidade do governo que se diz aberto à participação popular e democrata.

Estamos gastando o que não temos em velas que além de causarem dois principios de incêndio, felizmente controlados, já hospitalizaram duas crian-

cas intoxicadas pelos gases liberados pelas mesmas.

Nós, trabalhadores do Onze de Abril, estamos desesperados e entendemos que é dever do Estado nos ligar a luz IMEDIATAMENTE, ou seremos forçados a tomar medidas, que talvez venham a prejudicar toda a alimentação de energia desta área. Por isso contamos com o apoio de todos vocês trabalhadores.

Pois também entendemos que quando o governo toma uma atitude irresponsável, lesando cerca de dez mil e quinhentas pessoas, entendemos também que temos o legítimo direito de solucionar nós mesmos.

Companheiros sabemos que a solução de nosso problema, só é possível através da nossa união e organização.

Ass. Coordenadoria da Ocupação

A CONTINUAÇÃO

Com o trabalho da CI encerrado, era preciso dar outro ritmo à organização. Nos sobrados, sempre mais organizados, já se encaminhava a criação da Associação de Moradores. Nos blocos, o processo foi animado com esta circular que reproduzimos sem retoques:

Circular nº 1

MORAR É UM DIREITO DE TODOS

Uma comunidade é formada pelas mais diferentes pessoas. Cada um tem sua religião, seu clube, suas idéias, seu partido, seu trabalho, sua família. Para a comunidade ter uma vida melhor com prestações conforme o salário mínimo, creche, transporte, saneamento básico, posto de saúde, escola, é preciso a união de todos para lutar por estes objetivos junto ao poder público. É por esta união e espírito de luta que nasce e cresce uma Associação de Moradores.

A Associação de Moradores é uma entidade que tem associados e estes são os responsáveis pelo destino da Associação. Reunir, discutir os problemas da comunidade e lutar para unir o povo pelos interesses e bem-estar dos trabalhadores é a tarefa da Associação. A Associação não é só diretoria, mas, a participação de todos os moradores para decidir como executar e resolver os problemas da comunidade.

Quando no dia 11 de abril ocupamos os blocos, todos nós escolhemos em cada bloco um representante que sempre nos deixaria informados sobre as negociações e sempre tentando organizar no bloco a limpeza e segurança, colocar os portões etc..., pois foi graças a esta forma de organização pela base que conseguimos permanecer e vamos morar para o resto de nossas vidas, aqui, pagando conforme nossas condições. Uma Associação de Moradores nos blocos não pode deixar de lado dois meses e meio de resistência e luta. Os blocos têm que decidir dentro da Associação escolhendo os representantes para formar o Conselho Deliberativo.

O Conselho Deliberativo é que vai decidir e ser cobrado das decisões. O Conselho Deliberativo tem que ser o retrato fiel dos pensamentos dos moradores dos blocos. O papel do representante de cada bloco no Conselho Deli-



Pressão na Prefeitura.

berativo é o de levar as decisões e opiniões dos moradores os quais representa, isto é, cada representante estará submetido à reunião geral do bloco. Qualquer decisão deverá ser discutida e cobrada por todos os moradores, desse representante. Caso o representante de bloco queira decidir sozinho sem consultar o restante dos moradores deverá ser eleito um outro.

Não adianta termos uma diretoria bonitinha, com um presidente bem falante que decida tudo sozinho, pois corremos o risco de virarmos todos bonecos de papel. Para evitar isto, nossa Associação tem que ser diferente. Uma diretoria submetida ao Conselho Deliberativo, isto é, os representantes de blocos controlando a diretoria.

Esta forma de organização controlada pelo povo garante a participação e o envolvimento de todos na luta pelos nossos direitos. Termos CRECHE, ESCOLA, TRANSPORTE, POSTO DE SAÚDE, UM CONTRATO QUE DÊ PARA PAGAR não é luxo nem ilusão. Nosso bem-estar depende de nossa luta organizada e a ASSOCIAÇÃO DOS MORADORES deve incentivar e criar os meios para lutarmos permanentemente por uma vida melhor.

Construirmos a Associação, hoje, está na ordem do dia. A COHAB está para entrar com um contrato que exclui (tira fora) os moradores de baixa renda, como se houvesse brasileiros de primeira categoria e brasileiros de segunda categoria. Porém, quando ocupamos aqui, ninguém perguntou ou isolou o vizinho por ele ganhar 1 ou 2 salários mínimos ou estar trabalhando como autônomo. Aconteceu o contrário, nossa luta garantiu nossa união e a nossa permanência e agora, a COHAB tenta nos jogar uns contra os outros. Se alguém entrar no jogo da COHAB será muito difícil dormir à noite em paz.

Por isto PRECISAMOS DISCUTIR JÁ A FORMAÇÃO DA ASSOCIAÇÃO, como serão os Estatutos, na busca da união pela permanência de todos aqui.

TRAZER PARA UMA ASSEMBLÉIA GERAL SUGESTÕES E DECIDIR COMO SE FORMARÁ A ASSOCIAÇÃO É DEVER DE TODOS NÓS.

RESPONDA

Quanto por cento sobre o salário mínimo você poderia pagar?

O que você acha que deve fazer uma Associação de Moradores?

VAMOS À LUTA COMPANHEIROS — PELA ASSOCIAÇÃO — CONTRA A DISCRIMINAÇÃO ECONÔMICA

SALVE O 11 DE ABRIL — VIVA A OCUPAÇÃO — SALVE O 11 DE ABRIL

Coordenadoria Geral

O POVO NO AR: RÁDIO UNIDADE

Já que a pilha estava cara, a CEEE não ligava a luz, e o povo precisava estar informado, criou-se a Rádio Unidade. Ela funcionava com luz clandestina, aparelhagem muito simples, emprestada dos próprios

ocupantes. Reproduzimos aqui um termo de compromisso que a Comissão de Imprensa entregava ao morador que podia emprestar um aparelho. A Rádio funcionava todos os dias, dando as últimas informações para o Conjunto. Servia também para mobilizar o povo em emergências e veiculava todos os dias um apelo contra os vendedores de chaves.

Comissão de Imprensa do Conjunto Residencial 11 de Abril

A comissão de imprensa assume todas as responsabilidades por todo e qualquer dano que por ventura, virem a ser verificado nos materiais cedidos pelos moradores do Núcleo, para a formação da imprensa falada. Assumindo o compromisso de efetuar todo e qualquer reparo que for necessário.

GRATOS POR SUA COOPERAÇÃO E CIENTES DE NOSSAS
RESPONSABILIDADES

Atenciosamente, nossas saudações comunitárias.	
Nome... M. B. L. L. H. D. J. F.	
End.	R. H. A. R. L. T. A. I. P. E. S. P. I. R. E. S. 45. 17
Mat. Emprestado	U. P. F. I. C. I. A. D. O. R.
Marca	M. B. R. T. I. M. 3. 0. M. S. 2. 0. 0. 1. 17 T
DATA	4. 7. 85' P. T. 10. 30 a. 16 HORAS
Assinatura do proprietário	
CI
S. S. B. I. V. U. L. G. A. S. E. O. F. I. M. H. S. A. N. T. A. G. E. U. E.	
ENTREGUE	

CAPÍTULO II

O ONZE FALA



Conversa em família

Esta entrevista foi feita num dos apartamentos ocupados. Uma família grande e que não estava ainda muito organizada. É a sua primeira experiência com luta popular. As pessoas falavam livremente sem preocupação de esconder o jogo. Os nomes não foram dados porque, na época, havia o problema dos processos.

Pergunta: Tem muita gente preocupada. O jornal noticiou que vai todo mundo para a rua. Como vocês sentem isto?

— O problema é que o pessoal fica com medo. Porque todo mundo já trouxe a mudança e daí como é que vai fazer?

— E as crianças? Quem tem criança aí, como é que fica?

— Acho que isso aqui pode ficar como ficou com os posseiros.

— Acho que vai dar uma guerra aí (risos).

— As pessoas deixaram suas casas. Moravam de aluguel e vieram para cá. E agora? As pessoas saíram porque não podiam pagar aluguel como as imobiliárias estão pedindo. É um roubo, uma ladroeira que está todo mundo vendendo, inclusive o governo. E as pessoas como é que ficam?

— O pessoal ganha um salário mínimo e, paga o quê? Mais de um salário por uma casa?

— **E a organização como está?**

— Aqui no prédio, o senhor pode crer que está todo mundo unido. Ninguém arreda o pé. Todo mundo. Por exemplo, essa senhora daqui do 104, ela sofre dos nervos, é atacada. Ela se atacou aí, até inclusive ela tava conversando com o pessoal (a liderança). Acontece que todo mundo tem que se acalmar. A gente acalmou ela. Tem umas pessoas que são mais nervosas. Mas está todo mundo nervos. A gente tem criança.

— A gente fica nervoso, sim. Todo mundo quer morar. E saindo daqui aonde a gente vai morar? Debaixo da ponte? Que o aluguel não dá para pagar com o que a gente ganha.

— Eu acho que o governo não vai querer que a gente saia daqui. Saindo daqui, muitas vezes a pessoa acaba se tornando marginal porque não pode pagar o aluguel. Acho que o governo não vai querer isso aí, não é?

— Ainda mais agora que foi liberado o aluguel... Cada um bota o preço onde quer.



— Quem tem emprego fixo, como o meu marido tem, tudo bem. Mas tem muitos aí que não têm...

— Até tem muita gente que perdeu o emprego para garantir um apartamento aqui.

— **Onde vocês moravam antes?**

— Nós morávamos numa casa cedida por um rapaz que é nosso amigo em Viamão. A casa não era dele, ele estava apenas cuidando. Então ele viu a nossa situação. Quase quatro mil de aluguel e nos deu essa casa até nós conseguirmos outro local.

— **Como vocês ficaram sabendo daqui?**

— Foi o vizinho, ele viu e avisou...

— É. Deu na televisão, o senhor não viu?

— O vizinho aí ficou dois dias aqui lavando os tapetes, passando até fome.

— **Vocês chegaram no dia 11?**

— Sim. Viemos no dia 11 de abril, por isso o nome daqui é Onze de Abril. Nós somos fundadores (risos). Desse prédio nós abrimos as portas (risos fortes).

— **No jornal só se fala em invasão, aqui só se fala ocupação. Qual a diferença?**

— Olha! Aqui é ocupação.

— Eu acho que não invadi nada. Eu ocupei. Afinal isto aqui estava há tempo fechado e ninguém dava jeito. Ó comadre, quanto tempo o pessoal falou que tava desocupado?

— Dois com isso aí parado...

— Então ocupamos porque era nosso. É nosso ou não é?

— É nosso sim, claro...

— O senhor veja bem, dois anos parado. Quanto prejuízo teve esta COHAB? Se eles liberassem e cobrassem um "x" do pessoal?

— Invadir pelo que eu entendo é uma coisa... seria um termo pejorativo. Nosso caso não foi isso, porque todos estavam precisando e já que não foi liberado para o pessoal inscrito, nós ocupamos.

— As pessoas que se inscreveram antes na COHAB estão reclamando. Mas elas não podem reclamar. Elas deviam ocupar esses prédios e elas não fizeram isso. Agora estão reclamando os direitos delas. Mas elas não têm direitos... A gente agora fez a frente, né? Eles agora querem entrar...

— Eu acho que a gente ocupou isso aqui tudo direitinho, tudo limpo, sem violência, nada. Nada! Qual é o policiamento que tem aí? Dois brigadiões só...

— Não, agora não tem mais esses dois. Já se retiraram. E não há necessidade, está tudo em ordem.

— **Vocês podiam falar mais da questão dos inscritos?**

— A gente vê o lado deles. É um direito deles. Agora o certo era eles terem vindo ocupar.

— Como é que eles não vieram? Será que não fi-

caram sabendo? Nós aqui também não sabíamos de nada e viemos para cá.

— Outra coisa que eu acho é o seguinte: se estes que estavam inscritos na COHAB fossem tantas pessoas assim, quantas as que estão habitando aqui, elas teriam vindo para cá. Se eles já estavam inscritos por que não vieram para cá antes? Isso aqui já não estava no nome deles? Pois então! Acho que esta pergunta devia ser feita para eles. O nosso síndico (referência ao representante de bloco) devia fazer esta pergunta. Ele cuida aí, sabe? Está sempre se informando. Essa pergunta ele devia fazer: "Por que as pessoas não forçaram a COHAB? Por que não habitaram antes? Por que esperaram pra gente — que também precisava — ocupar para depois reclamar?"

— Eu acho que eles esperaram os outros fazer frente...

— Eles ficaram em cima do muro...

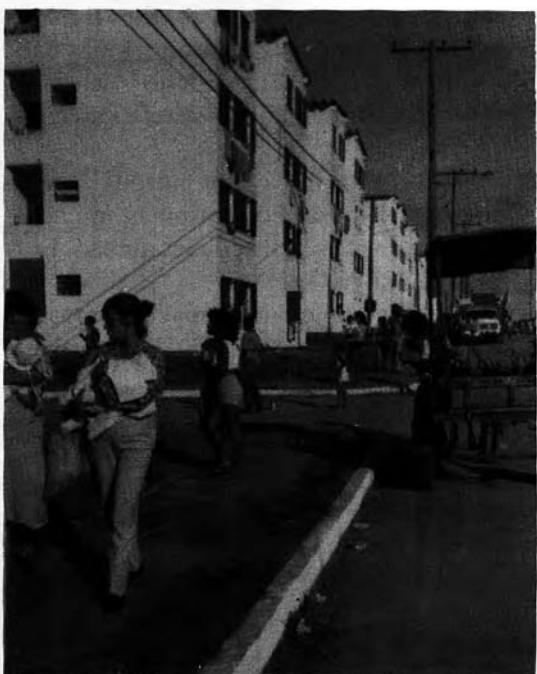
— Eles só tiveram a sorte de se inscreverem e serem sorteados, mas não fizeram nada. Eles foram contemplados com apartamento, o nome deles saiu no Diário Oficial. Tem muita gente aí no Diário. Mas por que eles não vieram antes?

— **Como é que pode, de repente, dez mil pessoas ocupam, heim? Isso é reflexo de quê?**

— Da união, da nossa grande força. Todo mundo precisava mesmo.



A tranquilidade está nas ruas do Onze.





"Estou disposta a defender meus filhos."

— É a necessidade. Por pura necessidade viemos para cá. Não dá mais para morar em favela, sem nada, sem luz, no meio do banhado. E isso aqui parado há dois anos. A gente foi para se inscrever também. Mas eles nem atendiam. A sorte dos inscritos é que conseguiram se inscrever. E a nossa sorte foi ter união para entrar aqui pra dentro. Eles tinham que ter feito isto... A gente ia lá se inscrever mas não conseguia nem ver eles, quanto mais se inscrever.

— Eu fui fazer esta inscrição três vezes e não consegui.

— E a gente fez uma força só e entrou.

— Eles diziam — lembra lá das casinhas, mulher? — que nem foram abertas as inscrições ainda... Era só o que eles diziam.

— **E a questão de pagar pelos apartamentos?**

— Eu acho que o governo e a COHAB deviam estipular uma importância que todas as pessoas pudessem pagar. Que aqui ninguém quer se omitir de pagar.

— Eu acho que não tinha que pagar nada.

— Acho que isto é cascata, né? Eu acho que ninguém vai habitar um apartamento como este... A gente nunca morou, nunca teve o prazer de morar num local como este. Acho que isto de não pagar é impossível.

— Mas já tá pago, mãe!

— Aqui em Porto Alegre está que nem no Rio de

Janeiro. Está acontecendo isto de as pessoas subirem os morros. O que aconteceu? Uns têm boa cabeça e outros não. Os outros vão morar no morro para esconder maconha, esconder roubo... O meu marido é militar, ele está por dentro das coisas. Quer dizer a gente quer morar num lugar decente... Não vai dar oportunidade para essas pessoas?

— Ó, tem o seguinte: eu vim pra cá para pagar. Eu estou de acordo de pagar da seguinte maneira. Pagar um "x" sobre o salário mínimo.

— A organização aqui parece bem esquematizada... (perfeita — corta alguém decidido)... os representantes de bloco, os coordenadores de quadra, as CIs, a coordenadoria. **O que vocês acham dela?**

— Está democrática.

— A gente participa também disso aí. Que eu acho uma coisa muito bacana que ali se vê união. Eu acho ruim aquele que não participa, que não luta por seu ideal.

— Eu soube de um aí que tava ocupando e tinha casa própria. O pessoal da CI expulsou ele daqui.

— Sobre esse lado aí, se a gente souber de alguém...

— O pessoal da CI está pedindo para avisar. Tem mais de quinhentos inscritos aqui que não conseguiram entrar. Todos os apartamentos estão ocupados. Quer dizer, se der para tirar...

— É bacana isso aí. Quem tem propriedade devia ser expulso mesmo, não precisa. Dizem que entrou gente aqui que tinha até apartamento. Comentaram aqui. Tem que sair e dar para outro.

— **Como é o esquema das guardas à noite?**

— Eu que sou mulher não tiro guarda. Só os homens, tira só uma hora por noite. Mas não tem dado problema não.

— **Se tiver uma tentativa de tirar vocês daqui?**

— Eu acho que no momento que o pessoal mais se uniu, o principal foi entrar pra cá. O principal era se unir mais ainda... Se eles vierem tirar com a polícia eu pego a minha filha e saio. O meu marido fica. Mas eu estou disposta a defender os meus filhos. Se eles entrarem para dar pau, atirar como está acontecendo nessas cidades. Mas a gente não deve sair...

— A esperança de todos é resolver logo com a COHAB, mas daqui ninguém sai.

(Entra uma senhora mais idosa com uns copos de café)

— O senhor não quer um cafezinho?

A entrevista terminou e pode começar uma amizade.

Depois que entra o chimarrão... não sai mais

Mais um grupo de moradores é encontrado na rua. Gravador a tiracolo, na roda da conversa vai se formando a entrevista.

Pergunta: O que vocês estão achando disto aqui?

— Estamos vendo que está bem, está bom.
— Apesar da gente ter passado trabalho.
— Sofremos bastante, mas agora melhorou.
— Agora está 100% do que aconteceu antes no 11 de Abril.

— Como vocês moravam antes?

— Eu morava na Americana, numa casa alugada.

— E eu morava com a mãe, dependia dela e não gosto de depender de ninguém. O pai ensinou para nós que cada um trabalhasse, lutasse e tivesse o que é seu. Eu lutei e consegui este cantinho para mim.

— Tudo vai é da luta, né?

— Quem luta é que vence. Sem luta não se tem vitória.

— Como foi a chegada? O começo da ocupação. Medo?

— O pessoal não tinha tanto medo. Ficou com mais medo depois que chegou aquela imensidão de gente e a Brigada aí. Aí o pessoal começou a ficar inquieto.

— O que deu medo mesmo foi domingo, que estavam os policiais tudo aí.

— E as crianças como estavam?

— Gostaram.

— Algumas crianças ficaram agitadas. Começou a dar esse problema da Brigada.

— Ah, não! Ele tirou... e eu nem penteei o cabelo — diz a moça revoltada, quando percebe o "flash" disparar (risadas gerais).

— Bom, todo mundo ficou agitado por causa disso. Não dava para soltar as crianças, por medo de dar algum problema, algum atrito.

— Também os alarmes falsos que teve aí. Aquela vez das velas. Lembra das velas? (Risadas. É dito que a história já foi gravada em outro grupo. Aumentam as risadas).

— Todo mundo gritando pelos blocos: "Apaga as velas!" Todo mundo se assustou. Essa aqui (referindo-se à companheira) principalmente me deixou empolgado.

— Vocês vieram para cá com toda a família?

— Eu quando vim para cá, vim sozinho. Aí no domingo essa aqui apareceu...

— Eu fiquei de trazer a família. Por isso a minha mulher veio primeiro.

— E o que eu sofri pulando cerca aí atrás...

— Pulei cerca trazendo algumas coisas, debaixo de chuva.

— Principalmente comida, esse tipo de coisa. Às vezes eles trancavam o cara ali na entrada, com saca-cola. Não deixavam entrar. Então ele fazia a volta aí pela cerca e passava. Esse negócio de colchão, roupas a polícia não deixava passar.

— Nem comida?

— Nem comida! Nem a cuia do chimarrão eles deixavam entrar.

— Não deixavam mesmo.

— Depois que entrar com o chimarrão não sai mais, né?

— Isso é verdade...

— Os primeiros a chegarem nos apartamentos deste bloco, fui eu aqui, outro rapaz ali, a Marion...

— Depois chegou ela, chegou depois o povo todo. Ficou algum prédio vazio, mas depois começou a encher. Domingo, dia 12, aí lotou tudo.

— Havia ajuda entre vocês?

— A gente ajudou a trazer comida, colchão, cobertores. Porque a gente estava na luta.

— Porque era gente conhecida, um procurava ajudar os outros. Até a mudança foi feita por nós todos.

— Botava a carroça lá num canto e nós todos íamos ajudar.

— Mudança? E a Brigada?

— A gente passava lá por trás. O negócio era entrar correndo com a mudança.

— Parecia umas formiguinhas...

— A própria polícia mandava a gente entrar lá por trás...

— Depois os brigadianos estiveram ali nos apartamentos. Estiveram almoçando aqui, passaram o dia todo aqui com a gente.

— Diziam que se a gente não passasse com a mudança pelo lado deles, tudo bem.

— Como é a religião entre vocês?

— Nós todos aqui somos batuqueiros (risadas).



Tem uma exceção ou outra.

(Dirigindo-se a alguém do grupo)

— O senhor não é daquela religião... Como é o nome?

— Crente, não sou não. Eu sou católico mas a minha família é da Assembléia de Deus.

— Vai ter um ato religioso aí da umbanda. É quinta-feira, dia 23, dia de Ogum.

— Aí nós vamos.

— Mas eu acho que o povo que está aqui, está muito segurado porque realmente o que eu tenho visto de gente de religião (afros) aqui é brincadeira...

— Geralmente com a esposa.

— Geralmente 100% é de religião. A maior parte, bem dizer, é de religião.

— Quando eu cheguei aqui, domingo, eu só via nego com guias. Vi mesmo.

— A gente trabalhou na limpeza do conjunto. A gente fez aí uma estrela. Algumas coisas bem típicas da umbanda...

(Olhando e apontando em volta)

— Essa ali eu não sei qual é a religião, mas diz que é católica. Aquela ali é umbanda. Aquela lá eu não sei qual é. Aquela outra é de umbanda, a outra também.

Mas não foi por causa da religião que vocês vieram para cá, né?

— Viemos porque a gente necessitava.

— É uma necessidade...

— Isso é uma coisa que vai além da religião, não é mesmo?

— É até mais... nós passamos por cima dela, passamos pelo lado.

— Porque a gente precisa mesmo, viu?

— Precisamos mesmo, tchê! Precisamos de uma moradia, um terreno e vamos lutar bastante até nós conseguirmos.

— Se Deus quiser!

— Quando nós conseguirmos, nós descansamos. Não estamos descansados ainda.

Como funciona a guarda neste bloco?

— Aqui é o seguinte: só um tira durante a semana. Aqui são dezesseis moradores. A turma dá uma ninharia, dá cinqüenta cruzados por semana. Eu estou desempregado até o dia 30, quando vou arrumar um serviço novo. Então eu aproveito e vou tirando guarda.

— O que está desempregado tira enquanto os outros estão trabalhando.

— Nos outros blocos parece que todos têm tirado guarda.

— É, têm sim. Cada um tira uma hora, duas horas...

— E eu prefiro tirar guarda do que pagar, porque eu não tenho condições mesmo de estar pagando. Ganho por mês, estou encostada. Estou aí que não tenho quase nada dentro de casa. Estou seis anos encostada e não sei se vou me aposentar. Mas estou tentando, estou lutando para conseguir vencer.

— Por isso, nesse caso aí, nós vamos ter uma reunião no bloco. Já era para ter começado a reunião. Povo é isso aí. Tem gente que tem móveis e tem gente que não tem. Vamos continuar a trazer que tem muitos problemas e só trazendo os móveis é que eles vão diminuir.

— É como o caso dessa senhora aqui. Ela não tem condições. O que ela tem é um fogãozinho, uma cama. E outras coisinhas que ela necessita mais. Outros já têm, outros não. A condição financeira é ruim. Então nós vamos discutir isso na reunião...

Tem gente que perdeu o emprego?

— Uns 50% das pessoas perderam o serviço.

— Eu também perdi. Recém vou começar num serviço segunda-feira.

— Eu até vou ter uma revanche. Vou pegar na mesma firma de novo. Vê só!

— Eu perdi, tu perdeste. São dois... O Jorge. Também, são três...

(A contagem termina em torno de quinze pessoas que perderam o emprego só entre os conhecidos deste grupo.)

— O pessoal fala é assim: "serviço a gente dá um jeitinho de arrumar, mas tem que garantir o lugar para morar".

— **A senhora pagava aluguel?**

— Bem dizer a gente estava pagando aluguel, bem dizer rolando. Hoje paga aqui, amanhã muda para lá. Eu fiquei nove anos pagando aluguel. Mas a altura que foi o aluguel não dava mais. Desde que o aluguel estava a 500 cruzados, agora eles iam botar para mil. Aí foi onde que não deu mais.

— Eu também.

— O aluguel está tudo por aí: dois, três mil...

— **E o senhor?**

— Eu pagava 350 antes do aumento.

— Por causa de umas pessoas, todas se prejudicam. Às vezes a pessoa tem uma casinha pequena, no fundo, no lado, mas prefere desmanchar ou vender do que alugar. Por causa de que muitas pessoas levam o material de dentro da casa ou sempre acontece uma coisa. Não pagam as prestações. Então uns prejudicam os outros. O caso foi esse, eu fiquei, vários anos aí procurando um lugar para mim e infelizmente não consegui...

— **Como foi a alimentação nos primeiros dias da ocupação?**

— A pão, banana e bolacha...

— É o tal de "xis-mico", né?

— Mas também era dormir no chão...

— No fim eu não podia nem enxergar mais ba-

nana na minha frente, nem o cheiro.

— Quando eu conseguia dormir, dormia de roupa, coturno e tudo porque tinha de levantar de noite para resolver algum problema... (membro da CI)

— Era o que tinha para comer. E ainda tenho até agora porque eu só recebo no dia 15. Tem que passar a pão e água, né? Mas não dá não.

— **Essa notícia da "Zero Hora" sobre a decisão do juiz?**

— Nesse caso aí o cara não pode ir muito atrás da "Zero Hora"...

— Não dá para ir atrás desses papos todos...

— Sabe como é a "Zero Hora" e a rádio, né?

— Eles querem mais é fazer, ter o que escrever... ter o que publicar...

— Quinta-feira foi dois ônibus, as mulheres todas foram. O trânsito da Voluntários (rua central de Porto Alegre) elas pararam, as mulheres fizeram um cordão para as outras mulheres e crianças passarem. Pararam o trânsito, fizeram a maior bagunça lá na Secretaria Especial de Assuntos Comunitários (SEAC), e não saiu nada no jornal.

— Eu acho assim: se as mulheres se uniram, foram lá, fizeram o que fizeram lá dentro, entende? Se eles mandarem polícia de choque, exército, marinha seja lá o que for, as mulheres vão tomar a peito isto e não vão afrouxar.

— Não vão mesmo... Eu sou uma. Vou lá em cima para a luta.

— O que a gente lutou... A gente quer ir até o fim.

— Hoje não tem, não vamos deixar... Eu sou uma.

— Porque eu queria que vocês tivessem visto a fúria dessas mulheres lá no centro, quinta-feira. Tudo isso para garantir a distribuição do leite. E hoje já distribuíram leite aí para a gente.

— Essa mulherada quando embraba... (Risadas).



Chimarreando, tchê!

De tardezinha, o sol fraco, meio frio, é hora de matear. Na calçada, frente ao bloco, uma família está sentada. A cuiá passava de mão em mão. Chegamos com o gravador para a conversa.

Pergunta — E aí? Como estão as crianças?

- Falta o colégio em primeiro lugar.
- Atendimento médico. É necessário principalmente para as crianças.
- O negócio é o seguinte, nós estamos aqui com esperança de talvez na semana que vem normalizar tudo isso aí. Psicólogos, assistência médica, tem um monte de coisa. Vai aos poucos...
- Vai aos poucos, não dá para resolver tudo de uma vez.
- Tem que ser aos poucos, não dá para tomar uma atitude assim de soco, resolver tudo agora. Não dá.
- E o colégio para esse mundaréu de crianças que tem aqui?
- Só neste prédio tem quarenta e cinco crianças!

- E uma escola com quatro salas de aula... (risos) com quatro salas de aula para ter uma base...
- E o médico? Para o médico tem que se ir lá no posto.
- O que a gente tá providenciando já está atrasado, já era para estar por aí. Mas não deu até agora.
- Uma clínica médica aqui é uma necessidade para as crianças e para os adultos.
- A CI está providenciando um ambulatório de emergência, assim pelo menos para o pessoal da ocupação. Mas está havendo uns desencontros com relação ao material necessário. O pessoal que vai ajudar, lá da UFRGS dá uma força. Perdi o contato com o cara que disse que ia conseguir o material...
- Aqui no prédio, sabe qual é a minha idéia? Esse dias eu estava falando com a gurizada. Nós somos como uma família. Eu estava comentando com a dona Maria, de nós fazermos uma reunião e cada um dar um pouquinho, para fazer uma farmacinha. Isso serviria para nós como para qualquer um daqui.
- Dizem que a dona “Coisa” ali de cima, não sei o nome dela, era enfermeira no Hospital Conceição. Me disseram...
- Parteiro, parteiro eu sou (risos), o homem se explica)... Não tenho curso mas entendo.
- Um apóia o outro, dá uma força. Aqui é como se fosse uma família.
- Graças a Deus somos todos unidos.
- Somos todos unidos. Desde que viemos para cá estavam todos procurando se unir.
- De baixo para cima aqui no prédio não temos diferenças. É até bonito.
- Até os brigadianos estiveram aqui e disseram mesmo que de todos os blocos o nosso era o mais unido.
- Olha moço! Geralmente a essa hora, aqui tem pouca gente, às vezes a gente fica até três, quatro horas da manhã, tomando chimarrão, fumando e conversando.
- Nesses dias entraram uns marginais, fazendo bagunça, uns brigando com os outros...
- Quais as intenções deles? Roubar? Agitar?**
- Fazer zoeira. Deixar mais agitado o pessoal. Se foi coisa encomendada não sei, mas parece... (Nesse momento chega mais alguém na roda, e o pessoal explica a história do documentário.)
- É para saber o sofrimento nosso, da entrada, quando nós chegamos, como. Tu também é um dos que perdeu o serviço, né?
- É, eu preferi garantir aqui.
- Tu é coordenador de quadra, né?
- Sou.
- E eu sou a secretária dele... (risos).
- Como está o problema da luz?**
- A gente teve uma reunião com umas duzentas mulheres lá na prefeitura com a COHAB junto.
- O diretor da COHAB, Conzatti, falou que pela COHAB não havia nenhum empecilho para a ligação da luz. Aí o pessoal pediu para ele telefonar para o governador, dali, dizendo que, pela COHAB, tudo bem. “Ah! Se eu telefonar aí eu perco o meu emprego”, ele disse. Mas a COHAB, continua dizendo que não tem empecilho. O pessoal decidiu então negociar diretamente com o Secretário de Minas e Energia.
- Essa luz está fazendo falta...
- Agora ainda mais que a gente está lutando, pô. A gente não tem como se arrumar nesse caso. Estava todo mundo no aluguel, então a gente está lutando e vai lutar até o fim. E nós vamos vencer.
- Se Deus quiser...



— O que vocês pensam dos contratos da COHAB?

— Olha eu só acredito vendo, tá? no dia que eu botar o meu apartamento no meu nome, no nome da minha mulher e dos meus filhos, que a COHAB perguntar pela profissão, quanto eu ganho, e eu assinar o contrato.

— Mas não esse contrato que eles estão querendo.

— Não, esse nunca.

— Tem que ter um detalhe. Eu posso ganhar dez, vinte milhão por mês, isso não impede que eu esteja pagando esses 10% do salário por mês. E se tu ganhar, no caso, um salário mínimo, tu paga 10%. O que eu ganho não interessa para ninguém. O importante é que eu, que tu, assumamos o contrato, se cada um puder pagar a prestação, ninguém sai.

— Esse contrato aí, tu assinas em tantos meses, passando o mês e tu vai pagar só no seguinte, automaticamente tu perdes o apartamento. É como se tu assinasse uma ação judicial, a prisão. Aí eu concordo contigo. Vamos supor que eu, que tenho família, estivesse desempregado, batalhando, eu pago seiscentos por mês, mas a carteira não estaria assinada. Eu acho que isso tem que ser analisado pe-

la COHAB, na hora do contrato...

— O importante é a pessoa, né?

— **A questão da ocupação é dar casa a quem não tem?**

— Sim mas se a gente pagar uma taxa por mês, essa taxa a gente vai estar pagando o que é da gente. E o aluguel a gente paga mas não é da gente...

— Aqui tem muita gente que está trabalhando sem carteira assinada. Ninguém veio pra cá pensando que isto aqui era dado. Não queremos dado. Nós queremos uma parte, uma taxa que dê para nós pagarmos.

— Muitas vezes eu fico pensando. Esteve aqui uma turma tirando o nome das pessoas, quantos filhos, quanto o cara recebia. Aí eu já tava tirando uma base. Tem muita gente ganhando 1.400. Agora, vamos supor que o cara pague seiscentos de prestação, tem a água, tem a luz, que tem de pagar. E a comida? Como é que o cara vai viver?

— Tem o condomínio...

— Condomínio? No meu ver, não tem. Condomínio a gente mesmo pode fazer, entende? Não precisa pagar. A gente é uma classe lá embaixo, não é média, nem lá em cima. A nossa classe é lá embaixo por isso estamos aqui, lutando. Porque aqueles que estiverem na classe média, devem estar mais ou menos numa casinha, bem confortável, um bom carrinho. Agora, nós que estamos na base de 1.400 — que agora subiu, vai dar mais — nós não vamos ter condição nunca, vamos viver sempre na força, né, tchê?

— É tem que dar condições, também para quem ganha salário mínimo, de morar. Geralmente a COHAB, faz casa para uma classe mediazinha. Quem não pertence nem a isso não tem condição de morar.

— Está certo nós não somos lá embaixo. Somos gente também, mas não somos nem média, porque uma classe média nunca se sabe o que é. E lá em cima estão os ricos. É! Depois do rico vem a classe média. Depois vem nós que somos mais pobres.

— **Vocês têm uma idéia de qual é a média de ganho do pessoal?**

— Olha! Eu não sei dizer para ti a média...

— Não é só a COHAB que fala mal. Muitas pessoas nos apartamentos dizem: "Ah! Fulano se tu não tens condição então tu vai ter que sair."

— O pessoal diz porque é só o que eles escutam lá na COHAB. Só a COHAB fala assim.

— A COHAB prefere lucrar...

— E nós queremos comprar mesmo.



Dois anos abandonado.

— Um dia conversando com um cara da COHAB, lá na CI, ele falou que a COHAB estava muito preocupada, eles investiram uma grana aqui e não estavam tendo retorno. Mas a coisa é simples é só acertar a situação, que a senhora vai pagar...

— Agora é que eles viram que estão precisando de grana, é? Todo esse tempo fechado aí no meio do mato...

— Agora tem valor, agora que o pessoal organizou, arrumou...

— O mato estava entrando para dentro. O jeito que estava isso aqui... Era puro mato... Agora está bonito.

— Isso aqui ficou que vou te contar, uma coisa. Limpamos isso bem.

— Tu olhas agora pra ver. Não está ainda, ajeitinho, mas vai melhorar.

— Estava tudo abandonado. Dois anos abandonado. Agora eles acham que tem valor. Agora aparecem os inscritos e contemplados. Esses que estavam inscritos há seis anos e nunca fizeram nada...

— Por que eles não apareceram antes? Antes estava tudo mato, agora está tudo limpinho...

— Eu trabalhei muitos anos na construção desses bloos...

— Olha! Ele trabalhou na construção desses blocos! (Rindo), se o senhor soubesse que ia ocupar tinha caprichado, né? (risada geral).

— **O que vocês pensam dos inscritos?**

— Eu acho que agora que eles apareceram é porque estão comprados pela COHAB. A COHAB os comprou...

— Eu também acho. Por que antes nunca se interessaram?

— Porque se a COHAB quisesse mesmo dar, fizeram sorteio e tudo, então por que não deu quando tudo ficou pronto?

— Pois é, dona Maria, a COHAB está fazendo esse jogo para a gente sair daqui. Primeiro deu cinco dias, depois mais cinco. Então começou a botar esse negócio dos inscritos. Começou a sortear. Fizeram esse negócio para os inscritos meter a boca com a gente, para ver se dá uma guerra, para ver se o pessoal vai embora...

— Por isso eu digo, esse pessoal aqui se diz inscrito, são gente comprada pela COHAB para impressionar a gente e nos tirar daqui.

— É. O caso aqui é este. Não sei qual a tua opinião, também deve concordar eu acho.

— A COHAB, em vez de encontrar uma solução para os caras, tentou botar uns contra os outros. Porque as pessoas também têm direito de morar porque se inscreveram. Tudo bem. Porque de repente o pessoal tem direito de estar morando aqui? Talvez se encontre solução para quem está inscrito. Porque a COHAB tem milhares de unidades habitacionais que estão paradas com a construção. Então que se encontre um local para as pessoas inscritas e que

não conseguiram ocupar aqui. Mas que tentem resolver os dois casos e não tentem colocar uns contra os outros.

— Porque o dinheiro que eles conseguirem aqui, das prestações, eles vão ter condições de fazer coisas melhores para as pessoas que estão inscritas.

— E algumas pessoas, eu tenho quase certeza, se inscreveram mais para negociar. Lutam para querer tirar os outros que se esforçaram, que estão trabalhando. É mais por interesse de vender a chave, fazerem negociação. E nós queremos é ter alguma coisa para nós, não é para fazer negócios assim, e estar passando chave para um, para outro.

— **Apareceu na "Zero Hora" uma certa divisão de vocês. Uma campanha contra a CI...**

— Sou contra isso aí, né? Querer tirar a CI para a COHAB tomar conta? Ué gente? Qual é?

— Para a COHAB entrar?

— Aliás esse negócio de tirar a CI, é a mesma coisa que a COHAB entrar. Sem a CI onde é que nós íamos parar? Onde a gente estava agora?

— Ah! Tirava nós tudo aqui de dentro.

— Porque eu acho que se a CI entrou desde o co-

meço, acho que ela tem que ficar... Até o fim.

— Seja o que Deus quiser...

— Porque lutou por nós...

— Porque se um dia nós tivermos que sair daqui, nós saímos todo mundo junto. Eu acho assim na minha opinião, eu jamais vou querer que entre outra turma deles, da COHAB. Mas Deus me livre! Eu prefiro mil vezes a CI, apesar de que estamos descarregando tudo neles. Isso aí eles não têm culpa porque estão dando força para nós.

— Estão nos apoiando.

— A união é que faz a força...

— Tudo o que a "Zero Hora" falou é mentira. Não dá para ir atrás disso.

— Tem voz mais ativa do que nós. Tem a voz ativa, é o nosso porta-voz.

— Agora, chegar e tirar a CI, botar outras pessoas que a gente nem sabe?

— Mas se tiver que vir o Presidente da República, seja o que for para vir e tirar eles, eu vou ser a primeira que vai ser contra. Se eles estão desde o começo, têm que ficar até o fim...

Sartori: "Cobrança impossível"

"Não será com invasões que serão resolvidos os problemas habitacionais". Esta afirmação foi feita, ontem, pelo secretário do Trabalho, Ação Social e Comunitária, José Ivo Sartori, após uma longa reunião com o governador Pedro Simon, no Palácio Piratini. Disse que estava surpreso diante da exigência feita à nova direção da COHAB, emposse-

da há pouco mais de 20 dias, de solucionar o problema de todos os conjuntos habitacionais. "Trata-se de uma cobrança impossível, pois neste curto período não podemos captar recursos e nem concluir os apartamentos, coisa que a COHAB planejava fazer em no máximo 60 a 70 dias", sublinhou o secretário.

Zero Hora, 22/4/87

Na "Zero Hora" de 22/4/87 um Secretário do governo declara que ocupações não resolveriam o problema.

No entanto, para as 10.500 pessoas do Onze de Abril, o problema foi resolvido. O governo é que não quer reconhecê-lo.

Aí eu liguei a tevê...

Nesta conversa está o Vilmar, coordenador de bloco e coordenador de quadra. Fala também o Ronaldo da CI e o pessoal que ia passando.

Pergunta: Como está o trabalho de coordenação?

— É o seguinte, o coordenador de quadra tem responsabilidade maior. A ele cabe a tarefa de levar, aos moradores de sua quadra, notícias das negociações com a COHAB, a Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE), a Companhia Riograndense de Saneamento (CORSAN) e trazer propostas para a coordenação. O líder de bloco tem a responsabilidade de organizar os moradores em cada bloco, identificar os moradores.

— Como é o esquema da visita?

— Nós temos uma lista dos moradores do bloco, que já está lotado. Quando chega alguém para visitar, verifica-se na lista o número do apartamento, para eliminar o fluxo de pessoas estranhas. O trabalho do coordenador de quadra é de muito maior responsabilidade. O cara tem que estar atento a oito blocos. De uma ponta a outra, são dezesseis famílias em cada bloco. Por exemplo, teve bloco aí com famílias ocupando apartamentos por dois ou três dias depois passando para parentes e os parentes largando um troco por cima daquela ocupação. Isso o coordenador de quadra não pode permitir. E de noite tem que organizar a segurança.

— Ontem o juiz decretou uma liminar dando cinco dias para vocês saírem daqui. Como é que fica?

— Nós vamos levar esta luta até o fim, para conseguir casa para a gente morar. Pagar aluguel? Nunca mais.

— Quando eu soube desta liminar, através de um morador no bloco 3, eu procurei a CI, através do

companheiro Antônio, que chamou uma reunião para debater a liminar, onde foram esclarecidos os moradores, que nem sabiam o que era uma liminar.

— O pessoal está se tranqüilizando?

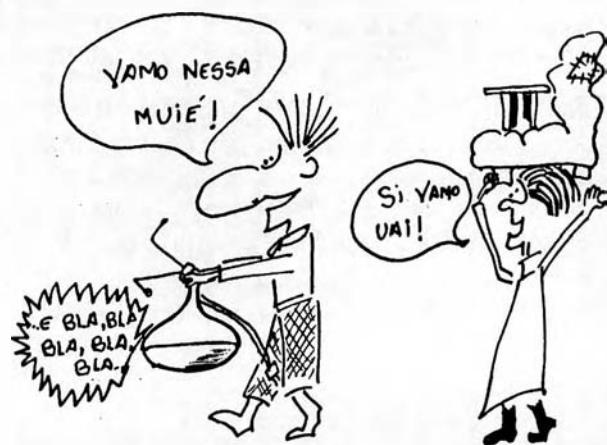
— Lógico, porque daqui a gente não sai mais. A maioria das pessoas já colocou os móveis pra dentro, e estão sentindo pela primeira vez o que é morar na casa própria.

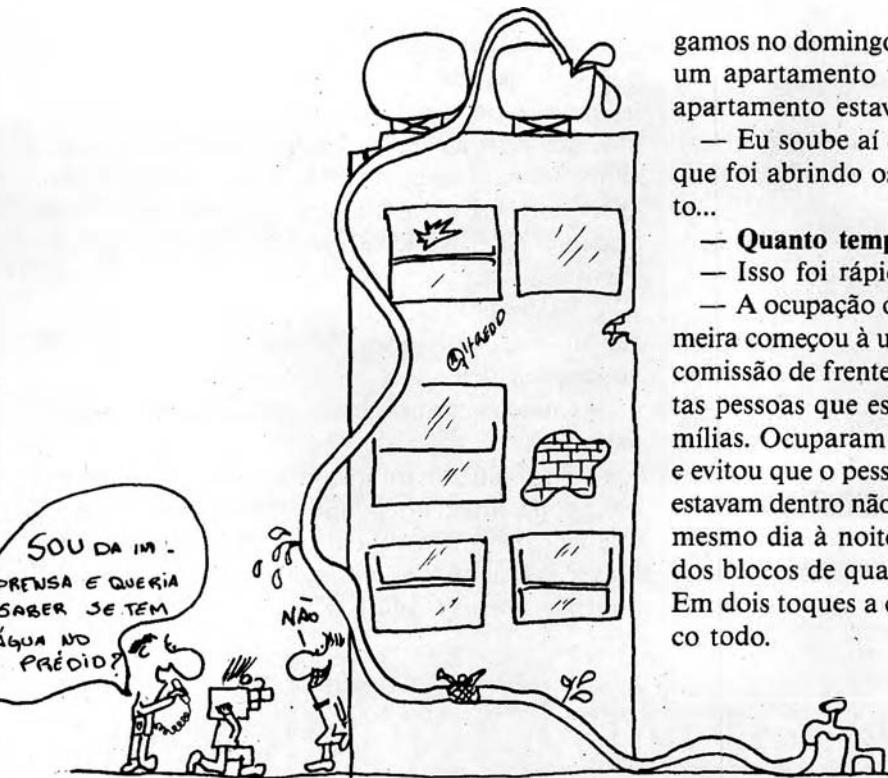
— O pessoal está alerta para o que está acontecendo. Está se mobilizando e de olho. A COHAB pode tentar se infiltrar para participar disto aqui.

— Não sei se vocês lembram aquele dia em que se afogou uma criança lá embaixo na sanga? Parece que um carro de um jornal, eu sei que o cara se ofereceu para levar de carro para o hospital. E ficaram aqui esperando dois repórteres. Aí um passou na frente do bloco e me olhou e foi com a minha cara. “Oi tudo bem? Vem cá, vocês têm água aí?”. “Não, não tem água”. Recém eu tinha vindo do registro para encher a caixa do nosso bloco. Ele olhou e viu o registro vazando água. O cara disse: “Tem água sim”. Olhou para a minha cara e eu só pude dar uma risadinha...

— Vilmar, qual é a tua profissão?

— Pedreiro. Isso é importante pra ver que não precisa ser intelectual para se organizar. O movimento serviu principalmente para mostrar que o povo pode se organizar sozinho para defender seus direitos, para fazer sua luta.





— Antes, onde tu moravas?

— Eu estava alugando uma casa no valor de 900 cruzados por mês e o salário que eu estava ganhando não dava. Quando veio o aumento não deu mais para pagar. Aí a minha esposa pegou uma senhora idosa para cuidar e morar lá em casa. Era tão apertada que nem deu para botar a cama das crianças. Dormiam no sofá. E o sufoco que era... No verão tinha de sair para a rua pra poder tomar um ar.

— Tens quantos filhos?

— Tenho duas gurias.

— A tua esposa acompanhou a invasão junto contigo? Como foi?

— Ah! Foi sábado à noite. Eu estava em casa. Tinha chegado de um bico que estava fazendo, para defender o leitinho das crianças e cheguei cansado. Tomei um banho, me deitei para descansar um pouco. Aí eu liguei a tevê... estava dando: "Ocupantes se apossam de núcleo da COHAB em Alvorada". A mulher chegou e disse: "Vamos embora pra lá". Prontamente botei a roupa e a mulher disse: "Não. Vamos deixar para amanhã que hoje está chovendo demais. Acho que vai valer a pena o sacrifício". Eu disse pra ela: "Vamos amanhã porque eu acho que vai estar mais calmo, tem polícia lá e as crianças não têm onde deixar. Isso aí é realmente contra-indicado". Não tinha onde deixar as crianças. Aí nós che-

gamos no domingo e tivemos a casualidade de achar um apartamento vago. Inclusive não arrombei, o apartamento estava aberto.

— Eu soube aí que teve uma comissão de frente que foi abrindo os apartamentos e deixando abertos...

— **Quanto tempo durou a invasão?**

— Isso foi rápido.

— A ocupação ocorreu em dois momentos. A primeira começou à uma hora da tarde. Não havia uma comissão de frente, mas um grupo de umas setecentas pessoas que estavam representando as suas famílias. Ocuparam os sobrados. Aí a polícia cercou e evitou que o pessoal continuasse a entrar, e os que estavam dentro não saíam. Depois foi liberado. Nesse mesmo dia à noite, começou a ocupação da parte dos blocos de quatro andares. Foi rápido também. Em dois toques a comissão de frente abria um bloco todo.

— Começou com este pessoal dos sobrados. De repente foi chegando gente, mais gente. Vinham de todos os lugares, e aí não teve outra, passamos para os blocos. Então lá nos blocos entrava um ou dois representantes de cada família. Aqui em cima começaram a vir famílias inteiras mas não traziam colchões e outras coisas. Nos primeiros dias dormiam nos carpetes. Não podia entrar com nada. Depois foi liberada a entrada do colchão. Mesmo assim o pessoal já tinha trazido antes, ali escondidos pelos matos.

— **E a polícia?**

— A polícia era meio pouca. Tinha uma viatura de Alvorada. Eles não puderam fazer nada por serem poucos e porque não tinham ordem nenhuma. Foi de surpresa. Eles estavam apenas de ronda. Mas em dois toques — acho que eles falaram no rádio da viatura — começou a descarregar caminhão de brigadianos. Aí sim, tinha polícia, mas apenas por momentos eles não permitiram que o pessoal de dentro saísse, e quem estivesse fora entrasse. Não podia entrar nem com alimentos. Mas, isso durou pouco. Depois o pessoal podia entrar e sair.

— Então a gente podia entrar trazendo alimentos e, de noite houve a ocupação da parte de cima. Aqui não houve barreira nenhuma, o pessoal entrava e saía. Os primeiros móveis e colchões entraram es-

condidos. Ontem (25/04) começou a liberar e a aparecer caminhão por aí... durante a madrugada era caminhão para cima e para baixo.

— **E vocês aí que são mulheres como é que ficaram? Com filho no colo e na frente da polícia? Deu medo?**

— Eu não tive medo. Eu fiquei com medo quando eles mandaram apagar as velas, aí sim dava medo de tremer...

— É bom esclarecer esse lance das velas...

— Não, a gente não pensou diretamente na gente, a gente pensou mais nas crianças, né? Medo de polícia, não tenho...

— O negócio das velas é o seguinte: Na ocupação eu e o Pedro estávamos na entrada dos blocos cuidando da polícia para o pessoal entrar com os fogões lá por trás. Dava um sinal e o pessoal passava correndo, com os fogões. Mas daí um "liquinho"

(pequeno bujão) vazou no prédio. O pessoal tirou o líquido pra fora e alguém mandou apagar as velas para evitar que incendiasse. Aí, não sei como, um cara mais atrapalhado saiu gritando por tudo aí que era para apagar a vela. "Apaga a vela". E gritava e corria. E assustou o pessoal. Até que a gente alcançou ele e explicou o lance. Como corria. Um cusco assustado (cusco = cão).

— Se der polícia, a primeira coisa que faço é pegar minha filha e salvar. Nós não importa, eu cuido muito é dela.

— **Como as crianças maiorzinhas ficaram na ocupação?**

— Eu vi um gurizinho com o capacete da polícia de choque, brincando, dando tirinhos com o capacete na cabeça, e o soldado do lado sem capacete. Elas se deram bem, as crianças, ficaram no meio dos policiais, conversando e tal...

UMA EXPERIÊNCIA MARCANTE

Relato de Elton Vergara Nunes, seminarista episcopal, sobre seu trabalho de entrevistar.

Estava saindo da aula no seminário quando os coordenadores do Núcleo/Sul do PP me abordaram: "Queres fazer a cobertura da ocupação em Alvorada?". Aceitei o desafio. Munido de gravador e máquina fotográfica reuni dez horas de gravação e cento e cinquenta fotos. Fui para a aventura, mesmo sem estar muito seguro do que estaria fazendo. Aceitar fazer um documentário da ocupação era coisa completamente nova para mim, acostumado ao trabalho teológico acadêmico. A coisa complicou-se mais ainda quando o documentário e o meu trabalho, passaram a ser orientados diretamente pela CI.

Durante todo um dia resolvi caminhar pelo Onze de Abril, vendo a vida pacata desta gente simples. Contagiando-me com a alegria das pessoas que agora tinham um teto que era seu. Experimentei o sabor da luta por justiça. Aprendi o sentido da frase: "A luta faz a lei". Ouvi de um dos ocupantes, rosto sereno e decidido: "A necessidade faz o direito". Eram esses os chamados "invasores", "esbulhadores", "foras-da-lei". Aqueles que assim os chamavam não podiam perceber o que sente um trabalhador, pai de família, sem teto. Aqueles fizeram a lei em seus palácios, estes a sofriam em seus barracos.

Enquanto caminhava e fotografava as ruas com os nomes que lhes deram os moradores, os blocos ornamentados, os canteiros limpos com desenhos formados por pequenas pedras pintadas de branco, senti um sonho materializando-se. Seria Canaã? A insegurança, o medo impostos pelo governo, pela polícia e pela COHAB, porém, acabavam com o sossego desse quase jardim.

Mesmo assim, ameaças, chantagens e xingamentos não silenciaram a liderança e os ocupantes que insistem em permanecer em seu novo lar. Houve pessoas que venderam chaves. A imprensa explorou isso, mas eu pude ver o empenho dos coordenadores em coibir tal "delito".

Durante alguns dias estive lá. Tentei manter-me neutro, não sentir coisa alguma, apenas registrar. Descobri, todavia, que se não falarmos, "as pedras clamaram". Não consigo perceber compromisso pessoal com Deus, desconectado do compromisso social com o povo de Deus. Há muito o que escrever, mas ouçamos melhor as palavras ditas pelos ocupantes. Só posso reconhecer que Deus mostrou-me que os profetas não podem calar.

CAPÍTULO III

O ONZE SE ORGANIZA



Central de Informações (CI): um serviço ao povo

SURGIMENTO DA CI

Havia a necessidade dos ocupantes criarem uma organização que garantisse sua permanência. Através da CI todas as informações foram centralizadas e passadas para o conjunto, de modo que ninguém se amedrontasse com o falatório que surgia, tentando evitar qualquer tumulto. Além disso, no primeiro momento, a CI organizou a eleição dos representantes de blocos e coordenadores de quadra. Na medida em que esta organização se manteve mais ou menos firme, a CI assumiu o papel de executar o que era deliberado pelo conjunto dos representantes, reunidos na coordenadoria. Além de manter-se cumprindo com a tarefa de INFORMAR OS MORADORES.

Pedro — depoimento

A CI surgiu, até por um fator psicológico, passando para a população um espírito de vitória. Dizia-se para os ocupantes que deviam ficar, que era necessário resistir e se organizar. A CI não fez apenas o trabalho organizativo, que era encaminhar a eleição de representantes e coordenadores, mas também, e, sobretudo, estivemos nas ruas colocando para o pessoal: "Vamos ficar, eles não terão coragem de tirar dez mil pessoas daqui. O negócio é ficar e trazer comida, água, roupas e colchão, tragam móveis. Vamos fazer as mudanças".

O trabalho da CI foi basicamente manter o pessoal com a moral elevada. Mas com a chegada da Brigada o pessoal começou a demonstrar preocupação. E então o cerco policial: quem saía não entrava mais. Um clima de medo e temor fez muita gente desistir da luta. Com isto a CI acumulou a tarefa de reocupar os apartamentos vagos. Além de apaziguar os ânimos evitando brigas, pelos mais diversos motivos, que iam desde questões pessoais, passando por alcoolismo, medo da repressão, brigas conjugais. Até exorcismos a CI andou fazendo. Na verdade a CI trabalhava vinte e cinco horas por dia, fazendo rondas de segurança e assistência.

AS CRÍTICAS À CI

Com o funcionamento da coordenadoria foram surgindo diferenças quanto às questões de negociação. Cumprindo sempre o papel de organismo de execução da coordenadoria, a CI encaminhava as decisões da maioria. Porém, uma minoria alicerçada por interesses partidários e que tinha interesses muito próximos dos da COHAB passou a criticar severamente o trabalho da CI pois esta era quem aparecia, até porque era quem executava as decisões majoritárias da coordenadoria. Além disso o coordenador teve sempre um papel mais localizado em sua quadra. A CI estava na ponta. Movimentando-se mais, então, quando alguém quer atacar, ataca o que mais aparece, mesmo que seja apenas um órgão executor. As críticas à CI basearam-se em dois aspectos ou métodos. Um que era a generalização para o conjunto da CI de aspectos do comportamento individual de um ou outro membro da CI. O outro era a calúnia pura e simples com o claro objetivo de desmoralizar o trabalho realizado e enfraquecer a organização. Este desgaste obedecia aos interesses políticos e particulares de um grupo minoritário e evidentemente serviu à COHAB. Esta foi a "divisão" do movimento."

Zé — depoimento

O processo de ocupação gerou o encontro de muitas pessoas desconhecidas, e, deste grupo, algumas pessoas foram procuradas pela COHAB. Foi este grupinho que se afastou por causa das discussões paralelas com a COHAB. Esses caras vêm com propostas altamente ruins para o pessoal. Eles fazem reuniões fechadas, quando convidam alguém é a COHAB. Esse pessoal saiu da coordenadoria porque estavam isolados e não conseguiram que a organização assumisse as propostas que interessavam à COHAB. A partir da sua saída, o grupo passou a atacar o órgão da coordenadoria que mais aparecia, com fococas e calúnias. Quando esse grupo passa a ser identificado pelo conjunto dos ocupantes, como elementos da COHAB, que estavam tentando



A CI de baixo.



Encarando a COHAB.

dividir o movimento e enfraquecer a organização, a pressão sobre eles aumenta. Eles então buscam formas de contra-atacar, e uma delas foi a ligação com o deputado Madureira, que viabiliza as denúncias nos jornais, de que o movimento estaria dividido, e que a CI era o lobo mau. Só faltou dizer que nós comíamos criancinhas.

Antônio — depoimento

BALANÇO DO PAPEL DA CI

A CI foi um tipo de organização comunitária, centralizada, que funcionou, que teve tarefas e as desempenhou muito bem. Tornou-se referência para as outras ocupações. O tipo de luta que se iniciou às 13 horas do dia 11 de abril e o tipo de organização que foi construída tem na CI a sua pedra fundamental. A CI projetou um leque de experiências que a coordenadoria levou adiante e a colocou na cabeça do movimento pelo direito à moradia em Alvorada.

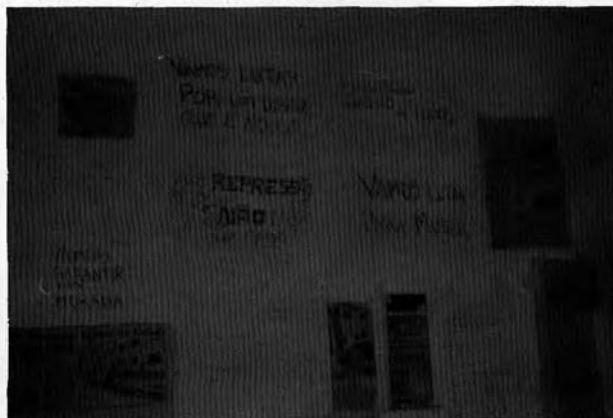
Esta é a história, ou uma parte da história da CI, e o início de um balanço e o aproveitamento de uma experiência muito rica, sobre a qual ainda temos muito que refletir. Outra coisa é que a experiência foi vivida por um coletivo bem mais amplo do que os depoentes e muito ainda tem a ser dito por este coletivo. Em função dos aspectos físicos do terreno e da distribuição das habitações, a CI trabalhava com duas equipes distintas mas com uma forte integração dos elementos e com os mesmos objetivos. Essa divisão preservou a homogeneidade dos objetivos e a diversidade dos aspectos específicos de cada área geográfica. Isto vai aparecer a seguir.

CI: SOBRADOS E BLOCOS

A distribuição geográfica do conjunto residencial impôs a criação de duas CIs, com o mesmo objetivo de orientação e organização dos moradores. Sendo a CI de baixo — sobrados; e a CI de cima — blocos. A CI de baixo organizava os coordenadores de quadra, a CI de cima estruturava os representantes dos blocos e coordenadores de quadra. A CI surgiu a princípio nos sobrados, pois ali a ocupação se iniciou à tarde e já à noite havia o embrião de uma coordenadoria sendo montada. Nos blocos, o trabalho de organização se iniciou na madrugada do dia 12. Esta diferença de tempo é, apesar de pequena, muito importante. O pessoal dos sobrados que foi trabalhar na CI já se conhecia na sua maioria. Isto agregado à forma que tomou a organização e a um menor número de habitações criou algumas diferenças de atuação. Tudo foi organizado em conjunto, porém com as características específicas de cada área.

Depoimento

O pessoal dos sobrados é mais conhecido entre si. Foram feitas uma série de reuniões na noite do dia 11, quando a ocupação dos blocos se iniciava. Nestas reuniões, como aconteceu nas "Malvinas" (ver Mapa, p. 00), para montar a coordenadoria, eram eleitas pessoas que se salientavam mais ou que mostravam maior interesse. Nem sempre os escolhidos corresponderam. A CI procurava fazer uma organização dos moradores por quadra. O pessoal dos blocos começou a se organizar elegendo os representantes de bloco, em um ritmo mais lento, devido principalmente, ao cerco da polícia de choque, e es-



Interior da CI de cima.

tes iam elegendo os coordenadores das quadras. A diferença de atuação na CI dos blocos, em relação à CI dos sobrados é que nos sobrados a CI acompanhou desde o início, o trabalho dos coordenadores de quadra. Esteve junto o tempo inteiro. Fazendo que a informação passasse diretamente. Nos blocos, dada a quantidade de ocupantes (1.328 famílias), teve que haver uma confiança muito maior, em uma organização muito inexperiente e por isso frágil. A maioria dos elementos que a compunham somente se conheceram na ocupação. Os coordenadores de quadra e representantes de bloco precisavam

de um apoio maior do que a CI foi capaz. Equipe esta que esteve envolvida muito profundamente com tarefas outras que não a organização e informação, mas que diziam respeito à permanência da ocupação, como o controle das vendas de apartamento, a reocupação de apartamentos, atendimento e remoção de doentes e acidentados, brigas, etc....

CONCLUSÃO POR QUE ACABOU A CI

Quando a coordenadoria já caminhava com as próprias pernas e sentiu o amadurecimento do movimento, a necessidade de fortalecimento da estrutura e a estabilização da ocupação, deu início ao processo de discussão sobre a Associação de Moradores. Procurando aproveitar a experiência da ocupação e daquela organização, optou por encerrar as atividades da CI e criar uma entidade que preservasse a democracia e representatividade das instâncias que o movimento de ocupação gerara e aprovara: uma Associação de Moradores forte com base em um Conselho Deliberativo representativo e democrático, controlado pelos moradores, tendo que prestar contas de seus atos em Assembléias Gerais capazes de se autoconvocarem.

A força para o Onze

Duas semanas de ocupação. Momentos de tensão e de alegria. No sábado, 25 de abril, os moradores começam a levantar um palanque, para falarem da sua decisão de lutar. Foram mais de duas horas de pronunciamentos, de fala do povo e das autoridades. Reunimos aqui vários pronunciamentos, alguns resumidos, outros apenas citações. A liderança popular distribui a fala para as autoridades. Emílio foi escolhido para apresentar as falas.

Emílio — É isso aí, minha gente. Vai abrir o nosso Ato Público uma companheira daqui da ocupação, a Bete.

— Companheiros e companheiras! Todo mundo, daqui da ocupação, tem o problema da moradia. A moradia reflete a nossa insegurança social, no nosso trabalho, perante a nossa família. E aí a gente resolveu se unir e ocupar o que estava totalmente abandonado. "Vamos ocupar o que é nosso." Sabendo que esses prédios são nosso dinheiro...
(Gritos do povo: "Ocupação... Ocupação...")

Gente! Me diz aí quem tinha casa antes de vir morar aqui? Ninguém! Isso aqui foi construído com o dinheiro do Fundo de Garantia. Ninguém nos perguntou se podia ser usado. É ou não é, pessoal? No dia da ocupação a gente passou fome, passou frio, sede... E agora nós estamos dentro do que é nosso.

Daqui ninguém vai sair. Os nossos filhos agora já têm teto pra morar e nós vamos lutar por isso. Carreguem as mudanças para nossos filhos terem uma cama para dormir. Ter fogão para cozinhar. Nós vamos ficar aqui dentro.

(Palavra de ordem da massa: "O povo unido jamais será vencido!")

Emílio — Aí, pessoal, vou chamar agora uma mulher de fé, a companheira Nica da Associação dos Moradores da Vila Campos Verdes.

— Até que enfim vocês tomaram uma atitude de vir pegar o que era de vocês e que há dois anos estava aí na nossa frente. Até que enfim eu tive a felicidade de ver o povo unido tomando conta dos apartamentos. É com união, companheiros,... chega de ficar esperando que alguém venha aqui fazer milagre pela classe trabalhadora. Chega de ser explorado. E não tem quem meta medo em nós. Unidos com a Associação da Campos Verdes, com a União das Associações de Moradores de Alvorada (UAMA), com o apoio da Câmara de Vereadores de Alvorada, que tem por obrigação de apoiar a nossa luta. Agora nós exigimos nosso direito de moradia. Chega de andar de galho em galho que nem macaco. Chegou a vez de ter o nosso lar, a nossa casa... Essas moradias são nossas. Fomos nós que as cons-



Início do ato público.

truímos, nós que compramos cada tijolo, somos nós que vamos morar. Chega do burguês vir fazer especulação imobiliária com o que é nosso. Chega da gente ser empurrado cada vez mais para longe. Estamos morando em Alvorada. Aqui não tem fábrica, é um fim de mundo, não tem condução, nem condições. E eles vão-nos jogando. Se nos tirarem daqui eu vou morar é na beira do rio... Porque eles têm vergonha do povo. Eles têm que esconder o povo, que nós começamos a cobrar o nosso direito a moradia. Eu, como representante da Campos Verdes, estou para o que der e vier com os companheiros... pra que dessa luta nós saímos vitoriosos. Até à vitória!...

Emílio — Meu amigo Luís Antônio, da Associação da Vila Salomé...

— Gente! Aqui estamos unidos para dar apoio a esses irmãos, que tanto lutam e lutaram por um teto. Até que agora conseguiram. Vejam a alegria no rosto dessas crianças... Vejam esses trabalhadores, essas pessoas que necessitavam tanto... E tem gente que ainda critica! Mas nós que somos vizinhos aqui dessa zona, nós viemos dar nosso apoio. E eu peço o apoio de todos vocês para nós lá também. Muito obrigado.

Emílio — Agora vai falar o Fernando lá do Passo do Feijó...

— Companheiros! No início a gente avaliou que umas sessenta famílias do nosso bairro tivessem vindo para cá. Hoje nem temos idéia. Na assembléia da minha Associação a gente se perguntou: será que o governo não vê que estão pressionando o povo? estão levando o povo ao desespero? Os proprietários dos imóveis estão elevando o preço dos aluguéis, não se encontra um barraco em Alvorada por menos de mil cruzados. Todos os companheiros aqui

se viam prestes a serem colocados na rua, despejados. E onde ia ter tantos viadutos? Tanta ponte para o pessoal morar debaixo? Do jeito que a coisa anda o povo não tem dinheiro nem para comprar meia dúzia de tábuas para invadir uma área verde. Nós do Passo do Feijó apoiamos a luta de vocês até o final, a qualquer preço.

Emílio — A Comissão de Direitos Humanos de Alvorada, retomando uma tradição de lutas. João Carlos vai falar pra gente...

— A Comissão de Direitos Humanos de Alvorada está nessa luta desde o começo. E digo que a organização de vocês desde o início já iniciou bem. Certamente irá chegar ao fim. A gente sabe que o nosso salário nem dá para conseguir a alimentação, quanto mais moradia. A Comissão está junto com vocês...

Emílio — Eu vou chamar a UAMA (União das Associações de Moradores de Alvorada), o presidente traz o apoio.

— Estou aqui hoje para dar total apoio a esta ocupação. Digo mais, damos total apoio, não arredamos o pé daqui...

Emílio — Ataíde, da Oposição Metalúrgica de Porto Alegre, vai falar conosco...

— Eu gostaria de dizer o seguinte, já que nós estamos ocupando os prédios e as casas, já houve a ligação da água por conta... se não ligarem a luz num prazo "x" os próprios moradores vão ligar. O apoio da Oposição Metalúrgica fica aqui para vocês (aplausos e gritos: "Queremos luz").

Emílio — O presidente da Câmara de Vereadores... Eles vêm aqui hoje, né? Deviam estar aqui há mais tempo!

(Risadas, alguém grita: "Tu não perde uma, hein?")



"Atitude de vir pegar o que era de vocês."



"Não arredamos o pé daqui."

— A Câmara não poderia deixar de vir dar o apoio total aos senhores que ocuparam de maneira justa e ordeira este loteamento...

Emílio — Olha aí, pessoal, tem uma novidade aqui. O Jardim Algarve neste momento está sendo ocupado... (Aplausos, gritos: "Ocupação... Ocupação..."). Eles prometem e não fazem, nós fazemos. Nós tomamos para nós o direito de conduzir a nossa vida... (Aplausos, gritos: "Ocupação... Ocupação..."). Agora fala o companheiro Couto pela FRA-CAB (Federação Riograndense de Associações Comunitárias de Amigos de Bairros).

— O governo pegou o dinheiro dos trabalhadores e não construiu esses prédios aqui para trabalhador morar. Foi para dar dinheiro para as salafrárias e vigaristas das construtoras. Foi por isso que naquele 11 de abril, a gente estava aqui. Quando se diz que o governo não constrói casas para o povo por incompetência é um engano. O governo não constrói porque não tem compromisso com os nossos interesses. Mas está comprometido com os interesses dos ricos, dos ladrões, dos agentes financeiros... Não temos outra coisa a fazer do que conquistar isso na marra. É um direito nosso. Até a vitória final a FRACAB está com vocês.

Emílio — A União das Associações de Canoas está nos apoiando. Com a palavra...

— Aqui a gente percebe o que está estampado no rosto de cada um dos companheiros: a esperança, a felicidade de ocupar aquilo que é nosso. Isto aqui não é invasão. Invasão é aquilo que o governo faz colocando tanques nas refinarias, espancando trabalhadores, entrando em nossos lares e tirando o alimento dos nossos filhos... Isso é invasão... (aplausos demorados). O povo do Guajuviras vai fazer como vocês, mostrar para todo o Brasil que nós va-

mos conquistar aquilo que é nosso. A vitória de vocês é fundamental para que o Guajuviras seja nosso...

Emílio — Vou chamar a Bernadete que vem lá de S. Leopoldo, do Movimento pela Garantia do Direito de Morar.

— Assim como vocês acordaram e viram essa quantidade de prédios desocupados, nós acordamos para uma área enorme de terra que fica entre S. Leopoldo e Novo Hamburgo. São 285 hectares de terra parados há mais de 47 anos. O pessoal lá já está se organizando e nós vamos tomar aquela terra na marra também... (aplausos). Vocês nos deram um exemplo de coragem. Obrigado...

Emílio — Agora vamos ouvir um pastor. Adão Cruz... (aplausos).

— Nós, por estarmos unidos numa batalha, em Deus nós seremos mais que vencedores... estamos aí nessa luta e cremos que já está vencida a batalha.

Emílio — Vai falar agora o Flavinho, pela Casa do Trabalhador de Alvorada.

— Nós conseguimos a nossa liberdade pela luta organizada, pela luta que vocês estão levando aqui, que é a luta de todos os trabalhadores. Isto aqui é de vocês, de todos nós trabalhadores, nós temos que dar o exemplo, nos organizar... Tem que acabar no nosso país esta palhaçada... Os acampados na Fazenda Anoni conquistaram terra para trabalhar. Nós aqui em Alvorada já conquistamos o hospital, agora o Onze de Abril. Temos muito que fazer, ainda tem o SOUL (Sociedade de Ônibus União — empresa que detém o monopólio do transporte coletivo em Alvorada). Vamos abrir nossos olhos. Eles vivem de nosso suor. Temos que lutar... Daqui vocês não devem sair. Nós não vamos sair, temos que segurar. Temos que brigar, levantar o povo... (gritos)



"Invasão é aquilo que o governo faz."

tos.... "Ocupação... Ocupação... Olé! Olá! Onze de Abril está botando pra quebrar...") (A massa vê o prefeito chegar e começa: "Queremos o prefeito... queremos o prefeito...")

Emílio — Ó Léo, vem dar o teu papo aqui. (Léo Barcellos, prefeito do PDT).

— Vamos lá! Bom! Muito obrigado. Em primeiro lugar eu quero, vocês me permitam, fazer meu agradecimento a todas as entidades aqui representadas. A elas o nosso agradecimento por estarem hoje aqui. Eu vou ser breve porque nós estamos aí no dia-a-dia. Vamos ouvir os companheiros que estão nos dando apoio. Porque nós estamos aqui todos os dias, juntos tentando resolver o nosso problema. Eu quero dizer que tive a coragem de denunciar isto que está aí. Denunciei essa barbaridade que acontecia em nosso Estado, e que vocês, organizados, tiveram a coragem de ocupar e que é de vocês... (aplausos). Eu estive aqui desde o primeiro dia, e estamos juntos com a Comissão Organizadora. Eu vou fazer um chamamento a vocês que continuem ordeiros, calmos e unidos, acreditando nesta Comissão Organizadora que está aí...

Emílio — É isso aí, prefeito! Nós temos a força da união e decisão. Vamos chamar o Ronaldo, do Movimento Ecológico de Alvorada...

— Aí, pessoal! A gente está sabendo que a burguesia lucra com a doença do povo. Lucra com a educação, e, no entanto, aqui em Alvorada tem milhares de crianças sem escola. O governo que nos deixa sem casa é o mesmo que permite às multinacionais da indústria química envenenarem a nossa comida e o rio Gravataí. É o mesmo que faz o desmatamento descontrolado. Então pessoal, vamos continuar lutando contra esse governo. Ocupamos isto aqui no dia 11 de abril e nunca mais vamos sair.



"Vamos abrir nossos olhos."

Aqui é o nosso lar. É aqui que nós vamos continuar morando, ninguém vai nos tirar... (gritos: "Ei... ei... ei... Fora com Sarney").

Emílio — O companheiro Júlio lá de Gravataí, das vilas da COHAB de lá, vai falar conosco...

— Em Gravataí nós tivemos o grande prazer, a grande satisfação de ver a Rede Globo, a tevê desse governo reacionário que está nos explorando, ter que noticiar em pleno domingo, em pleno Fantástico, que o povo corajoso, os homens corajosos de Alvorada tomaram o que era deles.

Emílio — Nós temos aqui, também o Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas.

— Na qualidade de assessor do Sindicato dos Metalúrgicos de Canoas, nós trazemos nossa solidariedade à luta dos companheiros. Estamos juntos nessa luta.

Emílio — O Francisco, do Sindicato dos Metalúrgicos de Porto Alegre.

— Tantas casas vazias, e onde ficam os nossos filhos? que não têm condição de estudar? que não têm condição de amanhã ou depois ser um homem, porque não pode. Vai ser marginal?... Nós temos é que lutar contra isso. Por isso nós não vamos sair daqui.

Emílio — A vereadora de Porto Alegre, Jussara Cony do PC do B...

— Eu não tenho a menor dúvida de que o 11 de abril já entrou para a história da luta do povo do Rio Grande, do povo brasileiro. Porque é assim, na luta, tomando o que é nosso que a gente faz a história deste país. E agora, companheiros, este lugar é de vocês...

Emílio — Vereador de Porto Alegre do PCB, Láro Hagemann.

— Não podemos esquecer daqueles companhei-



Guajuviras.

ros do campo que têm direito à terra para plantar. Todos temos que nos unir para que os companheiros possam manter esse conjunto em seu poder.

Emílio — Vereador Caio Lustosa, do PMDB de Porto Alegre, fala em seu nome pessoal.

— Tenho compromisso sério com a organização popular, com o restabelecimento dos direitos da coletividade que começa aqui, o direito fundamental: o direito de morar...

Emílio — Representando a Central Única dos Trabalhadores, CUT, o ex-presidente do Sindicato dos Bancários de Porto Alegre, José Fortunatti.

— Na verdade os trabalhadores fazem a riqueza deste país. Mas quem usufrui são as elites, os banqueiros, os latifundiários. São os "marajás", aqueles que não produzem, apenas exploram a classe trabalhadora. Nós trabalhadores, que somos a maioria neste país, produzimos as riquezas, plantamos os alimentos, fazemos o pão, as casas, os automóveis, temos que de uma vez por todas ocupar casas, os conjuntos habitacionais, as fábricas, temos que ocupar tudo neste país. Para que esta sociedade, que é injusta, se torne justa, torne-se uma sociedade dos trabalhadores.

Emílio — O deputado Estadual, Raul Pont, do PT.

— Nós apoiamos a luta de vocês. Defendo que os conjuntos habitacionais, construídos com o dinheiro dos trabalhadores, pelos trabalhadores, devem ser ocupados pelos trabalhadores. Sabemos que, se existe invasão neste país, é a invasão feita no nosso

bolso. É a invasão dos donos de supermercados, dos patrões de nossas indústrias, dos donos de empresas de ônibus que não têm nenhum controle público e ficam nos explorando... Nós sabemos que muito em breve estaremos também ocupando as fábricas para colocá-las sob o nosso controle. Vamos ocupar também os bancos... Isto aqui é o começo, nós, que trabalhamos e produzimos, temos que controlar este país.

Emílio — Mais um companheiro da casa, o Antônio...

— A nossa luta não é só aqui em Alvorada. Hoje é de todo o país. Hoje nós sabemos que os companheiros que estão na luta não vão desistir. Porque aqui é a nossa morada, e daqui não vamos arredar pé. Muitos políticos, antes de subir no poder, diziam que apoiavam o movimento popular, as ocupações. Agora declararam que isto é invasão, que é caso de polícia.

Nossa união e organização nos tem mostrado que nada se conquista sem luta. A nossa grande arma para vencer esta batalha é a organização, e isto a gente provou que realmente dá certo.

Emílio — Deputado Federal e Constituinte, Paulo Renato Paim do PT.

— Mostrando a firmeza, a consciência e a clareza desses que ocuparam o Onze de Abril, demos uma lição para os trabalhadores do Rio Grande e para esse governo que está aí... Ontem no Guajuviras, cerca de 10.000 pessoas estavam ocupando casas e apar-



"...a grama está plantada."

tamentos. Eu dizia para eles que eles tinham que ter orgulho e se espelhar no Onze de Abril. Eu comentava que aqui havia uma coordenadoria geral que era respeitada; dizia que eles deviam copiar o exemplo de vocês. E eles assim fizeram. Nós colocamos para a COHAB que nem mortos os trabalhadores saíam do Guajuviras. Isso mostra que a luta faz a lei... Lá no Guajuviras eles vieram com uma tal de liminar. Um juiz do governo, que é dos patrões, deu. Os trabalhadores disseram: "Com liminar, sem liminar daqui nós não saímos, e daqui ninguém nos tira". Poderá acontecer, mais hoje, mais amanhã, eles virem aqui no Onze de Abril, com uma liminar. Eu acho mais é que nós temos que repetir: "Daqui ninguém sai daqui ninguém nos tira... Patrão, capital, governo, não se metam aqui no Onze de Abril..." Tenho certeza que o mato que vocês deixaram crescer e invadir as casas não crescerá mais, vai começar a brotar a grama, as flores, os jardins. Hoje eu vejo que a grama já está plantada, que os cordões já estão pintados, e os jardins arrumados, em frente de cada bloco... Você têm que confiar é nos líderes de vocês, eles é que vão ficar aqui... Não se enganem com discursos. Não somos nós, são vocês mesmos. É cada um de vocês que tem que ser um líder. Você estão formando aqui uma escola. Cada criança que neste momento corre aqui na frente, lá nos pátios dos prédios, cada criança que ouve esse discurso, está nesta escola... Elas têm a imagem da fibra

e raça dos pais que ocuparam isto aqui. Eles têm que dizer: "Esses são os meus heróis, o pai a mãe". Companheiros, com Brigada, com COHAB, com governo, sem governo, não importa. Importa é a união dos operários. Nessa união vocês estão dando uma lição para os piás da vila, a lição de que a luta faz a lei. É a luta, a gana, a fibra de cada um de vocês que faz com que estes blocos sejam de vocês. É essa fibra que faz o governo recuar. O governo tenta dizer pelos grandes jornais que é a CUT, o PT, os partidos progressistas que estão por trás disto. Eu digo que partido progressista não tem que estar atrás, tem que estar na frente... a grande transformação do país é cada um de vocês. Eu tenho dito que não estou atrás de um general montado num cavalo branco. Eu quero sim é que os operários em conjunto caminhem, avancem e tomem o poder. Me disseram que era importante eu lembrar a caminhada pelas diretas. Eu tenho dito que nós na verdade, os trabalhadores, nunca votamos para presidente. É que neste país, militar, latifundiário, patrão, já foram presidentes. Essa luta aqui já é vitoriosa. Apostem em vocês mesmos. É importante o apoio político, mas muito mais importantes são os coordenadores de quadra e representantes de blocos. A coordenadoria, essa é que tem de ser a grande referência de vocês, do movimento. Termino dizendo: trabalhador unido jamais será vencido (*aplausos*).

Eu sou Igreja e me ponho à disposição...

O Núcleo Sul do Programa de Assessoria à Pastoral Protestante (CEDI) realizou, no dia 20 de junho de 1987, um seminário sobre prática do movimento popular de periferia. Nesse seminário reuniram-se agentes de pastoral protestante e lideranças do Onze de Abril. Trazemos aqui trechos dessa discussão.

Pergunta — Eu gostaria que vocês colocassem melhor essa questão da liderança de vocês.

— Olha, a gente tem que ter uma atividade de base para ser líder. Essa atividade também limita a autoridade da gente. Eu tive, numa certa hora, que decidir por dezenas de famílias. Essas famílias me elegeram. Se eu estiver votando ou fazendo uma proposta eu tenho certeza de uma coisa, essas famílias me apóiam. Acreditam em mim. Agora, se eu não tiver nenhuma família nas minhas costas, que me elegeu diretamente, e a quem tenho de prestar conta de cada um dos meus atos, eu posso decidir o que eu quiser e não tenho o menor comprometimento. Posso fazer um esforço extremamente revolucionário e depois a massa não sabe disso. Este foi um dos cuidados que a gente teve lá. Garantir que o representante de bloco tivesse voz e voto. Que cada um tivesse sua tarefa específica que era de manter o elo entre as famílias e a Central de Informação, num primeiro momento, e depois com a Coordenadoria Geral, a qual, pra nós, se constituiu, o tempo inteiro, na direção política do conjunto.

— Gostaria que se falasse sobre a proposta de contrato da COHAB.

— Nós não assumimos contrato, exatamente, porque tínhamos esta visão política. A gente teve uma discussão anterior sobre o contrato. Nós aproveitamos a experiência do Guajuviras, porque eles antes tentaram matar o Guajuviras, pois é a maior de todas as ocupações. Eles ganharam com isso um grande peso político.

— Esse contrato tem que ser exatamente como a COHAB propõe?

— É por isso que a gente já saiu com a proposta do 10%. É uma proposta para iniciar a discussão e a negociação. Agora não é só uma proposta econômica, mas muito política. Falamos em 10% e ao mesmo tempo a gente coloca assim: “Olha, do meu bolso estão tirando o Fundo de Garantia que cor-



A cruz no Onze: paz, união e fé — a vitória virá.

responde a 8,5% do total do meu salário, há vinte e dois anos. Agora eu consegui uma casa. Aí eu mesmo ofereço 10% do salário mínimo, e vocês acham que é pouco! E o que é que vocês me tiraram nestes vinte e dois anos? E não é por que eu entrei pra dentro da casa que vocês vão parar de me tirar? De repente um cara ganha três salários, já são 25,5% de um salário mínimo, mais os 10% e já está em 35,5% do salário mínimo. Isso dá uma discussão claramente política. Esses 10% não são para pagar a casa ocupada, pois esta já está paga, mas para a formação de um fundo que servirá para construir novas casas e esse Fundo será diretamente controlado pelos moradores. Queremos participar em todas as fases do projeto, desde a formação do Fundo até o sorteio e entrega das chaves. Isto é o que chamamos poder popular, ou o embrião de um poder popular que se inicia com uma maior participação no controle dos bens públicos.

— Não é pedir demais?

— Muita gente dizia: “De que adianta se organizar? Ou vocês não vão mudar nada.” A gente está conseguindo organizar a população que agora é maior que muito município do Rio Grande do Sul e fazendo funcionar. São mais de dez mil pessoas. Nestes sessenta dias a coordenadoria já foi padre, pastor, polícia, juiz, prefeito, médico. Foi tudo! Isso mostra que temos capacidade, inclusive para discutir e definir a política habitacional no município de Alvorada, no Estado e no Brasil. Quando a gen-

te entrou lá pra dentro não sabia como ia se organizar, não sabíamos como é que chegamos, os dez mil, lá dentro. Não tenho a menor idéia. Sério mesmo! Ninguém teria tempo suficiente para organizar tanta gente antecipadamente. Com o tempo, permanecendo esta vontade do coletivo, essa disposição de ir à luta organizadamente, se pode organizar muito mais gente. Se pode definir muito mais coisas. E se pode exigir muito mais, com a mesma justiça com que se faz esta proposta. Acho que esta ligação a gente está aprendendo junto com dez mil pessoas.

— Vocês, mesmo a partir da questão da moradia, estão tocando em questões mais profundas. Como é que se dá isso?

— Quando a gente trata só da questão econômica a gente não mexe na questão do poder. A gente só pede. Na medida em que tu não discutes o que te leva a pedir, tu aceitas que haja quem pode ou não dar, reconheces nele o dono da coisa que tu podes. A partir do momento em que a gente começa a pedir coletivamente, aquele que está mandando desaparece. A percepção disto permite que internamente a gente comece a discutir o que significa a construção de um poder nosso, do coletivo, capaz de ir mais longe do que pedir, e passar a exigir. É a forma de enfrentar a autoridade municipal, estadual ou federal que não está cumprindo com o seu papel real, moral, legal, de justiça e de direito, que nos faz avançar e aprofundar o questionamento. Isto é o que te permite formar um poder de decisão, um poder de mando popular, de cobrar aquilo que é teu.

— E a “Nova República” como vê o movimento de vocês?

— Os compromissos que a “Nova República” tem com os grandes, são o que define o tratamento a nós dispensado. Para eles nós somos os invasores, perturbadores da ordem pública, mas ninguém desta “Nova República” foi capaz de entender que quem abriu as portas do Onze foi a “Tia Neci” como dizemos, ou a necessidade como todo mundo entende.

— Como é a ação da liderança do Onze de Abril? Existem aqueles que não concordam com o processo da liderança?

— Existe uma unidade muito grande, baseada na necessidade. Existem divergências baseadas na forma de como resolver as necessidades. A necessidade de morar, de proteger nossos filhos é um dado. A partir disto nós vamos ver dentro do Onze outras propostas de como resolver isto. A proposta aceita pela maioria é que mantém ou derruba uma lide-

rança. Evidentemente nem todos têm uma clara percepção do que seja um processo de decisão democrática, e por esse motivo termina por se retirar ou se afastar da disputa da liderança e até tentar um paralelismo em termos de organização. Mas este fenômeno ainda não pode ser considerado como importante dentro do Onze. No processo de negociação, algumas divergências têm ocorrido em cima de pontos específicos, como a ligação da luz, o encaminhamento disto. Outra coisa é o trabalho de infiltração feito pela COHAB, com a finalidade de enfraquecer o movimento, mas isto também, no total, não pode ser muito considerado. O grande problema é que a COHAB, e seus amigos, não têm muito a oferecer, até porque este órgão do governo está muito próximo da falência, e não tem muita margem de manobra. Além de não conhecer a nossa realidade.

— Que balanço vocês têm da COHAB?

— A COHAB, no nosso entender e no de qualquer pessoa racional, medianamente informada e que pense sobre o assunto, é uma empresa com uma política falida. Além disso está entre a cruz e duas espadas. Deve um monte para o que era o BNH, atualmente a Caixa Econômica, está sendo acionada pelos contemplados e brigando conosco. Nesta situação não resta outra coisa a fazer, sob pena de ter que pedir para deixar de existir, a não ser nos tratar como um caso de polícia. Pode-se entender, mas não aceitar, que estes senhores que dirigem a COHAB se recusem a sentar conosco e discutir uma forma de pagamento, sem ter que apelar para a chantagem, a coação, a repressão, como no caso das ligações de luz. No jogo sujo de impor um cadastro, sem explicar pra que serviria esse cadastro, para que se obtivesse um serviço de infra-estrutura, que é de obrigação do Estado, é que aparece a real face dos homens da COHAB, que são homens da “Nova República”. Seria muito mais inteligente da parte da COHAB aceitar a discussão conosco, do que nos obrigar a enfrentar esta estratégia com imaginação e inteligência ao ponto de invalidarmos inteiramente o levantamento que nos impuseram: “Está bem, já que vocês fazem questão, vão levar um cadastramento, mas à moda da casa”. E eles acham que conseguiram o que queriam.

— Eles devem estar assustados. Como alguém na comunidade pobre, com uma cultura bem pequena, essa gente pobre está tão bem organizada, para fazer tantas reivindicações dentro da lei? É possível ter alguém com tanto conhecimento dentro de um Onze de Abril?

— Vou usar um exemplo: Tem um companheiro, que é motorista de ônibus em uma empresa, e é capaz de dar todo o processo de custos desta empresa. Ele sabe exatamente como o patrão faz para tirar o máximo de lucro. Sabe melhor do que qualquer outro concorrente do ramo do patrão dele. A melhor professora do mundo come na nossa mesa. A "Tia Neci" como chamamos lá tem um saber incrível, é ela que nos ensina como fazer e o que fazer, assim como também nos obriga a entender o porquê de estarmos fazendo. E depois tem uma coisa que a gente aprendeu lá: uma coisa é o que tu sabes, particularmente, outra coisa é o que eu sei, particularmente, e o que nós dois sabemos juntos é uma terceira coisa, bem maior que a soma de nós dois. A COHAB se assustou foi com o que a gente, os dez mil, aprendeu um do outro. É por isso que eles dizem que existe uma organização política lá dentro, dizendo: "Vocês têm que dizer isto, fazer aquilo, reivindicar tal coisa". Eles ficam apavorados e nem percebem que boa parte do que está acontecendo é da responsabilidade deles.

— Pessoal, eu sou marinheiro aposentado. Conheço mais o exterior que o Brasil. Pra dizer a verdade, estudei até o terceiro ano primário. Quando trabalhava, a gente ia pra carregar cento e quinze mil toneladas de carga no navio, com trezentos e nove metros de comprimento, uma imensidão. Vinham lá três ou quatro engenheiros pra bordo. Engenheiros formados, homens de grande gabarito, vinham pra carregar o navio. Eu era um simples mestre de cabotagem. Iam prá lá e botavam o computador pra funcionar. Nunca deu uma coisa certa. O imediato me mandava chamar: "Vai lá chamar o mestre gaúcho". Eu vinha: "Vai lá ensinar pra esses caras como é que se faz a carga do navio". Eu nunca cheguei na frente dos computadores deles. Passava longe. Eu digo mais pros senhores: É preciso ter teoria, mas os senhores não fazem nada sem a prática, só com teoria. Agora, eu fazia uma prática sem a teoria, no Onze a gente sempre procura pensar o que se faz e o que se fez.

— Este documento aqui é o contrato de empreitada que fazem entre si a COHAB-RS e as firmas CR Almeida e HD. Este contrato eles não conheciam. Os atuais diretores da COHAB nem tinham conhecimento da existência dele. Este outro é a escritura e hipoteca da terra em que foi construído o Onze. Estão arquivados na Associação dos Moradores da Vila Campos Verdes, ali do lado do Onze. Aliás não tem como se falar da ocupação dos pré-



O cadastro no Guajuviras: liberdade?



Ocupantes lêem o Caderno do CEDI nº 16.

dios do Onze sem conhecer a história da luta dessa vila. Porque é lá que está a origem da nossa luta. Não são as mesmas pessoas, mas o fio da história é o mesmo, e a experiência vem desde lá (Sobre a Campos, ver cadernos do CEDI nº 16 "Periferia: Desafio à Unidade"). Boa parte da documentação que a gente tem estava lá no arquivo da Campos. Dentro da COHAB, eles nem sabem onde está. Esta semana o pessoal da COHAB disse que esse documento era uma concorrência. Nós dissemos: "Não, é o contrato". E o advogado deles foi obrigado a esclarecer o diretor que aquilo realmente era o contrato. A Campos tem uma Associação bem organizada e uma história de lutas que vem desde 1979.

— **Como é que está a comunicação? É difícil fazer comunicação com tanta gente?**

— Tudo passa pela reuniões de coordenadoria. Chegam as notícias de fora através da Frente Gaúcha pela Garantia do Direito de Morar, o grupo de apoio. As notícias de dentro é o povão que nos passa mesmo. Na quadra em que eu moro são nove sobrados com quatro apartamentos. A minha tarefa

é passar as informações que recebo na coordenadoria para as famílias, que são trinta e seis.

— **Tem algum informativo, para passar para a comunidade?**

— Essa é uma grande dificuldade.

— É uma transmissão mais oral, por dois motivos: a dinâmica é muito grande em termos de informação, outra é que nós precisamos — além de levar a informação — receber a avaliação dessas informações. Então o coordenador de quadras e os representantes de blocos fazem este meio campo. Só assim a coordenadoria pode tomar decisões em sintonia com os moradores.

— **Como é a participação das igrejas no Onze de Abril?**

— Pouca, quase nada! Teve um pastor, pentecostal, lá no ato público. Eu acho que nesse movimento elas quase não tiveram participação.

— A gente tem uma outra coisa que é o cristão isolado, solto, tendo uma formação cristã. É o cara que tem uma organicidade na sua fé cristã, tem uma Igreja. Igreja, até onde eu percebo, é a organicidade que os cristãos dão a sua fé. Nesse nível a gente tem que citar a força que a pastora Rosana (IECLB) tem-nos dado.

— **Existe no Onze de Abril uma preocupação com a questão educacional?**

— A coordenadoria criou uma comissão de edu-

— **Você tem 14 anos? O que tu pensas dessa luta?**

— Ah! Sei lá, depende, né? Eu estou achando um pouco complicado. Eu penso assim, que em relação ao pessoal não está assim totalmente seguro. Porque de repente podemos ficar aqui e pode chegar alguém e dizer: "ô, tem que sair".

— **Tu te sentes agora moradora de uma casa que é tua?**

— Claro. Vim com minha família toda. Estamos lutando pelo direito que é nosso.

— **Estudas? Onde?**

— Eu estudo na quinta série. Eu estudava num colégio, no Partenon, em Porto Alegre. Morava em Viamão. Agora eu não sei, porque os colégios estão em greve. Até foi bom que a gente pode ocupar aqui sem perder aula! Eu queria poder fazer a transferência. Os meus pais gostariam que eu estudasse em colégio estadual. Eu nunca estudei em colégio municipal.

cação que trata da questão, em dois níveis: a construção de mais escolas; e o ensino de primeiro grau completo. Apesar de nos mexermos com lentidão, a preocupação existe. Ainda que no momento o problema educacional está um pouco amortizado pela



A creche.



A qualidade da construção.

greve dos professores. E o pessoal vem de lugares diferentes onde seus filhos estavam matriculados. Além disso tem o problema do analfabetismo, que não é pequeno. Isto está ligado com um problema mais geral, no município, que é carência enorme de estabelecimentos de ensino. São cento e cinqüenta mil habitantes e uma escola de segundo grau. O que pensamos é poder, a médio prazo, trabalhar com o ensino supletivo. Na área do Onze de Abril tem uma única escola — quatro salas, um refeitório e uma secretaria — que é fruto da luta da Campos Verdes, mas é provisória. Construída com chapas de cimento/amianto. O caso é sério. A mobília se conseguiu por acaso. A Delegacia de Ensino mandou uma carga de cadeiras e mesas para ser entregue na vila Vale Verde e acabaram entregando por engano na Campos Verdes. Depois voltaram para buscar e o pessoal não deixou levar: "Ah! Não vai levar, não! Agora não vai mais embora, de jeito nenhum". Reuniram a turma e seguraram. Daí ficou. Estamos estudando a possibilidade de um curso supletivo à noite, nessas quatro salas. A idéia é fazer a alfabetização, o fundamental primeira à quarta série, supletivo de primeiro grau e tentar o supletivo de segundo grau. Vamos tentar organizar uma equipe de professores para isso. Temos alguns lá no Onze e vamos completar com gente de fora.

— **Essa estrutura seria aparelhada pelo Estado?**

— Não sei se entendi a tua questão. Mas a escola não só é o professor e nós vamos à luta para conseguir o que necessitamos.

— **Quantas crianças tem lá?**

— É difícil de dizer... Posso dar uma dica assim: a maioria dos moradores são casais jovens ainda, a família não está completa; tem muita criança com idade que não atinge o colégio, ainda.

— **Tem alguma creche?**

— Tem uma creche sustentada pela Associação da Campos Verdes. Eles atendem sessenta crianças com três funcionários. Como eles conseguem? Eu não queria entrar nesse mistério. Tem também uma professora que dá aula no prézinho.

— Bom! Todos os apartamentos ali ocupados têm criança. Praticamente todos. Imagina: 2.040 apartamentos. Uma creche chega?

— **Até que ponto a ocupação está alterando a estrutura da nossa sociedade? Tem algum avanço?**

— Acho que tem avanços na questão organizativa, e, a nível de consciência também. Mas a gente não pode se iludir. A gente tem que perceber que, no meio do jogo todo, aparece muito timidamente a proposta de gestão coletiva do Onze de Abril. Existe uma luta mas não está sendo contestada, em momento algum, a idéia da apropriação privada. Esta idéia faz parte do sistema em que vivemos hoje e ela não está sendo contestada.

— **Vocês entraram e quebraram este esquema da propriedade privada, na prática, mas não o esquema que está dentro das cabeças dos próprios ocupantes. É isso que tu quiseste dizer?**

— Eu não sou o dono da máquina de produzir casas. Essa máquina produziu as casas e as deixou estocadas ali, ao lado da Vila Campos Verdes. O que nós fizemos foi assaltar o depósito das mercadorias estocadas, que eram as casas.

— **É isso que eu queria colocar. Acho que o problema que vai pintar agora é o seguinte: a máquina não vai mais produzir casas. Então o movimento de ocupação tem um limite. Ele vai até onde existirem casas para serem ocupadas. Então como é que fica?**

— No futuro eles vão pensar duas vezes antes de construir qualquer tipo de casa.

— Na minha opinião eles deverão construir em quantidades maiores e simplificá-las.

— Acho que tem que voltar para os fundamentos do BNH. O que acontecia antigamente? Eles faziam loteamentos e vendiam a prestação. Mais da metade da Vila Americana, o Passo do Feijó, lá em

Niterói (Canoas), em Viamão, foi assim. Então depois de pagar o terreno, o cara ia lá na Caixa e tirava um financiamento com juro bem pequeno para comprar o material e construir sua casa. Era o tal de Crédito Hipotecário Popular. Claro que não se deve sair do Onze de Abril. Mas antigamente era assim que se arrumava casa.

— Antigamente se construía tudo isso com barro. Em Cachoeirinha tem uma experiência assim. Fizeram a construção com barro. É um barro bem arenoso misturado com cinza. Além disso hoje ainda dá pra construir uma casa simples por cem mil. Desde que não fosse rebocada, nem pintada. Bom, eu que vou morar dentro, eu que pinto, faço o resto do acabamento...

— Mas se a gente falar num outro lado, a coisa complica. Dificilmente hoje o senhor pega um empregado na indústria ou no comércio, que não tenha que fazer horas extras para completar o orçamento mínimo de sustentação da família. Daí que a carga de sobretrabalho — horas extras — mais o trabalho normal, na sua proposta, aumenta com a construção da casa. De onde sai tanta energia? O outro lado é que se o senhor não tiver onde morar, com um mínimo de condições de saúde, não vai ter condições de produzir nada. Se a gente chegar hoje no Morro da Palha, em Alvorada, fazendo um levantamento entre aquela população, quem tem carteira assinada? Quem tem trabalho fixo? Vamos ver que a grande dificuldade daquelas pessoas é ganhar um salário que lhes permita sair do lugar onde moram e chegar ao emprego e ainda sobre alguma coisa da remuneração para dar o sustento mínimo necessário à família... As empresas precisam que o trabalhador more com o mínimo de condições. Só assim vão poder continuar explorando o seu trabalho. Como podemos pensar em sobrecarregar o trabalhador com a construção da própria casa? Casa esta que não vai lhe proporcionar qualquer ganho extra, mas sim vai dar condições a seu patrão lhe explorar melhor. Isto é justo? É justo que um trabalhador saia de casa às cinco da manhã, viaje por quase duas horas, trabalhe as regulamentares oito horas, faça mais duas, três ou mais horas extras, viaje de volta outras duas horas e tenha que, no fim de semana, construir a sua casa?

— Tem um outro lado aí. De repente, com a nossa luta, muito neguinho que não acreditava ser capaz de fazer, está fazendo. Muita gente que não tinha a mínima experiência para a organização popular, nem sequer sonhava com isso, de repente den-

tro deste “mexe” (agitação) que deu lá, se virar na obrigação de fazer, de ter que segurar...

— E o pessoal parece que está gostando. Está se dando conta que não é mais só aquela historinha: vai trabalhar, volta pra casa, conversa com a mulher. Conversa, come, dorme e vai trabalhar. Vai pra lá obedecer patrão. Trabalha o dia inteiro, cumpre o horário, bate o ponto e volta para casa. A coisa mudou e na discussão, na troca de experiência, na troca de idéias, começou a sentir o gosto pela coisa. Começaram a ver que funciona, que é possível. E está disposto a ir mais longe.

— Na Assembléia Legislativa há um movimento pela CPI da COHAB. O deputado Mário Madureira está se destacando na imprensa. O que vocês pensam?

— Eu não sei de nenhum bom trabalho que este cara tenha feito. Talvez com os mutuários... mas não sei. Afinal ele se elegeu em cima disso...

— Eu sou curioso, queria saber quanto alcançou a conta bancária dele...

— Olha! De repente a gente está sendo enganado. Aliás essa questão dos mutuários começou na AJIPA (Associação do Jardim Porto Alegre), no Jardim Porto Alegre — Alvorada — que com toda a organização que tinha, não resistiu à ação dele. Ele, que não tem um trabalho popular, é um trabalho profissional e com interesse bem definido, era um advogado que não tinha clientela. Ele e o Flor Édison se ligaram a uma necessidade do povo em determinado momento, se aproveitaram dela para se projetarem pessoalmente. Hoje seu Flor é diretor da FGT (Fundação Gaúcha do Trabalho), cargo de confiança do secretário do Trabalho. Ele é deputado. Só vejo projeção pessoal, nenhuma preocupação com o coletivo...

— Ele foi convidado a participar de um ato público no dia 25 de abril. Não se fez presente, dando uma demonstração clara de que não nos apoiava. Logo em seguida, a “convite” de algumas pessoas lá de dentro — que não por acaso estão trabalhando hoje com a COHAB — esteve lá dando discurso e fazendo propostas as mais safadas possíveis. Foi corrido lá de dentro e a corrida foi tão grande que chegou na Assembléia Legislativa, lá no gabinete dele, onde falamos: “Olha aqui ó meu! Se tu for de novo incomodar na nossa casa, nós sabemos o teu endereço, e, vamos incomodar na tua casa. Portanto te coloca no teu lugar”. A idéia dele era ir pra lá fazer o que já estava fazendo em outros conjuntos habitacionais ocupados: criar uma direção pa-

ralela, manipulada pela COHAB, contra o interesse dos moradores.

— **Esse cidadão não pertencia à FRACAB?**

— Pertencia sim, era diretor do departamento de Habitação...

— Foi exonerado do cargo e acabou levando os arquivos dos mutuários que a FRACAB tinha...

— Carregou com todos os arquivos que a FRACAB tinha organizado lá dentro. Os arquivos na verdade eram dos mutuários e estavam sob a guarda da FRACAB. Porque isso aí vai dar voto pra ele por muito tempo.

— Pois eu participo do movimento dos sem-teto aqui de S. Leopoldo e Novo Hamburgo. O povo está se organizando e a proposta é conseguir uma área de 276 hectares que pertence ao Montepio da Família Militar, que deu esta fraude toda. Fizeram uma caminhada até esta área, que também é solicitada pelos industriais, para ser distrito industrial. Daqui a pouco pinta o Mário Madureira lá no meio e daí já chega a "Zero Hora". E já sai entrevistando o cara: "Eu acho que aqui o caso é meio a meio".... Quer dizer, assim é que eles agem: o povo está lá lutando por alguma coisa, ele vem lá onde está o povo e fala pelo povo.

— Pois é quando a gente fez esta passeata lá na Assembléia, a "Zero Hora" deu um espaçozinho assim, e ainda mudou tudo. Mas nós estamos achando que o método também é válido para jornais e estamos pensando no assunto. Porque é um absurdo o que a grande imprensa faz com a gente. O tempo todo nós fomos invasores para a "Zero Hora" e o "Correio do Povo". E a gente cansou de repetir: não somos invasores somos ocupantes.

— **Eu tinha muita vontade que a gente pudesse tentar traçar alguma coisa, muito simples, muito tímida, que a gente pudesse colocar aqui nesse seminário. Até talvez como um desafio pra gente...**

— Não sei se eu posso falar, mas acho que as ocupações foram um avanço. Agora é que aparecem aqueles que dividem, os que não são sinceros. Estão justamente do outro lado. E quanto ao papel da Igreja, eu vou falar que eu sou Igreja. Cada um de nós é Igreja. Então eu vou falar como Igreja. Eu me ponho à disposição, acho que o meu grupo lá na igreja também. Na minha igreja, a episcopal, nem todos vão concordar com os senhores ocupantes. Mas eu como Igreja me ponho à disposição, tudo na justiça e no melhor para o próximo, especialmente o pobre.

— É isso aí, dona Terezinha...

— Eu acho que não pode ser muito papo, nem muita conversa, nem muito papel (gastando papel a gente tem que cortar árvore). Se vamos fazer alguma coisa, não podemos esperar uma igreja de milhões. Mas eu sou uma, então começo por mim.

— O exemplo é essencial, é a Igreja a ensinar a repartir. Nós que somos Igreja, nem sempre nós temos sobrando, mas o pouco que nós temos podemos repartir com o outro. Dando exemplo, vamos ensinar os adultos a repartir. A gente também tem que lembrar que não adianta dar o peixe, mas ensinar a pescar.

— Deixa eu falar uma coisa pastor? Hoje a grande dificuldade é chegar nos peixes. Hoje mais do que nunca, se trata de uma luta pelo poder. Na verdade quem decide, quem vai morar nas casas, é quem tem o poder. Quer dizer, eles estavam impedindo a gente de chegar na beira do rio. Não nos interessa receber uma casa de presente. Podiam até nos dar a vara de pescar, como muitos políticos fizeram, arrumando uma indicação para se conseguir uma casinha da COHAB. Nós queremos mais. Nós queremos ter acesso ao rio, e a gente mesmo escolher se precisa pescar de vara ou de rede...

— A Igreja, pra mim, é uma instituição eminentemente política, enquanto estrutura. Ela tem que ser trabalhada, dentro dela, o tempo inteiro em favor dos oprimidos. Ela tem que discutir um pouco mais a nossa sociedade, do que apenas fazer caridade. Eu falo isto como quem está fora da estrutura de qualquer Igreja, ainda. Mas é uma coisa que eu vejo que ela precisa fazer hoje, pois a Igreja tem um papel dentro desta sociedade. Não recuso, de jeito nenhum, o oferecimento que a Terezinha fez, que o senhor fez. Não estou negando a mão estendida. Mas eu preciso mais que esta mão estendida. Eu preciso uma cabeça, uma intenção a mais. Vai valer mais do que a mão estendida. Nós precisamos a vontade de mudar isto aí, o social. Para que esta mão estendida seja de outros também...

— Acho que o pessoal chamado de invasores, teve a coragem, teve a capacidade de fazer aquilo a que todo cidadão tem direito. Porque se todos tivessem a coragem de fazer isto, de enfrentar... Porque muita gente dá com a língua nos dentes contra o motorista ou o cobrador do ônibus, mas não vai lá no dono da empresa reclamar. Eu acho que nós temos que partir pra luta, não pela violência, mas pelos nossos direitos. Nós não vamos prejudicar ninguém, nem destruir ou estragar nada. Na igreja nós

somos muito acomodados. Não fazemos nada e ainda criticamos os que fazem.

— Na minha igreja houve uma coisa que ajudou muito. Muitos paroquianos não tinham teto e entraram lá no Guajuviras. Com isso mudaram, sem querer, a sua concepção religiosa.

— A nossa igreja também está saindo daquela linha conservadora e entrando mais nessa parte progressista. Então a gente está abrindo os olhos para muita coisa. Inclusive a minha igreja a gente cede para associações de moradores. Eles fazem reuniões na nossa igreja.

— Eu queria chamar a atenção sobre um outro ponto: a imprensa. Eles jamais dão uma notícia contra um cara que tenha uma boa conta de propaganda. E o governo sempre tem boas contas. A imprensa é comércio, só que tem um imenso crédito com os cristãos. Todos independentes de igreja recebem uma

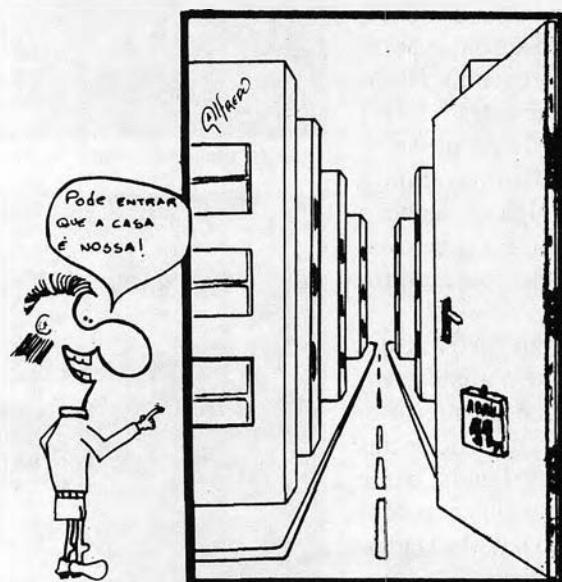
enorme influência da imprensa. Eu acho que as igrejas numa ação mais ecumênica podiam pensar num jornal um pouco mais aberto, mais comprometido com o movimento popular. As igrejas e o movimento popular ganhariam um espaço enorme de grande. Existem alguns esforços, mas ainda é independente. Na luterana eu sei que tem um jornal que circula. A gente enfrenta uma força terrível. A gente tinha uma informação para dar, e o "Fantástico" dava outra, era a confusão formada. E olha que a gente tem uma organização colada na base, um representante de cada dezesseis famílias. Mesmo assim a dificuldade para desmentir uma televisão, é terrível.

— Pessoal, está chegando o momento de encerrar. Eu queria convidar o reverendo para encerrar este seminário com uma oração:

Baixamos nossa fronte Senhor; diante de ti para te louvar por este maravilhoso dia que aqui tivemos...

CAPÍTULO IV

O ONZE TEM FUTURO



Saúde

A questão da saúde é bastante abrangente, incluindo medidas preventivas, como coleta de lixo, sistema de esgoto, educação, abastecimento alimentar, eletricidade etc...

Com luta conseguimos uma coleta de lixo, esporádica e mal feita, que continua favorecendo o acúmulo de lixo nas calçadas, locais abertos, e no valão, que margeia o conjunto, propiciando o surgimento de moscas, mosquitos e outros insetos prejudiciais à saúde. As pressões sobre a prefeitura vêm sendo sempre acompanhadas de propostas que visam resolver o problema sem, no entanto, constranger o município a gastos incabíveis. Exemplo disso é a proposta de construção de lixeiras de alvenaria com tampas, e a construção de um reboque que serviria de depósito durante a semana, viabilizando a sua remoção com baixo custo uma vez por semana. Está sendo discutido para médio prazo, o aproveitamento do lixo via biodigestor ou outras alternativas sobre as quais uma comissão pesquisa. Apesar das precárias condições dos esgotos não temos condições de atacar o problema sem antes resolver nas negociações uma maior definição da nossa situação. No entanto já foram feitas algumas tratativas com a CORSAN, solicitando alguma atenção para a conclusão de um projeto visando o aproveitamento das águas servidas do núcleo para a produção de gás.

Quanto ao fornecimento de energia elétrica, depois de muita luta, conseguimos que o atendimento tivesse início também em condições de precariedade. A falta de transformadores causa deficiências na rede, porém já obtivemos que fosse ligada, o que nos afasta do tempo em que tivemos problemas com o uso de velas como única iluminação à noite. Dando continuidade à luta, estamos reivindicando a complementação da rede e preços justos nas tarifas.

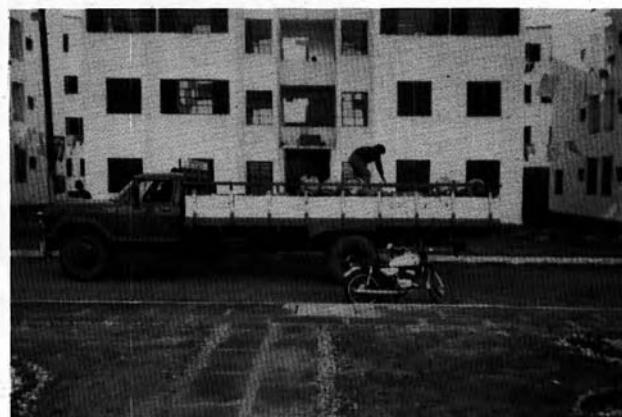
O abastecimento continua sendo um problema para nós, ainda que reduzido pela presença uma vez por semana de um caminhão da COBAL e pelo floreamento de um sem-número de pequenos comerciantes ao redor do Onze de Abril. No entanto estamos discutindo e procurando contatos buscando viabilizar um projeto de venda direta do produtor ao consumidor e até mesmo buscando formas de desenvolver entre nós uma produção que nos permita



O lixo se acumula.

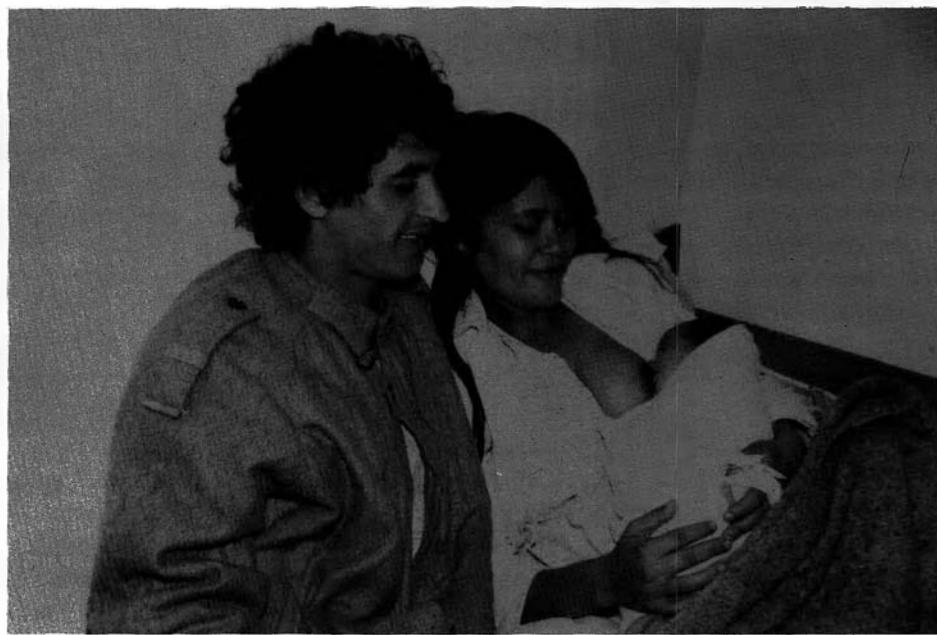


Fazendo a feira no Onze.



Distribuição de gás no conjunto.

fazer a troca de produtos entre produtores. Temos já a certeza de que isto não só diminuirá o custo das mercadorias como tenderá a uma melhora sensível da qualidade. Não nos restam dúvidas de que o projeto deve passar por um processo de amadurecimento que requer algum tempo para ser implantado e, até mesmo, podemos dizer que não ultrapassamos um período de pensar o projeto. Além de envolver ou-



Ocupante e mãe.



Atender à criança.

tras pessoas com outras situações de vida e de necessidades diferentes das nossas como os colonos dos assentamentos.

A Sociedade de Amparo e Ação Social (SAMPAS) é uma entidade que já funciona há algum tempo e está em fase de formalização. Nasceu com o nome de Fundação do Menor Carente Onze de Abril, surgiu da necessidade de se atender a mais de um milhar de crianças carentes com menos de dez anos de idade. Propunha-se, desde o início, a buscar recursos para essa clientela junto aos órgãos públicos e privados, recursos desde o vestuário, alimentação, até formas de remoção para os hospitais de Porto Alegre para os casos mais emergenciais. A maior

conquista da SAMPAS, com o apoio da coordenação, foi a colocação em funcionamento de um posto avançado da Secretaria da Saúde do Estado, e a indicação de um pediatra para que a prefeitura contratasse e passasse a atender no Onze de Abril. Também a indicação de pessoal para trabalhar no posto médico, com o fornecimento de medicamentos e serviços de ambulatório. A SAMPAS vem cumprindo com seus compromissos, ainda que não esteja integralmente legalizada a sua situação. Em breve estará. Como também em breve estará em funcionamento um curso de formação de agentes de saúde. Esses agentes de saúde, são pessoas da comunidade, treinadas para prestar esclarecimentos, desenvolver campanhas e realizar os primeiros atendimentos em casos emergenciais. Com isso os atendimentos de casos mais graves é que serão feitos pelos médicos, o que permite uma sensível melhora no atendimento prestado por estes, em função de reduzir a sobrecarga, causada pela desinformação e pela falta de uma medicina preventiva. A prevenção de doenças deverá ser o forte da atuação dos agentes de saúde. Para este projeto, provavelmente buscaremos o apoio de uma instituição religiosa, possibilitando com isto a viabilização de técnicos em nutrição, enfermagem e medicina.

Educação e lazer

Alvorada não tem escolas, professores e verbas. Na verdade a cidade está carente em todo o seu sistema de ensino. As ocupações em Alvorada vieram agravar ainda mais esse problema com o ingresso de mais de dez mil pessoas, o que deu a bordoada final no caótico e deficiente ensino público.

Projetos do Onze de Abril

Curso de alfabetização para adultos, que vise a alfabetização popular junto com uma visão crítica da realidade. A idéia é desenvolver essa alfabetização com base no método Paulo Freire.

Escola profissionalizante voltada para as necessidades profissionais e aspirações dos jovens da região, buscando desenvolver nesses o gosto pela prática ligada à teoria, e garantir uma vida decente para o futuro.

Biblioteca pública: desenvolver e ampliar a biblioteca já existente e definir um espaço físico onde colocá-la. Desenvolver um programa cultural que busque suprir as necessidades do desenvolvimento individual e coletivo dos moradores do conjunto.

Teatro: incentivar a criação de grupos de teatro para participar dentro e fora do núcleo. Criar espaço para apresentação de outros grupos dentro do conjunto.

Esporte: O incentivo e o desenvolvimento de equipes e torneios internos do conjunto e uma ênfase no estímulo da prática de esporte por jovens e crianças, voltados para o esporte olímpico e jogos nacionais.

Iluminação/ calçamento/ transporte/ segurança

Os problemas de infra-estrutura no Onze de Abril, além de serem problemas técnicos, são questões políticas. Essa é uma conclusão lógica, pois tudo o que se conseguiu até aqui foi através da pressão popular. A iluminação é um exemplo de como têm sido tratadas essas questões. Se nos primeiros momentos não tínhamos luz em nossas casas — e conseguimos através de uma luta organizada —, agora temos que brigar pela iluminação pública, nas ruas. Essa reivindicação é fruto da consolidação da ocupação. No início queríamos moradia e depois energia elétrica, agora queremos também circular com um mínimo de segurança, à noite. Os problemas técnicos confundem-se com as posições adotadas pela COHAB, de não querer se responsabilizar pela instalação e funcionamento da rede pública e querer repassar para a prefeitura. A prefeitura alega que não tem verba. A solução desta situação deve seguir o que se tem feito até hoje. Por um lado pressionando os organismos do Estado e prefeitura para que estes façam um plano de manutenção da rede pública, dividindo custos e tarefas, pois este é um dever dos órgãos públicos. Tirem dinheiro de onde tirarem. Por outro lado a organização apresenta propostas alternativas, mais simples e econômicas. Por exemplo para que fotocélulas se podemos ter uma chave geral na casa de um companheiro que se encarregaria de ligar e desligar todos os dias a rede de iluminação pública? Claro que este companheiro seria escolhido pelos organismos de representação popular.

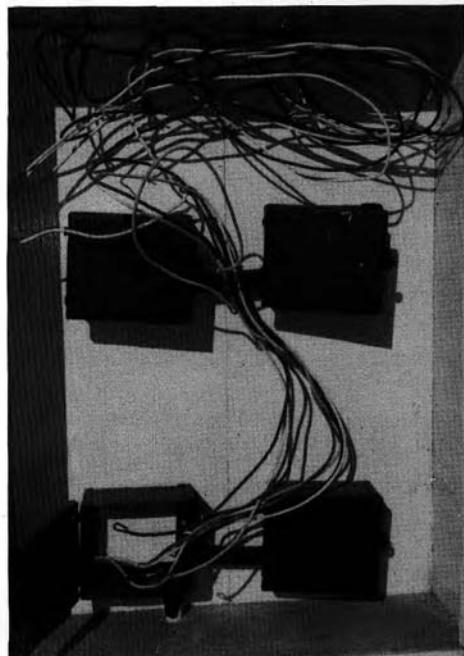
Mas não se resume a iluminação pública às nossas propostas. Em termos de transporte coletivo o que vemos é uma possibilidade grande de viabilizarmos o funcionamento muito mais racional e barato de linhas expressas entre o nosso local de moradia e o centro urbano. Não temos técnicos em transporte coletivo entre nós, mas temos entre nós as duas faces de uma mesma problemática. Temos entre nós motoristas e usuários, com largo conhecimento de causa. Nos nossos estudos aparece com clareza toda a racionalização dos custos da empre-



O povo conquista a luz...



A qualidade do transporte.



... que recebeu assim da COHAB.

sa monopolista do transporte coletivo em nosso município, e sabemos quanto ela ganha. Sabemos que seus lucros são enormes e que sua preocupação com a qualidade do serviço prestado inexiste. Temos cálculos detalhados do custo de funcionamento de uma associação de usuários que administre o funcionamento de uma linha regular de transporte coletivo e ao mesmo tempo possa colocar à disposição das entidades do movimento popular uma carga horária ociosa, garantindo com isso o pleno desenvolvimento de uma extensa programação de lazer, que envolve deslocamento de uma massa maior de pessoas. O projeto existe, está pronto. O estudo da via-

bilidade legal está em andamento. Por certo uma experiência nova, mas, no Onze, temos que ter soluções novas.

Quanto à pavimentação, a nossa proposta tem que ser vista de um ângulo de racionalização de custos que envolve uma profunda responsabilidade política com a administração da "Coisa-Pública". É perfeitamente viável a pavimentação de apenas algumas ruas aquelas em que circula o transporte mais pesado. Mas o que dizemos é que é viável. Não dizemos que seja suficiente. No nosso entendimento é preciso que se combine a pavimentação das ruas com maior carga de tráfego, com a limitação de trânsito nas outras, além de complementar este trabalho com a construção de passarelas para o deslocamento de transeuntes em direção a paradas de ônibus, locais de abastecimento, escolas, creches, postos de saúde e a outros equipamentos comunitários. Quem faria tais obras de infra-estrutura? Como? Isto também envolveria uma combinação. Na medida em que a COHAB tem interesse em comercializar o Onze, deveria arcar com parcela do investimento, a prefeitura com outra parcela, a Sociedade de Ônibus União Ltda. (SOUL) com outra. A prefeitura, comparece porque é o seu papel social definido legalmente, e recolhe impostos para isso. A SOUL, não há a menor dúvida, de que lucraria muito com a pavimentação e seria interessante aplicar uma parte desse lucro socialmente em benefício dos usuários.

Acho que seria importante abrir uma discussão sobre a aplicação de pedágio para empresas distribuidoras, que comerciam lucrando com o abastecimento na região. As formas que iriam tomar a aplicação desta taxação é que devem entrar em questão. A viabilização disto sob o controle popular está sendo pauta nas nossas reuniões.

Quanto à segurança, o que teríamos com a implantação dessa sistemática de trabalho envolvendo a população, não temos dúvida que a consequência lógica seria um aumento da segurança e uma consequente racionalização dos efetivos da repressão, e um custo social bem menor.



É preciso dar segurança também para Michele, o segundo bebê nascido no conjunto.

CONCLUSÃO



"Tomar o próprio destino em suas mãos."

Concluir?

Não podemos concluir nada. Nem este trabalho, nem a luta do Onze. Este trabalho, por uma razão óbvia, conta uma história da produção dos homens por si mesmos, conta uma dinâmica, a dinâmica da vida. E como tal não pode apresentar uma conclusão, pode é gerar consequências. E isto não é a mesma coisa. Concluir é pôr fim a alguma coisa. E mataríamos a dinâmica se corrêssemos o risco de concluir. E como tentar prender a beleza do vôo de um pássaro em gaiola de arame! É querer fazer do vento um sopro entre as mãos, porque o vento nos emociona. Somente a morte — e nem sempre ela — consegue isto. Sem ilusões a respeito, temos que tirar consequências do ato praticado, temos que aprender. Aprendemos nós e todos os que quiserem refletir juntos conosco. O valor deste aprendizado comum, nós com a nossa capacidade de autocrítica, e quem mais quiser contribuir com as críticas que fizerem, foi o que buscamos. Isto nos obriga a dizer que não nos entendemos como pais de nada, nem deste trabalho, nem da luta do Onze. Temos claro o entendimento de que nada e ninguém pode determinar o rumo da existência humana. Podemos desenhar muitas possibilidades do desenvolvimento, e isto nos orienta politicamente, mas não dispomos de instrumentos capazes de nos garantirem a determinação do que virá a ocorrer no futuro. Concluir, o que quer que seja agora, não seria mais do que expressar um desejo ou um sonho, e não temos o direito de sonhar sem termos um consciente exame da realidade.

A consequência mais imediata de termos feito este trabalho, sentimos nós. Descobrimos que somos capazes de fazer isto. Que se tivermos condições, continuaremos fazendo uma teoria da prática que tivemos. Descobrimos, também, que fazendo este trabalho negamos a

separação entre os que fazem e os que pensam sobre o que é feito. Como decorrência, sincera, esperamos ver outros tentarem o mesmo caminho.

Como último ponto — mistura de consequência/desejo/conclusão — a ser tocado, a crença de que este nosso trabalho possa servir como base para uma luta concreta em defesa dos direitos de quem vive o lado de cá do mundo, o lado dos oprimidos. O lado de quem geralmente carrega o piano para os outros tocarem. O lado de quem geralmente não está acostumado a sentir o gosto ou o valor daquilo que faz. Só o que os “doutores fazem” é que é bom, e valorizado. Porque assim é que se dá a mais infame das dominações. Aquela que é feita dentro de nós, na nossa cabeça. Aquela que faz com que aceitemos a condição de subseres humanos, porque não “sabemos”. Se não “sabemos” não podemos. Se não podemos não fazemos. Se não fizermos estamos acomodados. Esta é a regra fundamental para os dominadores: ACOMODEM-SE! vocês não “sabem”!

A consequência/desejo, que queríamos ver acontecendo em outros lugares, e aqui já acontece, é que outros dominados se DESACOMODEM. Outros resolvam tomar o próprio destino em suas mãos. Decidindo por si mesmos o fazer a sua vida.

Impresso por
Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda.
Rua Santana, 136/138 (edifício próprio)
Tel.: 224-7732 (PABX)
Rio de Janeiro — RJ

